

A CASA NO FIM DO MUNDO

William Hope Hodgson

InfoLivros.org



SINOPSE DA A CASA NO FIM DO MUNDO

A Casa no Fim do Mundo é um romance que mistura magistralmente o terror sobrenatural e a fantasia. Alguns dos eventos narrados no livro são considerados por muitos críticos como únicos neste tipo de literatura, pelo menos até o ano de sua publicação em 1908.

Um homem vive numa casa na Irlanda, onde experimenta uma série de encontros assustadores com criaturas que parecem emergir das profundezas deste lugar. Esta viagem de pesadelo é o resultado da abertura do homem de um portal para outra dimensão.

Além das criaturas aterradoras com as quais ele tem que lidar, o protagonista será levado a uma jornada cósmica na qual aprenderá sobre o início e o fim do universo.

Se você quiser ler mais sobre este livro, você pode visitar o seguinte link

[A Casa no Fim do Mundo por William Hope Hodgson em InfoLivros.org](#)

Se desejar ler este trabalho noutras línguas, basta clicar nos links correspondentes:

- Inglês InfoBooks.org: [The house on the borderland author William Hope Hodgson](#)
 - Espanhol InfoLibros.org: [La casa en el confín de la tierra autor William Hope Hodgson](#)
 - Francês InfoLivres.org: [La maison au bout du monde auteur William Hope Hodgson](#)
-

Se quiser aceder à nossa biblioteca digital com mais de 3.500 livros para ler e descarregar gratuitamente, convidamo-lo a visitar esta página:

- [+3,500 livros gratuitos em formato PDF em InfoLivros.org](#)

CAPITULO I

A Descoberta do Manuscrito

Na distante costa Oeste da Irlanda há um lugarejo chamado Kraighten, localizado solitariamente no sopé de uma colina baixa. Ao seu redor estende-se uma região deserta, estéril e totalmente inóspita onde, a grandes intervalos, aqui e ali, pode-se achar as ruínas de chácaras há muito descuidadas, quase descobertas, mas ainda de pé. Todo o território está desnudo e desabitado e a própria terra mal recobre a rocha que há por debaixo, e que ali aflora abundantemente do solo em serras ondulantes.

Porém, apesar desta desolação, meu amigo Tonnison e eu escolhemos passar nossas férias lá. Ele tinha encontrado o lugar por mero acaso no ano anterior, em meio a uma longa caminhada, e descoberto oportunidades para um pescador em um riacho pequeno e sem nome que passa ao largo do pequeno vilarejo.

Eu disse que o rio não tem nome, mas devo acrescentar que ele não consta de nenhum mapa que eu já consultei, e nem o vilarejo. Eles parecem ter escapado inteiramente à observação.

Na verdade eles podem nem mesmo existir, pelo que os guias normalmente dizem. Em parte isto pode se dever ao fato de que a estação ferroviária mais próxima, Ardrahan, está a uns sessenta e cinco quilômetros de distância.

Foi pouco depois do entardecer, em uma noite morna, que meu amigo e eu chegamos a Kraighten. Tínhamos desembarcado em Ardrahan na noite anterior e dormido lá, em quartos alugados na agência de correios local, que deixamos bem cedo na manhã seguinte, agarrados precariamente a uma das típicas carruagens de passeio.

Nos custou o dia inteiro para completar nossa viagem através de uma das piores estradas que se possa imaginar, de forma que estávamos exaustos e bastante mal humorados. Mesmo assim, a tenda tinha que ser armada e nossas provisões, guardadas em segurança antes de pensarmos em comer ou descansar. E então começamos a trabalhar, com a ajuda de nosso condutor, de forma que armamos a tenda sobre um pequeno descampado logo ao redor da aldeia, bem perto do rio.

Nesse momento, depois de termos guardado todos os nossos pertences, dispensamos o condutor, porque ele tinha de tomar o caminho de volta tão rápido quanto possível, e lhe pedimos

que voltasse para nos buscar ao fim de uma quinzena. Tínhamos trazido conosco provisões suficientes para durar tal período e poderíamos beber da água do riacho. De combustível não precisávamos, porque tínhamos incluído um fogareiro a óleo entre nossos equipamentos e também o tempo andava morno e límpido.

Foi ideia de Tonnison acampar em vez de buscar abrigo em uma chácara. Tal como disse, não havia graça alguma em dormir num grande salão com uma numerosa família de irlandeses em um canto e o chiqueiro no outro, enquanto acima de nós uma colônia de aves empoleiradas distribuía suas bênçãos imparcialmente, sendo o lugar tão denso de fumaça de turfa que nos fazia arrebentar o nariz de tanto espirrar tão logo transpusessemos a porta de entrada.

Tonnison acendera o fogareiro e estava distraído cortando fatias de bacon para fritar, então peguei a chaleira e fui ao rio buscar água. A caminho passei por um grupo de pessoas do vilarejo, que me olharam com curiosidade, mas não inamistosamente, embora nenhuma arriscasse uma palavra.

Quando voltava com a chaleira, fui até eles e depois de um gesto amistoso, a que eles responderam da mesma forma,

perguntei-lhes a respeito da pesca. Em vez de me responderem, eles apenas gesticularam em silêncio,

encarando-me. Repeti a pergunta, dirigindo mais particularmente a um indivíduo alto e magro que estava ao meu lado. Mais uma vez não obtive resposta. Então esse homem se voltou para um de seus companheiros e disse algo rapidamente em uma língua que não consegui entender; após o que, todo grupo deles começou a tagarelar naquela língua que, depois de alguns minutos, adivinhei ser o mais puro irlandês. Ao mesmo tempo eles lançaram muitos olhares em minha direção. Por um minuto, talvez, eles conversaram entre si desta forma, então o homem ao qual eu me dirigira encarou-me e disse algo. Pela expressão e seu rosto eu adivinhei que ele estava, por sua vez, me fazendo uma pergunta, mas foi a minha vez de balançar a cabeça para indicar que não tinha entendido o que queria saber. Desta forma, ficamos olhando um para o outro até eu ouvir Tonnison me chamando para ir depressa com a chaleira. Então, com um sorriso e um gesto, eu os deixei, e todos no pequeno grupo também sorriram e gesticularam por sua vez, embora suas faces traíssem seu embaraço.

Era evidente, refleti enquanto voltava para a tenda, que os habitantes daquelas poucas cabanas no descampado não conheceriam uma palavra sequer de inglês. Quando contei isso

ao Tonnison, ele acrescentou que já sabia do fato e que, ainda mais, tal não era incomum naquela parte do país, onde as pessoas ainda viviam e morriam em seus vilarejos isolados sem nunca entrarem em contato com o mundo exterior.

— Gostaria que o condutor tivesse servido de intérprete para nós antes de ir-se — observei ao me sentar para comer — parece-me estranho que o povo desse lugar nem chegue a saber para que viemos.

Tonnison grunhiu de acordo e depois ficou em silêncio por um momento.

Depois, tento satisfeito nossos apetites de certo modo, começamos a conversar, fazendo planos para a manhã. Então, depois de fumarmos, fechamos a borda da tenda e nos preparamos para deitar.

— Creio que não há nenhuma chance daqueles camaradas lá fora roubarem alguma coisa? — perguntei enquanto nos enrolávamos nos cobertores.

Tonnison disse que não pensava assim, pelo menos enquanto estivéssemos por perto e, como disse a seguir, poderíamos por tudo, exceto a tenda, no grande cesto que havíamos trazido para nossas provisões. Eu concordei com isso, e então logo adormecemos.

Na manhã seguinte, bem cedo nos levantamos e fomos tomar um banho no riacho, depois do que nos vestimos e tomamos o desjejum. Desempacotamos então nossa aparelhagem de pesca e a verificamos. Quando terminamos, nossas refeições já haviam sido parcialmente digeridas e nós guardamos tudo dentro da tenda e nos dirigimos ao rumo que o meu amigo havia explorado em sua visita anterior.

Ao longo do dia nós pescamos alegremente, subindo sempre contra a correnteza, e ao cair a noite tínhamos um dos mais belos cestos de peixes que eu tinha visto em anos. Retornando ao povoado, fizemos bons pratos de nosso pescado e depois de selecionarmos os melhores peixes para o desjejum seguinte, presenteamos os demais ao grupo de locais que havia se reunido a uma distância respeitável para vigiar nossos passos. Eles pareceram muito gratos e nos lançaram sobre nossas cabeças o que presumimos ser uma montanha de bênçãos em irlandês.

Assim passamos vários dias, desfrutando de um esplêndido esporte e gozando de apetites que faziam justiça às nossas presas. Ficamos satisfeitos em descobrir o quão amistosos os habitantes do vilarejo estavam inclinados a ser, e que não havia nenhum sinal de que tivessem se metido com nossos pertences durante nossas ausências.

Fora numa quinta-feira que chegáramos a Kraighten, e foi no domingo seguinte que fizemos uma grande descoberta. Até então havíamos sempre subido contra a correnteza, mas naquele dia nós deixamos de lado nossos bastões e, levando algumas provisões, partimos para uma longa caminhada na direção oposta. O dia estava morno e andamos nos divertindo bastante, parando por volta do meio dia para comer nosso almoço sobre uma grande pedra achatada perto da margem do rio. Depois disso nos sentamos e fumamos um pouco, recomeçando nossa caminhada só quando nos cansamos da inação.

Por talvez mais uma hora nós continuamos em frente, conversando calma e confortavelmente sobre este ou aquele assunto, e em vários momentos paramos enquanto meu amigo — que é quase um artista — rascunhava aspectos destacados da paisagem selvagem.

Então, sem nenhum tipo de aviso, o rio que havíamos seguido tão confiantemente, chegou a um fim abrupto, desaparecendo pelo chão adentro.

— Bom Deus! — eu disse — quem teria pensado nisso?

E eu olhei maravilhado, depois me virei para o Tonnison. Ele estava observando, com uma expressão pálida no rosto, o lugar onde o rio desaparecia.

Então ele falou.

— Vamos continuar um pouco. Ele pode reaparecer mais adiante. De qualquer forma, é algo que merece ser investigado.

Concordei e continuamos mais um pouco, embora sem muita direção, porque não tínhamos nenhuma certeza de qual direção seguir em nossa busca. Por talvez um quilômetro e meio nós andamos ainda, então Tonnison, que tinha estado olhando em volta curiosamente, parou e levou as mãos aos olhos.

— Veja! — ele disse — aquilo lá longe, à direita daquele rochedo grande, não é névoa ou algo assim? — e ele indicou com sua mão.

Eu olhei com atenção e depois de um minuto pareceu-me ver, mas não tinha certeza, e não confirmei.

— De qualquer forma — meu amigo respondeu — vamos lá dar uma olhada.

E começou a seguir na direção que tinha sugerido, comigo acompanhando. Então chegamos a um matagal e depois de um tempo saímos no topo de um barranco alto e pedregoso, do alto do qual contemplávamos abaixo uma vastidão de arbustos e árvores.

— Parece que chegamos a um oásis nesse deserto de pedras — murmurou Tonnison, olhando com interesse. Então ficou em silêncio, com seus olhos vidrados, porque a partir de um certo ponto no meio da baixada coberta de vegetação erguia-se no ar calmo uma grande coluna de névoa difusa, na qual o sol brilhava, produzindo inumeráveis arcos-íris.

— Como é bonito! — exclamei.

— Sim — concordou Tonnison, pensativamente. — Deve haver por ali uma cascata ou algo assim. Talvez o nosso rio ressurgindo. Vamos lá ver.

Descemos pelo barranco inclinado e nos vimos entre as árvores e macegas. Os arbustos eram entrelaçados e as árvores, mais altas do que nós, de forma que o lugar era desagradavelmente escuro; mas não o bastante para me impedir de ver que muitas das árvores eram frutíferas e que, aqui e ali, podiam ser vistos traços quase indistintos de um cultivo há muito abandonado. Assim eu entendi que estávamos passando através do que fora antigamente um grande jardim. Eu o disse ao Tonnison, e ele concordou que pareciam haver motivos razoáveis para minha opinião.

E que lugar desolado ele era, tão melancólico e sombrio! Parecia, enquanto seguíamos, que um pouco da silenciosa solidão e abandono do velho jardim me abatia, e eu me senti estremecer. Pode-se imaginar que coisas espiam por entre os arbustos emaranhados enquanto, até no ar do lugar, parecia haver algo incomum. Creio que Tonnison estava consciente disso também, mas não disse nada.

Subitamente tivemos que parar. Por entre as árvores vinha crescendo em nossos ouvidos um ruído distante. Tonnison curvou-se para a frente, ouvindo. Então eu ouvi mais claramente: era contínuo e ríspido, um tipo de rugido ou zumbido que parecia vir de muito longe. Eu tive uma ligeira sensação de estranho e indescritível nervosismo. Que tipo de lugar era aquele a que havíamos chegado? Olhei para o meu companheiro, para tentar ver o que ele achava do assunto, e notei que só havia surpresa em seu rosto, e então, enquanto olhava sua expressão, uma expressão de entendimento surgiu nela, e ele balançou a cabeça:

— É uma cachoeira — ele exclamou, com convicção. — Agora reconheço o som. — E ele começou a correr vigorosamente entre os arbustos, na direção do barulho.

À medida em que continuamos, o som foi ficando mais definido, mostrando que íamos exatamente em sua direção. Gradualmente o rugido ficou mais alto e mais próximo, até parecer que surgia, como comentei com o Tonnison, bem debaixo de nossos pés, embora nós ainda estivéssemos cercados de árvores e moitas.

— Tome cuidado — gritou o Tonnison — Olha onde você está pisando!

E então, de repente, saímos de dentro das árvores e demos com um enorme espaço aberto onde, menos de seis passos à nossa frente, se escancarava a boca de um tremendo abismo, de cujo fundo o ruído parecia subir, junto com a névoa contínua e suave que tínhamos visto do alto do distante barranco.

Por quase um minuto nós ficamos em silêncio, contemplado maravilhados a paisagem e então o meu amigo adiantou-se cautelosamente até a beira do precipício. Eu o segui, e juntos olhamos para baixo através da nuvem de umidade de uma monstruosa catarata de água espumante que brotava, esguichando, de um dos lados do precipício, quase trinta metros abaixo.

— Bom Deus! — disse o Tonnison

Eu fiquei em silêncio, bastante aterrado. A visão era inesperadamente grandiosa e estranha, embora esta segunda qualidade eu só notei um pouco mais tarde.

Naquele momento eu olhei acima e além, na direção do outro lado do abismo. Lá eu vi algo que se erguia por entre a neblina: parecia o fragmento de uma grande ruína, e eu toquei Tonnison no ombro. Ele olhou em torno, assustado, e eu lhe apontei a coisa. Ele seguiu meu dedo com seu olhar e os seus olhos se acenderam com um súbito brilho de excitação, tão logo o objeto apareceu em seu campo de visão.

— Vem comigo! — ele gritou no meio do barulho. — Vamos dar uma olhada naquilo. Tem algo esquisito nesse lugar, eu sinto isso nos meus ossos.

E ele saiu andando, contornando a borda do abismo que parecia uma cratera. Quando nos aproximávamos da novidade, eu vi que não me enganara em minha primeira impressão. Era sem dúvida parte de um edifício arruinado, mas então eu vi que não tinha sido construído à borda do precipício propriamente dita, como eu supusera, mas pregada quase na ponta de uma enorme espora de rocha que se lançava até uns quinze ou vinte metros para dentro do abismo. Na verdade, a massa desordenada de ruínas estava literalmente suspensa no ar.

Chegando ao lado oposto, caminhamos até o braço de rocha que se projetava. Devo confessar que tive uma sensação de

intolerável terror ao olhar do alto daquela frágil passarela as profundezas desconhecidas abaixo de nós — profundezas de onde nos subia continuamente o troar da água em queda e o véu de névoa.

Chegando às ruínas, escalamos até elas e achamos no lado oposto um monturo de rochas caídas e destroços. A ruína me parecia, enquanto eu a examinava em detalhe, parte dos muros exteriores de alguma estrutura prodigiosa. Era bem grossa e firmemente construída, mas o que ela estava fazendo naquele lugar eu não podia sequer imaginar. Onde estava o resto da mansão, castelo ou o que quer que tivesse havido?

Fui para o outro lado da muralha, e portanto à borda do abismo, deixando Tonnison procurando sistematicamente nas pilhas de pedras e entulho no outro lado. Então eu passei a examinar a superfície do chão, perto da borda do abismo, para ver se ali não haviam outros restos do edifício a que a ruína fragmentária evidentemente pertencia. Mas embora eu perscrutasse a terra com o maior cuidado, não pude ver nenhum sinal que indicasse que tivesse jamais existido um edifício erguido ali, e isso me fez ficar mais intrigado do que antes.

Então ouvi um grito do Tonnison, que excitadamente chamava meu nome e não demorei a correr ao longo do promontório até a ruína. Primeiro pensei que ele tivesse se ferido, e só mais tarde imaginei que pudesse ter encontrado algo.

Cheguei à muralha caída e a contornei. Então achei Tonnison dentro de uma pequena escavação que tinha feito no monturo: ele estava limpando a poeira de alguma coisa que parecia um livro, mas muito amarrotado e danificado, e abria a boca a cada segundo ou dois para gritar o meu nome. Tão logo viu que eu tinha aparecido ele me entregou seu achado, dizendo-me para pô-lo na minha sacola para proteger da umidade enquanto continuávamos nossas explorações. Isso eu fiz, antes porém o folheei entre meus dedos, notando que suas páginas estavam totalmente preenchidas com uma caligrafia rigorosa e antiquada que ainda estava bem legível, exceto por um trecho, no qual várias páginas tinham sido quase destruídas, pelo mofo e pelo amarrotamento, como se o livro tivesse sido dobrado ao contrário naquela parte. Assim foi que o Tonnison o encontrara, tal como logo descobri, e o dano era devido, provavelmente, à queda da construção sobre a parte aberta. Curiosamente, porém, o livro estava bem seco, o que eu atribuí a ter estado tão bem enterrado entre

as ruínas.

Depois de guardar o volume em segurando, fui até Tonnison e passei a ajudar-lhe em sua obra de escavação, mas embora passássemos mais de uma hora trabalhando duro, revirando todas as rochas amontoadas e destroços, não achamos nada mais que alguns fragmentos de madeira quebrada, que poderiam ter sido de uma mesa ou escrivaninha. Então desistimos da busca e caminhamos através da ponte de pedra, retornando à segurança da terra.

O que fizemos a seguir foi completar a volta em torno do tremendo abismo, com o que pudemos observar que ele tinha o formato de um círculo quase perfeito, exceto pelo esporão rochoso coroado pelas ruínas, que interrompia sua simetria.

O abismo era, como Tonnison o disse, nada mais do que um gigantesco poço ou buraco que penetrava profundamente nas entranhas da terra.

Por algum tempo continuamos olhando em torno, até que notamos claramente haver um espaço ao norte do abismo e seguimos naquela direção.

Ali, distante umas centenas de metros da boca do profundo abismo, achamos um grande lago de águas silenciosas — silenciosas, diga-se, exceto por um lugar onde havia um borbulhar contínuo e uma agitação. Já distantes do ruído da catarata, podíamos ouvir a conversa um do outro, sem ter que gritar com toda a força de nossas vozes, e eu perguntei a Tonnison o que ele achava do lugar. Disse-lhe que não gostava dali, que quanto mais cedo fôssemos embora melhor eu me sentiria. Ele acenou que sim, e olhou furtivamente para o bosque atrás de nós. Perguntei-lhe se vira ou ouvira algo. Ele não disse nada, mas ficou quieto, como se estivesse ouvindo, e eu também fiquei em silêncio. De repente ele falou.

— Escuta! — ele disse, ríspidamente.

Eu olhei para ele e depois em torno de nós, para as árvores e arbustos, segurando involuntariamente a respiração. Um minuto se passou nesse silêncio custoso, mas eu não conseguia ouvir nada, quando me virei para dizer isso a Tonnison, então justo quando eu abria os meus lábios para falar, ouviu-se um estranho lamento no bosque, à nossa esquerda... Ele parecia flutuar entre as árvores, e houve um barulho de folhas agitadas, depois um silêncio.

No mesmo instante Tonnison falou, pondo sua mão no meu ombro:

— Vamos embora daqui.

Ele falou e começou a se mover lentamente na direção na qual as árvores e arbustos pareciam ralejar. Ao seguir-lhe, notei subitamente que o sol ia baixo e que havia uma rude sensação de friagem no ar.

Tonnison não disse mais nada, mas continuou andando decididamente. Estávamos então entre as árvores e eu olhava em volta nervosamente, mas sem ver nada além dos silenciosos troncos e galhos e os arbustos emaranhados. Seguimos em frente, e nenhum ruído quebrava o silêncio, exceto pelo estalo ocasional de um graveto sob nossos pés quando pisávamos. Mesmo assim, apesar da quietude, eu tinha uma sensação horrível de que não estávamos sós, e andava tão perto do Tonnison que duas vezes eu chutei seus calcanhares

desastradamente, mas ele não reclamou. Um minuto, depois outro, e nós chegamos finalmente aos limites do bosque, saindo para a nudez rochosa do descampado. Somente então eu fui

capaz de sacudir dos ombros o pavor que vinha me seguindo entre as árvores.

Por fim, enquanto caminhávamos, parecemos ouvir à distância o mesmo som de lamento, e eu tentei me convencer de que era só o vento — embora o entardecer não tivesse uma brisa.

Então o Tonnison começou a falar.

— Olha só — ele disse decididamente — eu não passo a noite naquele lugar nem por toda a riqueza do mundo. Tem alguma coisa ímpia ou diabólica ali. Eu senti isso de uma hora para outra, assim que você falou. Pareceu-me que o bosque estava cheio de coisas malignas, você sabe!

— Sim — eu respondi e olhei de volta, mas o lugar estava escondido de nossa visão por uma elevação do terreno.

— Temos o livro — disse, pondo a mão na minha sacola.

— Você o trouxe em segurança? — ele perguntou em um súbito acesso de ansiedade.

— Sim — respondi.

— Talvez — ele continuou — possamos aprender algo com ele assim que estivermos de volta à tenda. Melhor nos apressarmos também, porque estamos ainda bem longe e eu não gostaria de ser surpreendido aqui quando escurecer.

— Foi somente duas horas depois que chegamos à tenda, e sem demora começamos a trabalhar no preparo de uma refeição, porque não tínhamos comido nada desde nosso almoço ao meio-dia.

Depois do jantar arrumamos as coisas e acendemos nossos cachimbos. Então Tonnison me pediu para tirar o manuscrito da sacola. Como não podíamos ler os dois ao mesmo tempo, ele sugeriu que eu deveria ler em voz alta.

— E tenha o cuidado — ele me preveniu, sabendo de meus hábitos — não vá saltando trechos.

Porém, se ele soubesse o que o livro continha, teria entendido que tal aviso era desnecessário, ao menos daquela vez. E ali sentados, dentro de nossa pequena tenda, eu comecei a

estranha história da Casa no Fim do Mundo (pois esse era o título do manuscrito), que vai contada nas páginas a seguir.

CAPÍTULO II

A Planície do Silêncio

Sou velho. Vivo nesta casa antiga, cercada por imensos e descuidados jardins. Os camponeses que habitam os campos dizem que eu sou louco. Isto porque não tenho nada a ver com eles. Vivo aqui sozinho com a minha irmã mais velha, que também é a minha governanta. Não temos serviçais — eu os odeio. Tenho um amigo, um cão. Sim, eu prefiro o velho Pimenta do que todo o resto da Criação. Pelo menos ele me entende — e tem suficiente discernimento para me deixar sozinho nos meus momentos tristes.

Decidi começar uma espécie de diário, talvez ele me ajude a lembrar de alguns pensamentos e sentidos que eu não posso expressar para ninguém. Mas, além disso, estou ansioso para deixar algum registro das coisas estranhas que tenho ouvido e visto durante os muitos anos de solidão nessa velha construção tão estranha.

Faz dois séculos que essa casa tem sido famosa, uma má fama, e antes que eu a comprasse, por mais de oitenta anos

ninguém tinha vivido aqui. Conseqüentemente, eu obtive esse velho lugar por um preço ridiculamente baixo.

Não sou supersticioso, mas parei de negar que há coisas acontecendo nesta velha casa — coisas que eu não sei explicar e que, portanto, devo aliviar da mente escrevendo seu relato, o melhor que possa, ainda que, se esse diário meu for um dia lido depois que eu me for, os leitores vão apenas sacudir a cabeça e ficar ainda mais convencidos de que estava louco.

Esta casa, como ela é antiga! Apesar de que a sua antiguidade impressiona menos, talvez, do que a esquisitice de sua estrutura, que é curiosa e fantástica o mais que se possa imaginar. Pequenas torres curvadas e pináculos de contornos que parecem chamas dançantes predominam, enquanto o corpo do edifício propriamente dito é em formato circular.

Eu já ouvi dizerem que há uma antiga lenda, contada pela gente do campo, segundo a qual foi o diabo que construiu esse lugar. No entanto, isso é tudo quanto dizem. Verdade ou não, não sei e não me importa, a não ser porque me ajudou a pechinchar, e aqui estou eu.

Eu devia estar vivendo aqui por uns dez anos quando comecei a ver o suficiente para dar crédito a quaisquer lendas a respeito dessa casa, correntes na vizinhança. É verdade que eu tinha visto antes, pelo menos uma dúzia de vezes, vagamente, coisas que tinham me intrigado e talvez estivesse mais impressionado do que parecia. Então, à medida em que os anos foram passando, trazendo a idade sobre mim, eu comecei a ficar mais consciente de alguma coisa invisível, mas inegavelmente presente nos quartos vazios e nos corredores. Ainda assim, como eu disse antes, passaram-se muitos anos até eu começar a ver quaisquer manifestações do que é chamado de sobrenatural.

Não foi no Halloween. Se eu estivesse contando uma história para divertimento eu certamente a situaria naquela noite entre todas as noites, mas este é um relato verdadeiro de minhas próprias experiências e não sou do tipo que leva a caneta ao papel para divertir os outros. Não. Foi após a meia-noite, na véspera do dia vinte e um de janeiro. Eu estava sentado lendo, como é o meu costume, no meu escritório. Pimenta estava deitado, adormecido, perto da minha poltrona.

Sem aviso, as labaredas das duas velas diminuíram e então brilharam com uma fluorescência verde medonha.

Eu logo olhei, e ao fazê-lo vi as luzes mudarem para um tom encarnado forte, de modo que o cômodo brilhou como um entardecer vermelho, estranho e pesado, que deu às sombras atrás das cadeiras e mesas uma profundidade dupla de escuridão, e onde quer que a luz atingisse, era como se um sangue luminoso tivesse sido entornado.

No chão eu ouvi um choramingar baixo e assustado e alguma coisa se enfiou entre os meus pés. Era o Pimenta, escondendo-se de medo debaixo do meu roupão. Pimenta normalmente era bravo como um leão!

Foi esse movimento do cão, eu acho, que me deu o primeiro beliscão de um medo real. Eu tinha ficado consideravelmente assustado quanto as luzes primeiro queimaram em verde e depois em vermelho, mas tinha ficado então pensando que a mudança tinha sido por causa do sopro de algum gás venenoso no quarto. Porém logo vi que não era isso, porque as velas queimavam com uma chama firme e não davam sinal de estarem apagando, como teria acontecido se a causa fosse algum fluido na atmosfera.

Não me mexi. Fiquei distintamente assustado, mas não consegui pensar em nada melhor do que esperar. Por cerca de um minuto eu continuei observando nervosamente o quarto ao

redor. Então notei que as luzes tinham começado a diminuir, muito lentamente, até ficarem reduzidas a pequenas partículas de fogo vermelho, como as cintilações de um rubi no escuro. Mas eu ainda continuei observando, enquanto uma certa sonolência e indiferença pareciam me afetar, espantando todo o medo que tinha começado a me subjugar.

No ponto mais distante do canto oposto daquele cômodo antiquado eu tive consciência de um brilho fraco. Mas ele cresceu sem parar, enchendo o quarto com os clarões de uma luz verdejante; então eles também definharam e se tornaram— da mesma forma que as labaredas das velas — de um carmim sombrio que ganhou força e iluminou o cômodo com uma inundação de horrível glória.

A luz vinha da parede externa, e se tornou mais brilhante até os seus raios intoleráveis causaram uma dor aguda em meus olhos, e eu involuntariamente os fechei. Devem ter se passado poucos segundos antes que eu conseguisse abri-los. A primeira coisa que notei foi que a luz tinha diminuído, e bastante, tanto que não mais agredia os meus olhos. Então, quando ela ficou ainda mais mortiça, eu percebi que em vez de estar olhando para a vermelhidão eu mirava através dela, e através da parede.

Gradualmente, ao me acostumar com a ideia, percebi que estava contemplando uma vasta planície, iluminada pela mesma luz melancólica de entardecer que embebia o cômodo. A imensidão daquela planície mal pode ser concebida. Em parte alguma eu pude notar seus confins. Ela parecia alargar-se e abrir-se de forma que o olho não conseguia ver seus limites. Lentamente os detalhes da parte mais próxima começaram a clarear e então, em pouco mais que um momento, a luz morreu e a visão—se aquilo tinha sido uma visão—se desfez e sumiu.

De repente eu tomei consciência de que não estava mais na poltrona. Em vez disso eu parecia estar pairando acima dela, e olhando para baixo e vendo uma coisa difusa, amontoada e quieta. Logo depois um golpe frio me atingiu e eu estava lá fora na noite, flutuando, como uma bolha, pela escuridão acima. À medida em que eu me movia, um frio enregelante parecia me envolver, e eu tremia.

Depois de um tempo eu olhei à esquerda e à direita e vi o intolerável negrume da noite, perfurado por remotas cintilações de fogo. Para frente, para fora eu seguia. Uma vez ao olhar para trás eu vi a Terra, um pequeno crescente de luz azul, recuando à minha esquerda. Mais além o sol, uma mancha de chamas claras, queimava vividamente contra o escuro.

Um período indefinido se passou. Então, pela última vez, eu vi a Terra—um persistente glóbulo de azul radiante, nadando em uma eternidade de éter. E ali eu, um frágil floco de poeira espiritual, hesitava em silêncio através do vácuo, deixando o distante azul, entrando nas larguezas do desconhecido. Um longo intervalo pareceu passar e então eu não podia ver mais nada. Eu tinha passado além das estrelas fixas e mergulhava no imenso negrume que espera além. Todo esse tempo eu tinha sentido pouca coisa, a não ser uma ligeira impressão de leveza e frio desconforto. Mas naquele momento a escuridão atroz pareceu invadir a minha alma e eu me enchi de medo e desespero. O que aconteceria comigo? Aonde estava indo? Tão logo tais pensamentos se formaram, apareceu contra a impalpável escuridade que me envolvia um pálido tom de sangue. Ele parecia extraordinariamente remoto e nebuloso, mas mesmo assim o sentimento de opressão foi aliviado e eu não me desesperei mais.

Lentamente, a distante vermelhidão se tornou mais distinta e maior até que, quando me aproximava, ela se espalhou em um grande e tremendamente sombrio brilho mortiço. Eu ainda seguia adiante e então chegara tão perto que ela parecia se estender abaixo de mim como um imenso oceano de sombras vermelhas. Eu só podia ver pouca coisa, exceto que parecia estender-se interminavelmente em todas as direções.

Pouco depois eu descobri que estava descendo sobre ela e logo afundei em um grande mar de nuvens avermelhadas e tristes. Lentamente eu emergi destas e então, abaixo de mim, eu vi a estupenda planície que tinha visto em meu quarto nesta casa que fica sobre as fronteiras dos Silêncios.

Então eu aterrissei e fiquei de pé, cercado por um imenso e solitário deserto. O lugar estava iluminado por um pôr-do-sol fugidio que me deu a impressão de uma desolação indescritível.

Ao longe à minha direita, lá no céu, queimava um gigantesco anel de fogo vermelho escuro, de cujas bordas se projetavam enormes e contorcidas chamas, pontiagudas e irregulares. O interior deste anel era negro, negro como a treva da noite exterior. Compreendi instantaneamente que era daquele sol extraordinário que o lugar recebia sua luz lúgubre.

Daquela estranha fonte de luz eu dirigi meus olhos às minhas cercanias. Em todo lugar que olhasse eu não via nada a não ser a exaustão uniforme de uma planície interminável. Em lugar algum eu podia discernir qualquer sinal de vida, nem mesmo as ruínas de alguma habitação antiga.

Gradualmente eu descobri que esta sendo levado para a frente, flutuando através do deserto plano. Pelo que me pareceu uma eternidade eu segui adiante. Eu não tinha noção de qualquer impaciência, embora alguma curiosidade e uma grande surpresa me seguissem o tempo todo. Sempre ao meu redor eu via a largura daquela planície enorme e sempre procurava por algo que rompesse a sua monotonia. Mas não havia nenhuma mudança—apenas solidão, silêncio e deserto.

Então, meio inconscientemente, eu notei que havia uma tênue nebulosidade avermelhada sobre a sua superfície. Mas quando eu olhei com mais atenção eu não consegui saber se era realmente neblina, porque parecia mesclar-se com a planície, dando-lhe uma irrealidade peculiar e trazendo aos sentidos a ideia de imaterialidade.

Gradualmente eu comecei a ficar cansado da continuidade da coisa. Mas ainda demorou muito tempo para que eu percebesse qualquer sinal do lugar para o qual estava sendo levado.

Por fim eu o vi, bem longe, como uma comprida cadeia de colinas no chão da Planície. Então, quando me

aproximei, eu percebi que estava enganado, porque em vez de umas colinas baixas eu pude enxergar uma cadeia de grandes montanhas, cujos distantes cumes subiam até a luz vermelha e até se perderem quase de vista.

CAPÍTULO III

A Casa na Arena

Enfim, depois de um tempo eu cheguei às montanhas. Então o rumo de minha jornada foi alterado e comecei a me mover ao longo de seus sopés até que, de uma vez, eu percebi que havia chegado diante de uma vasta falha que se abria através das montanhas. Através dela eu fui levado, movendo-me a uma velocidade não muito grande. Dos meus dois lados se erguiam imensas paredes escarpadas de uma substância rosada parecida com pedra. Muito acima eu discernia uma fina faixa vermelho, onde a boca do abismo se abria, entre inacessíveis picos. Dentro ele havia escuridão, profundidade e um silêncio sombrio e gelado. Por um momento eu segui firmemente adiante e então, por fim, eu vi à frente um forte brilho vermelho que significava que eu estava me aproximando do outro lado da ravina.

Um minuto veio e passou, e eu cheguei à saída do abismo, contemplando um enorme anfiteatro de montanhas. Porém, das montanhas e da grandiosidade terrível daquele lugar eu não tomei nota, porque estava confundido com a surpresa de perceber, à distância de vários quilômetros, ocupando o centro da arena, uma estupenda estrutura aparentemente construída

de jade verde. Ainda assim, não foi a descoberta pura e simples do edifício que me assustou tanto, mas o fato, que a cada minuto ficava mais aparente, de que em nenhum detalhe particular, não ser pela cor, pelo material e pelo tamanho, aquela estrutura solitária diferia desta mesma casa em que eu vivo. Por um momento eu continuei a contemplar fixamente. Mesmo então eu mal podia acreditar que eu estava enxergando direito. Em minha mente uma pergunta se formou, reiterando-se incessantemente: “O que isto significa? O que isto significa?” e eu não sabia imaginar uma resposta, nem tentando usar toda a minha imaginação. Eu só parecia capaz de maravilhar-me e ter medo. Por um momento a mais eu olhei, notando cada vez um novo ponto de semelhança que me atraía. Por fim, cansado e doloridamente confuso, eu desviei os olhos para contemplar o resto do estanho lugar que havia penetrado.

Até aquele momento, eu tinha estado tão distraído em meu escrutínio da Casa que eu não tinha dado nenhuma atenção aos arredores. Então quando olhei comecei a entender qual era o tipo de lugar a que chegara. A arena, pois assim eu a chamei, parecia um círculo perfeito de cerca de vinte quilômetros, ou pouco menos, a Casa, como mencionei, ficava bem no centro. A superfície do lugar, tal como aquela da Planície, tinha uma aparência peculiar, nebulosa, que não era bem exatamente uma neblina.

Após a rápida pesquisa, meu olhar passou logo acima, ao longo das encostas das montanhas ao redor. Quão silenciosas elas eram. Eu acho que aquela quietude abominável me enervava mais do que qualquer coisa que tivesse visto ou imaginado. Eu olhava para cima, em direção aos cumes imensos, que se erguiam às alturas. Lá no alto, a vermelhidão impalpável dava uma aparência borrada a tudo.

E então, enquanto olhava, curiosamente um novo terror me atingiu. Porque além, entre os picos meio apagados à minha direita, eu notei uma vasta forma negra e gigantesca. Ela crescia diante dos meus olhos. Ela tinha uma enorme cabeça equina, com gigantescas orelhas e parecia olhar atentamente para dentro da arena. Havia algo em sua pose que me dava a impressão de eterna vigilância — de haver cuidado daquele lugar funesto desde eternidades desconhecidas. Lentamente o monstro se tornou mais visível para mim e então minha visão saltou dele para outra coisa mais além e mais alto entre os precipícios. Por um longo minuto eu observei, amedrontado. Eu tinha a estranha impressão de algo não de todo estranho, como se alguma coisa me provocasse no fundo da mente. A coisa era preta e tinha quatro braços grotescos. A fisionomia parecia indistinta ao redor do pescoço, eu notei vários objetos de cores claras. Lentamente os detalhes apareceram para mim e eu percebi, friamente, que eram caveiras. Corpo abaixo havia

outro cinto, que se mostrava menos escuro contra o tronco negro. Então, enquanto ainda me perguntava o que a coisa poderia ser, uma lembrança escorregou para minha consciência e eu simplesmente soube que estava olhando para a monstruosa representação de Kali, a deusa hinduísta da morte.

Outras lembranças de meus dias de estudante deslizaram em meus pensamentos. Meu olhar retornou à imensa Coisa com cabeça de animal e simultaneamente reconheci-a como o antigo deus egípcio Set, ou Seth, o Destruidor de Almas. Com o reconhecimento chegou-me um questionamento arrebatador: “Dois dos...” Eu parei, e tentei pensar. Coisas além de minha imaginação miravam minha mente assustada. Eu vi, obscuramente, “os velhos deuses da mitologia” e tentei compreender o que isto implicava. Meu olhar permanecia, hesitante, entre os dois. “Se...” Uma ideia veio subitamente, e eu me virei e olhei rapidamente para cima, buscando entre os lúgubres precipícios, longe à minha esquerda. Algo se ocultava lá, sob um grande pico, uma forma cinzenta. Não entendi como não o vira antes, e então lembrei que ainda não tinha olhado naquela direção. Eu vi mais claramente então. Ele era, como disse, cinzento. Ele tinha uma tremenda cabeça, mas não olhos. Aquela parte de sua face era vazia.

Então eu vi que havia outras daquelas coisas entre as montanhas. Mais além, reclinado sobre um promontório elevado, eu discerni uma massa lívida, irregular e vampiresca. Ela parecia amorfa, a não ser por uma imunda cara animalesca. E depois eu vi outros, e havia centenas deles. Eles pareciam saindo das sombras. Vários eu reconheci quase imediatamente como deuses mitológicos, outros eram estranhos, muito estranhos, além do poder de concepção da mente humana. Em cada lado eu olhava e via mais, continuamente. As montanhas estavam cheias de Coisas estranhas: deuses ferozes, e horrores tão atrozes e bestiais que por impossibilidade e decência me nego a tentar descrevê-los. E eu estava cheio de um horror total, que me subjugava com medo e repugnância, mas mesmo assim, eu pensava em muitas coisas. Haveria algo verdadeiro, afinal de contas, nos antigos ritos pagãos, mais do que a mera deificação de homens, animais e elementos? A possibilidade me atraía: será que havia?

Depois uma outra pergunta se repetia. O que eram eles, aqueles deuses bestiais, e os outros também? A princípio eles me pareceram apenas monstros de escultura colocados indiscriminadamente pelos picos inacessíveis e precipícios das montanhas ao redor. Mas ao examiná-los com mais cuidado e atenção a minha mente começou a chegar a conclusões mais elaboradas. Havia algo a respeito deles, um tipo indescritível de

vitalidade silenciosa que sugeria, para a minha consciência em expansão, um estado de vida inerte, uma coisa que não era exatamente vida como a conhecemos, mas uma forma inumana de existência, que bem pode ser comparada a um transe imortal, uma condição a qual é possível imaginar que continue eternamente. “Imortal”

— a palavra apareceu em meus pensamentos sem eu a evocar, e logo eu estava imaginando se esta não seria a maneira de os deuses serem imortais.

Foi então, em meio aos meus pensamentos e teorias, que algo aconteceu. Até então eu tinha estado coberto pelas sombras da saída da grande falha. Mas sem nenhuma intenção de minha parte eu saí da penumbra e comecei a me mover lentamente através da arena, em direção à Casa. Com isso eu abandonei todo pensamento sobre aquelas prodigiosas Formas acima de mim e só pude olhar, amedrontado, para a tremenda estrutura em cuja direção eu estava sendo levado tão sem cuidado. Mas embora procurasse diligentemente, não conseguia descobrir nada que eu já não tivesse visto, o que me acalmou gradualmente.

Naquele momento eu havia chegado ao ponto médio entre a Casa e a ravina. Tudo ao redor estava coberto pela forte solidão do lugar e o silêncio ininterrupto. Firmemente eu me

aproximava do grande edifício. Então, de uma vez, algo me atraiu a visão, algo que veio dos lados de um dos suportes da Casa, e logo apareceu plenamente. Era uma coisa gigantesca, e se movia num passo curioso, andando quase ereto, à maneira humana. Mas estava quase sem roupas, e tinha uma aparência notavelmente luminosa. Foi, porém, a face que me atraiu e me assustou mais. Era a de um suíno.

Silenciosa, propositalmente, observei essa horrível criatura e esqueci meu medo, momentaneamente, prestando atenção em seus movimentos. Ela estava caminhando incomodamente ao redor do edifício, parando ao chegar a cada janela para olhar dentro e testar os caixilhos com os quais — tal como nessa casa — elas

estavam protegidas, e sempre que chegava a uma porta, empurrava-a e enfiava o dedo na tranca furtivamente. Evidentemente o ser estava procurando uma entrada na Casa.

Eu tinha chegado então a menos pouco mais de um terço de um quilômetro da grande estrutura e ainda estava sendo empurrado para a frente. Abruptamente a Coisa se virou e olhou horrendamente em minha direção. Ela abriu a sua boca e pela primeira vez a paralisia daquele lugar abominável foi rompida por uma voz profunda e grave que me aumentou o

medo e a apreensão. Imediatamente eu tomei consciência de que ela estava vindo até mim, rápida e rasteiramente. Em um instante já havia andado metade da distância que havia entre nós. E eu ainda estava sendo levado inevitavelmente ao seu encontro. Menos de noventa metros depois e a ferocidade brutal do gigante me emudecia com um sentimento de horror inconsolável. Eu poderia ter gritado, na supremacia de meu medo, e então, no momento de mais extremo desespero, eu percebi que estava olhando a arena de cima, de uma altura que rapidamente crescia. Eu estava subindo, subindo. Em um instante inconcebivelmente curto eu tinha chegado a uma altitude de mais de trinta metros. Abaixo de mim, o lugar onde eu havia estado logo antes, estava ocupado pela grotesca criatura suína. Ela tinha caído de quatro e estava fuçando e escavando, como um verdadeiro porco, no chão da arena. Em um momento ela saltou sobre seus pés, olhando para cima, com uma expressão de desejo em seu rosto, tal como nunca a vi neste mundo.

Continuamente eu ficava mais alto. Em poucos minutos, ao que parece, eu tinha me erguido acima das grandes montanhas, flutuando só, longe entre as nuvens vermelhas. A uma tremenda distância abaixo a arena aparecia, indistintamente, com a enorme Casa não parecendo mais que uma pequena nódoa verde. A coisa suína não era mais visível.

Então eu passeava sobre as montanhas, acima da enorme extensão da planície. Ao longe, sobre sua superfície, na direção do sol anelar, aparecia um borrão confuso. Olhei para ele, indiferentemente. Ele me parecia algo cuja primeira impressão eu tivera no anfiteatro entre as montanhas.

Com uma sensação de cansaço eu olhei para cima, para o imenso anel de fogo. Que coisa estranha ele era! Então, ao olhar, de seu escuro centro saiu um jorro súbito de fogo extraordinariamente vívido. Comparado ao tamanho do centro negro, ele não era nada, mas mesmo assim era por si mesmo estupendo. Com interesse desperto, eu observei cuidadosamente, notando sua estranha fervura e brilho. Então, em um momento, a coisa toda ficou ofuscada e irreal, e assim saiu de minha visão. Muito surpreso, eu olhei para baixo, para a Planície de onde ainda estava me elevando. Assim eu tive uma nova surpresa. A Planície, toda ela tinha desaparecido e somente um mar de névoa vermelha estava estendido abaixo de mim. Gradualmente eu o observei ficar mais remoto e definir em um mistério apagado e avermelhado contra a noite impenetrável. Um momento depois e até isso tinha desaparecido, e eu estava envolto em uma escuridão impalpável e sem luz.

CAPÍTULO IV

A Terra

Assim estava eu, e apenas a memória de ter vivido além da escuridão, certa vez, servia para sustentar os meus pensamentos. Um tempo grande se passou — eras. E então uma estrela solitária rompeu seu lugar no escuro. Era o primeiro de um dos aglomerados marginais deste nosso universo. Naquele momento ele ainda estava longe, e ao meu redor brilhava o esplendor de incontáveis astros. Depois do que pareceram ser anos eu vi o sol, uma gota flamejante. Ao redor dele eu divisei vários remotos pontos de luz, os planetas do Sistema Solar. E eu vi a Terra outra vez, azul e inacreditavelmente pequena. Ela foi crescendo e se tornando definida.

Um longo espaço de tempo veio e passou, e então por fim eu entrei na sombra de nosso mundo, mergulhando de cabeça para baixo na querida e nublada Terra noturna. Acima de mim estavam as velhas constelações, e havia uma lua crescente. Então, ao me aproximar da superfície da Terra, uma opacidade me atingiu e eu pareci afundar em um nevoeiro negro.

Por um momento eu não soube de nada. Eu estava inconsciente. Gradualmente eu comecei a ter noção de um suave e distante lamento. Ele se tornou mais audível. Um sentimento desesperado de agonia me atingiu. Eu lutei loucamente para respirar e tentei gritar. Um momento depois eu tinha a respiração mais fácil e tinha a consciência de que havia alguma coisa lambendo a minha mão. Alguma coisa úmida varria a minha face. Eu ouvi um manquitolar e então outra vez o lamento. Ele parecia chegar aos meus ouvidos, então, com uma sensação de familiaridade, e eu abri os meus olhos. Tudo estava escuro, mas o sentimento de opressão tinha me deixado. Eu estava sentado e alguma coisa estava chorando lamentosamente e me lambendo. Eu me senti estranhamente confuso e instintivamente tentei afastar a coisa que me lambia. Minha cabeça estava curiosamente vazia e por um momento eu pareci incapaz de agir ou pensar. Então as coisas voltara à minha mente e eu chamei “Pimenta” bem baixinho. Fui respondido por um latido alegre e uma renovada onda de carinhos.

Em um instante me senti mais forte e levei as mãos aos fósforos. Tateei sobre a mesa por um momento, cegamente, então os meus dedos os acharam e eu risquei um e olhei confusamente em volta. Ao meu redor eu vi as coisas antigas e familiares. E ali fiquei sentado, cheio de maravilhas entorpecedoras, até que a chama do fósforo queimou meus

dedos e eu o deixei cair, com uma expressão apressada de dor e ira escapando de meus lábios, assustando-me com o som de minha própria voz.

Depois de um momento eu risquei outro fósforo e me arrastei pelo cômodo para acender as velas. Ao fazê-lo eu notei que elas não tinham queimado até o fim, mas tinham sido apagadas. Quando as chamas subiram eu me virei e olhei ao redor do escritório, mas não havia nada incomum para ver, o que, subitamente, me causou um jorro de irritação. O que tinha acontecido? Eu segurei a minha cabeça com as mãos e tentei lembrar. Ah! A grande e silenciosa Planície, o sol de fogo vermelho em formato de anel. Onde estavam eles? Onde os havia visto? Há quanto tempo? Eu me sentia atordoado e confuso. Uma vez ou duas eu percorri o cômodo, instavelmente. Minha memória parecia desbotada e as coisas que eu tinha visto retornavam-me a custo. Eu me lembro de ter xingado muito e freneticamente em meu espanto. De repente eu tonteei e perdi o equilíbrio, tendo de me agarrar à mesa para não cair. Durante alguns minutos eu fiquei ali me segurando, fraco, e então consegui mancar até uma cadeira. Depois de algum tempo eu me senti um pouco melhor e consegui alcançar o armário onde eu costumava deixar conhaque e biscoitos. Servi-me de um pouco do estimulante e bebi tudo.

Então, trazendo uma mancheia de biscoitos, voltei à minha poltrona e comecei a devorá-los esfomeadamente.

Fiquei vagamente surpreso pela minha fome. Parecia que eu não tinha comido nada por um tempo incontável.

Enquanto comia, meu olhar percorreu o cômodo, preocupado com os menores detalhes, e ainda procurando,

mesmo inconscientemente, algo tangível a que apegar-se, entre os mistérios invisíveis que me haviam envolvido. “Certamente”, pensei, “deve haver alguma coisa”. E então, na mesma hora, meus olhos repousaram sobre o mostrador do relógio no canto oposto. Naquele momento eu parei de comer e fiquei apenas olhando.

Porque embora as suas batidas indicassem com quase toda certeza que ele ainda estava funcionando, os ponteiros marcavam um pouco antes de meia-noite, que era onde estavam, como eu me lembrava com certeza, bem antes de quando eu começara a ver as coisas estranhas acontecendo e que acabei de descrever. Por talvez um instante eu fiquei assustado e confuso. Se a hora tivesse sido a mesma de quando eu vira o relógio da vez anterior, eu teria concluído que os ponteiros tinham agarrado enquanto o mecanismo interno ainda funcionava, mas isso não explicava como os ponteiros teriam voltado para trás. Então, enquanto eu ainda analisava o assunto em meu cérebro cansado, passou-me o pensamento de que poderia ser quase a manhã do dia vinte e dois e que eu

deveria ter estado inconsciente do mundo visível durante a maior parte das vinte e quatro horas anteriores. Esta ideia ocupou a minha atenção por um minuto inteiro, então eu comecei a comer de novo. Ainda tinha muita fome.

Durante o desjejum, pela manhã, perguntei à minha irmã pela data e descobri que meu raciocínio estava correto. Eu tinha, mesmo, ficado ausente — pelo menos em espírito — por quase um dia e uma noite.

Minha irmã não me fez perguntas, porque não era raro que eu ficasse em meu escritório durante todo o dia, ou mesmo dois dias de uma vez, sempre que me distraía com algum livro particularmente grosso e interessante ou com algum trabalho.

E assim os dias passam e eu ainda me sinto cheio de espanto de saber o sentido de tudo que vi naquela memorável noite. Mas eu acho que minha curiosidade dificilmente será satisfeita.

CAPITULO V

A Coisa no Abismo

Esta casa é, como disse antes, cercada por uma enorme propriedade, com jardins selvagens e abandonados. Afastado, nos fundos, distando uns trezentos metros, está uma ravina profunda e escura, que é chamada de “Abismo” pelos camponeses. Ao fundo corre uma preguiçosa torrente tão coberta de árvores que mal se vê de cima.

De passagem, devo explicar que esse rio tem uma origem subterrânea, emergindo subitamente do lado leste da ravina e desaparecendo, tão abruptamente quanto surgiu, sob os rochedos que formam sua extremidade oeste.

Foi alguns meses depois de minha visão (se é que foi uma visão) da grande Planície que minha atenção foi particularmente atraída para o Abismo.

Aconteceu um dia de eu estar caminhando por seu lado sul quando, de repente, vários pedaços de rocha e turfa foram deslocados do barranco da escarpa logo abaixo de mim e

caíram com um estrondo rouco através das árvores. Eu os ouvi chapinhar no rio e depois, o silêncio. Eu não teria dado a este incidente mais que uma atenção passageira se o Pimenta não tivesse começado a latir selvagememente, não parando ao meu comando, o que é muito estranho de sua parte.

Sentindo que poderia haver algo ou alguma coisa no Abismo, eu voltei para casa, rapidamente, para buscar um porrete. Quando voltei o Pimenta tinha cessado seus latidos e estava rosnando e farejando, inquieto, de um lado para outro.

Assobiei-lhe que me seguisse e comecei a descer com cuidado. A profundidade até o fundo do Abismo deve ser de cerca de cento e setenta metros, tendo sido preciso gastar um bom tempo e um bom cuidado antes de chegarmos lá em segurança.

Uma vez no fundo, Pimenta e eu começamos a explorar as margens do rio. Era muito escuro ali devido às árvores que trançavam sobre a corrente e eu me movia receoso, mantendo meu olhar atento e o porrete preparado.

Pimenta estava silencioso e ficava sempre perto de mim. Assim nós procuramos por um lado rio acima, sem ouvir nem ver coisa

alguma. Então nós o cruzamos com um simples salto e começamos a bater o caminho de volta entre a vegetação.

Tínhamos percorrido mais ou menos a metade da distância quando ouvi de novo o som de pedras caindo no outro lado, o lado de onde tínhamos acabado de vir. Uma pedra grande veio trovejando através das copas, atingindo a margem oposta e quicando dentro do rio, atirando um grande jato de água sobre nós. Com isso o Pimenta deu um grande rosnado, depois parou e eriçou suas orelhas. Eu ouvi também.

Um segundo depois um guincho alto, meio humano e meio suíno soou por entre as árvores, aparentemente pela metade do rochedo sul. Ele foi respondido por uma nota similar vinda do fundo do Abismo. Com isso o Pimenta deu um latido curto e, saltando por cima do rio, desapareceu entre os arbustos.

Logo em seguida eu ouvi seus latidos aumentarem em intensidade e em frequência, e entremeados pelo que parecia ser o ruído de uma confusa discussão. Isso parou e no silêncio a seguir ouviu-se um grito semi-humano de agonia. Quase imediatamente, Pimenta deu um longo ganido de dor e então os arbustos se agitaram violentamente e ele veio correndo com o rabo entre as pernas e olhando para trás enquanto corria. Ao me alcançar eu vi que ele estava sangrando do que parecia ser

o ferimento de uma grande garra que havia quase exposto suas costelas.

Vendo o Pimenta mutilado daquele jeito um sentimento furioso de ira me tomou e, agitando o meu bastão, eu saltei e entrei nos arbustos de onde ele emergira. Ao forçar meu caminho, pensei ter ouvido um som de respiração. No instante a seguir eu surgi numa pequena clareira, a tempo de ver uma coisa, de cor lividamente branca, desaparecer entre os arbustos do lado oposto. Com um grito eu a segui, mas embora eu procurasse e batesse nos arbustos com meu porrete eu nem a vi e nem ouvi mais coisa alguma. Então voltei para o Pimenta. Depois de lavar seu ferimento no rio, eu lhe fiz uma bandagem com o lenço e recuei com ele para o alto da ravina e para a luz do dia.

Chegando em casa, minha irmã quis saber o que havia acontecido com o Pimenta e eu lhe disse que ele tinha lutado com um gato selvagem, que me tinham dito haver por ali. Achei que era melhor não dizer o que realmente acontecera; embora, na verdade, nem eu mesmo tivesse certeza, a não ser que a coisa que eu vira entre os arbustos não era gato selvagem nenhum. Era grande demais e tinha, tanto quanto pude perceber, uma pele como de porco, mas de uma cor branca, morta e doentia. E ainda por cima ele andava ereto, ou quase, sobre as patas traseiras, com um movimento que parecia o de

um ser humano. Tudo isso eu notara em um curto vislumbre e, verdade seja dita, eu tinha sentido uma boa dose de desconforto, além da curiosidade enquanto analisava o caso na minha mente.

Foi de manhã cedo que aconteceu o incidente acima. Então, por volta da hora do jantar, enquanto eu estava lendo, foi me que aconteceu de olhar subitamente à janela e vi alguma coisa espiando através da vidraça, somente os olhos e as orelhas aparecendo. “Um porco, por Júpiter!”, eu exclamei e me levantei. Ao fazê-lo eu pude ver a coisa mais completamente, mas não era nenhum porco — Deus sabe o que era. Parecia-me vagamente com a Coisa horrível que me havia assustado na grande arena. Tinha uma face grotescamente humana, bem como a mandíbula, mas sem uma bochecha propriamente dita. O nariz se prolongava como um focinho, e tinha aqueles olhinhos e as orelhas extravagantes que lhe davam uma aparência extraordinariamente suína. Tinha pouca testa e toda a face era de uma cor doentivamente branca.

Por quase um minuto eu fiquei olhando a coisa com um sentimento crescente de desgosto e algum medo. A boca ficava tremendo, estupidamente, e certa vez emitiu um grunhido meio suíno. Eu acho que foram os olhos que me atraíram mais: eles pareciam brilhar, às vezes, com uma inteligência horrivelmente

humana, e ficavam desviando de meu olhar, contemplando os detalhes do cômodo, como se meus olhos lhe incomodassem. A coisa parecia estar se apoiando sobre o peitoril da janela com duas mãos que pareciam garras. Estas garras, diferentemente da face, eram de uma coloração marrom cerâmica e tinham uma semelhança indistinta com mãos humanas, por terem quatro dedos e um polegar, ainda que os dedos fossem unidos por uma membrana até a primeira junta, da mesma forma que os dos patos. Também tinha unhas, mas tão compridas e poderosas que pareciam as garras de uma águia e não outra coisa. Como disse antes, senti certo medo, embora quase de forma impessoal. Acho que posso explicar melhor o meu sentimento dizendo que era uma sensação de aversão, tal como a que se deve esperar quando se entra em contato com algo supremamente maligno, algo profano, pertencente a um reino ainda não sonhado entre os estados da existência.

Não sei dizer se notei todos esses detalhes do bruto naquele instante. Eu acho que eles foram me retornando depois, como se tivessem sido impressos em minha mente. Eu imaginei mais do que vi quando contemplei a coisa, e os detalhes materiais apareceram depois.

Foi talvez por um minuto que eu encarei a criatura. Então os meus nervos se acalmaram um pouco e eu sacudi dos ombros o

vago alarme que ela me causava e dei um passo em direção à janela. Logo que o fiz, a coisa recuou e desapareceu. Eu corri à porta e olhei em torno apressadamente, mas somente os arbustos emaranhados e as moitas encontraram meu olhar.

Corri de volta para casa e, tomando minha arma, saí para procurar pelos jardins. Ao fazê-lo, perguntava-me se a coisa que tinha acabado de ver não seria a mesma que eu tinha entrevisto pela manhã. E fiquei inclinado a pensar que sim.

Teria trazido Pimenta comigo, mas julguei que era melhor lhe dar uma chance de curar-se da ferida. Além disso, se a criatura que eu tinha visto era, como imaginava, o seu antagonista da manhã, não era provável que ele fosse útil. Comecei minha busca sistematicamente. Estava determinado, se possível a achar e dar fim àquela coisa suína. Aquele era, afinal, um Horror material.

A princípio eu procurava com cuidado, com a lembrança do ferimento de Pimenta ainda em mente, mas quando as horas foram passando e não surgia nenhum sinal de coisa viva nos grandes e solitários jardins eu fiquei menos apreensivo. Senti quase como se fosse ficar feliz de ver a coisa. Qualquer coisa parecia melhor do que aquele silêncio, com a sensação onipresente de que a criatura poderia estar espreitando atrás

de qualquer arbusto por que eu passasse. Mais tarde eu me descuidei do perigo, a ponto de pular dentro dos arbustos ou de enfiar o cano da arma nas moitas ao avançar.

Às vezes eu gritava, mas somente os ecos respondiam-me. Eu pensava em assim talvez assustar a criatura e fazê-la mostrar-se, mas só consegui fazer minha irmã, Mary, sair também, para ver o que era. Eu lhe disse que havia visto o gato selvagem que ferira o Pimenta e que estava tentando caçá-lo nos arbustos. Ela só ficou meio satisfeita e voltou para dentro de casa com uma expressão de dúvida no rosto. Fiquei imaginando se ela não teria visto ou adivinhado alguma coisa. Pelo resto do entardecer eu persegui a coisa ansiosamente. Eu achava que não poderia dormir com aquela coisa bestial assombrando os matagais e, mesmo assim, até anoitecer, eu não tinha visto nada. Então ao voltar para casa eu ouvi um ruído curto e inteligível nos arbustos à minha direita. Instantaneamente eu me virei e, apontando rápido eu atirei na direção do som. Imediatamente eu ouvi alguma coisa correndo atabalhoadamente entre os arbustos. Movia-se rápido e em um minuto já tinha desaparecido do alcance de minha audição. Depois de dar uns passos atrás do som eu interrompi a perseguição, compreendendo o quanto seria fútil, diante da escuridão que rapidamente chegava, e então, sentindo-me curiosamente deprimido, entrei em casa.

Aquela noite, depois que minha irmã foi dormir, eu percorri todas as janelas e portas do andar térreo e verifiquei se estavam trancadas. Esta precaução era desnecessária em relação às janelas, pois todas as dos andares inferiores eram firmemente gradeadas, mas em relação às portas, que eram cinco, foi uma lembrança sábia, pois nenhuma delas estava trancada.

Tendo me assegurado disso, eu subi até meu escritório e, no entanto, de alguma forma, naquele momento, o lugar abalou-me, ele parecia tão grande e cheio de eco. Por algum tempo eu tentei ler, mas por fim descobri que era impossível e descí com o livro para a cozinha, onde uma grande lareira estava queimando, e me sentei ali.

Ouso dizer que tinha lido por um par de horas quando, de repente, ouvi um som que me fez deixar o livro e ouvir atentamente. Era como o ruído de alguma coisa se esfregando e tateando a porta dos fundos. Uma vez a porta rangeu alto, como se alguma força estivesse sendo aplicada sobre ela. Durante esses poucos e curtos

momentos eu experimentei um indescritível sentimento de terror. tal como não imaginava ser possível. Minhas mãos tremeram, um suor frio me cobriu e eu sacudia violentamente.

Gradualmente me acalmei. Os furtivos movimentos exteriores tinham parado.

Então por uma hora eu fiquei sentado e vigilante. E de uma vez o medo me agarrou de novo. Eu senti como se imagino que um animal se sente ao ser contemplado por uma serpente. Mas não podia ouvir nada. Mesmo assim, não havia dúvida de que uma influência inexplicada estava trabalhando.

Gradualmente, imperceptivelmente quase, algo desviou a atenção de meus ouvidos — um som que se parecia com um murmúrio baixo. Rapidamente ele se desenvolveu em um confuso, mas horrendo, coro de berros bestiais. E parecia erguer-se das entranhas da terra.

Eu ouvi um impacto seco e senti, de uma maneira cega e meio estúpida, que tinha deixado cair o livro. Depois disso eu só fiquei sentado, e assim a luz do dia me achou, quando ela avançou descoradamente pelas janelas gradeadas e altas da grande cozinha.

Com a luz do amanhecer o sentimento de estupor e medo me deixou e eu retornei a um maior controle dos meus sentimentos.

Então eu peguei o livro e avancei até a porta para ouvir. Nenhum som quebrava o silêncio frio. Por alguns minutos eu fiquei ali e então, muito gradual e cautelosamente, eu puxei a tranca e abri a porta e olhei lá fora. Minha precaução era desnecessária. Nada havia para se ver, exceto uma vista cinzenta de assustadores e emaranhados arbustos e árvores que se estendiam até a distante plantação.

Com um calafrio eu fechei a porta e segui, silenciosamente, para a cama.

CAPÍTULO VI

As Coisas Suínas

Era noite, uma semana depois. Minha irmã estava sentada no jardim tricotando. Eu estava perambulando a ler. Minha arma estava encostada na parede de casa porque desde o advento das coisas estranhas nos jardins eu pensava prudente tomar precauções. Apesar disso, ao longo da semana inteira, não tinha acontecido nada que me alarmasse, nenhum som ou aparição, de forma que já conseguia calmamente ver o incidente em retrospecto, embora ainda com uma sensação bem marcada de curiosidade e receio. E eu estava, como acabo de dizer, andando de um lado para o outro, algo absorto no meu livro. Subitamente ouvi um estrondo na direção do Abismo e, num movimento rápido, virei-me e vi uma tremenda coluna de poeira que se erguia pelo ar da noite.

Minha irmã bem se pôs de pé, com uma aguda exclamação de surpresa e medo.

Dizendo-lhe para ficar onde estava, eu peguei a minha arma e corri para o Abismo. Ao me aproximar ouvi um barulho surdo que crescia rapidamente para um troar, junto com mais

estrondos profundos e de dentro do Abismo subiu novo volume de poeira.

O barulho cessou, embora a poeira ainda se erguesse, tumultuadamente. Cheguei na borda e olhei lá para baixo, mas não pude ver nada a não ser a ebulição de nuvens de poeira agitadas por aqui e ali. O ar estava tão cheio de partículas pequenas que elas me cegavam e sufocavam até que finalmente eu tive que sair de perto daquela sufocação, para poder respirar.

Gradualmente as matérias em suspensão se acamaram, deixando também uma panóplia ao redor da boca do Abismo.

Eu só conseguia imaginar o que poderia ter acontecido.

Tinha sido um tipo de desmoronamento, não havia a menor sombra de dúvida, mas a sua causa estava além do meu conhecimento, e mesmo assim, naquele momento, eu bem podia imaginar, porque já tinha me surgido o pensamento das pedras caindo e da Coisa no fundo do Abismo, mas durante os minutos iniciais da confusão eu custei a chegar à conclusão óbvia, para a qual a catástrofe apontava.

Lentamente, a poeira cedeu até que pude aproximar-me da borda e olhar o que havia embaixo.

Por um momento olhei sem resultado através das exalações. A princípio era impossível discernir qualquer coisa. Então, enquanto olhava, eu vi algo lá, pela minha esquerda, que se mexia. Olhei atentamente para aquilo e então notei outro, depois outro — três formas vagas que pareciam subindo do fundo do Abismo. Eu só os podia ver indistintamente. E enquanto olhava surpreso, ouvi um agitar de pedras, em algum lugar à minha direita. Eu olhei de lado mas não vi nada. Inclinei-me para a frente e olhei à frente e para dentro do Abismo, logo abaixo de onde eu estava, não vendo nada além de uma horrenda e branca cara de porco, que chegara a pouco menos de dois metros de meus pés. Mais para baixo eu via várias outras. Quando a Coisa me viu, deu logo um guincho grosseiro, que foi respondido por toda as partes do Abismo. Com isso um jorro de horror e medo me agarrou e, inclinandome à frente, eu descarreguei a minha arma bem na sua fuça. No mesmo instante a criatura desapareceu, com uma algazarra de terra solta e pedras.

Houve um silêncio momentâneo ao qual, provavelmente, devo minha vida, pois me permitiu ouvir o rápido trote de muitas

patas e ao virar-me dei com uma tropa das criaturas vindo em minha direção, bem a galope.

Instantaneamente eu apontei a arma e atirei na da frente, que caiu de focinho no chão com um ganido horrível. Então eu comecei a correr. Pela metade do caminho do Abismo até a casa vi minha irmã, correndo até mim.

Não podia ver o seu rosto distintamente porque a tarde havia caído, porém a sua voz estava cheia de medo enquanto ela me gritava porque eu estava atirando.

— Corre! — foi o que lhe gritei de volta — Corre pela sua vida!

Sem mais perguntar ela girou nos calcanhares e correu de volta, segurando suas saia com as mãos. Enquanto a seguia eu olhei para trás. Os brutos corriam sobre as patas de trás, mas às vezes caindo de quatro.

Acho que deve ter sido o medo em minha voz que fez Mary correr tanto, porque tenho quase certeza que não tinha, ainda, visto nenhuma daquelas coisas infernais que nos perseguiram. E assim corremos para casa, a minha irmã na frente.

A cada instante, o som cada vez mais próximo do trotar ia me contando que os brutos estavam ganhando terreno rapidamente. Felizmente eu era acostumado, de certa forma, a uma vida ativa. Mas, mesmo assim, todo o esforço da corrida estava começando a exigir severamente de mim.

À frente eu podia ver a porta dos fundos — felizmente aberta. Eu estava então uma meia dúzia de metros atrás de Mary, e minha respiração ia engasgada na garganta. Então senti algo tocar o meu ombro. Girei a cabeça rápido e vi uma daquelas faces pálidas e monstruosas perto da minha. Uma das criaturas tinha corrido mais que as outras e estava quase me ultrapassando. Enquanto ainda me virava ela tentou agarrar-me. Com um esforço súbito eu saltei de lado e tendo a minha arma segura pelo cano, golpeei a coronha no crânio daquela criatura maligna. A Coisa caiu, com um gemido quase humano.

Mesmo este pequeno atraso tinha sido bastante para trazer o resto dos brutos mais perto de mim, portanto, sem perder mais um instante, tornei a correr para a porta. Alcançando-a, entrei e rapidamente a bati com força e logo aferrolhei, justo quando a primeira das criaturas a atingia com choque súbito.

A minha irmã estava sentada em uma cadeira, a tomar fôlego, parecendo a ponto de desmaiar, mas não tinha tempo a perder

com ela. Tinha que certificar-me de que todas as portas estavam trancadas.

Por pura sorte todas estavam. A que ia de meu escritório para o jardim foi a última a que eu fui. Eu mal tinha tido tempo de notar que ela estava segura quando pensei ouvir um barulho do lado de fora. Eu fiquei em silêncio total e ouvi. Sim! Eu pude então ouvir distintamente o som de sussurros, e de alguma coisa a resvalar pelos painéis, com ruído de raspagem, de arranhão. Evidentemente, alguns dos brutos estavam testando as portas com suas manzorras, para tentar descobrir se havia um jeito de entrar.

Que as criaturas tinham encontrado a porta tão rápido era prova de sua capacidade de raciocínio, o que me assegurava que eu não podia, de forma alguma, encará-las como meros animais. Eu pressentira algo assim antes, quando aquela primeira Coisa espiara pela minha janela. Então lhes aplicara o termo “sobre-humanas”, quando percebi, quase que instintivamente, que aquele tipo de criatura era diferente dos animais irracionais. Algo além do humano, mas não de um modo apropriado, em vez disso algo de maligno e hostil para o bem-estar da humanidade. Em uma palavra, algo inteligente e ainda inumano. A simples lembrança daquelas criaturas me enchia de repulsa.

Então pensei em minha irmã, fui ao armário e peguei o frasco de conhaque e um cálice de vinho. Levando-os comigo, fui até à cozinha, carregando também uma vela acesa. Não estava mais sentada na cadeira: tinha caído ao chão e estava estendida de rosto para baixo.

Muito cuidadosamente eu a virei e a ergui um pouco. Então lhe dei um pouco do conhaque entre os lábios. Depois de um instante ela tremeu um pouco. Logo depois ela tossiu algumas vezes e abriu os olhos. Com a expressão sonolenta e confusa ela me olhou. Então seus olhos se fecharam lentamente e eu lhe dei mais um pouco do conhaque. Por mais um minuto ou menos ela ainda ficou silenciosa, a respirar rápido. Então, de uma vez só, seus olhos se abriram outra vez e pareceu-me, quando os vi, que ambas as pupilas estavam dilatadas, como se o medo tivesse vindo junto com o retorno da consciência. Então, em um movimento tão inesperado que me fez recuar, sentou-se no chão. Vendo que ela parecia ainda instável, pus a minha mão para apoiá-la. Então ela deu um grande grito e, arrastando-se de quatro, saiu correndo do cômodo.

Por um momento eu fiquei lá ajoelhado e segurando o meu frasco de conhaque, completamente confuso e atônito.

Ela estaria com medo de mim? Mas não! O que poderia ser? Só pude pensar que seus nervos tinham sido muito esforçados, e que ela estava ainda temporariamente fora de si. No andar de cima ouvi uma porta bater e soube que tinha buscado refúgio em seu quarto. Pus o frasco na mesa. Minha atenção foi distraída por um ruído, na direção da porta dos fundos. Fui até ela e ouvi. Parecia estar forçada, como se uma das criaturas lutasse contra ela silenciosamente, mas ela era de construção muito firme e era muito forte para ser facilmente arrombada.

Lá fora no jardim subia um som contínuo. Ele poderia ter sido tomado, por um ouvinte casual, por grunhidos e guinchos de uma vara de porcos. Mas a mim, que ali estava, me pareceu que havia sentido e significado naqueles ruídos suínos. Gradualmente, eu tive a impressão de notar uma semelhança com fala humana — viscosa e grudenta, como se cada articulação viesse com grande dificuldade. Porém, apesar disso, estava certo de que aquilo não era um mero amontoado de ruídos, mas sim uma rápida troca de ideias.

A essa altura tinha ficado bem escuro pelos corredores, e deles vinha toda a variedade de gritos e gemidos de que uma velha casa está cheia após cair a noite. Isto é, sem dúvida, porque as coisas ficam quietas, e você tem mais tempo para ouvir. Há também a teoria de que a variação súbita de temperatura

depois do pôr-do-sol afeta a estrutura da casa de certa forma, fazendo-a contrair e se assentar para a noite. Seja lá o que for, naquela noite em particular, queria muito ter estado livre de tantos ruídos extravagantes. Parecia-me que cada estalo ou chiado poderia ser uma das Coisas vindo pelos corredores escuros, mesmo eu sabendo em meu coração que não poderia ser, porque eu mesmo tinha verificado que todas as portas estavam seguras.

Gradualmente, porém, aqueles sons foram crescendo nos meus nervos de uma tal maneira que, ainda que apenas para punir-me pela covardia, senti que deveria fazer a ronda do porão, mais uma vez, e encarar o que houvesse lá. Então eu subiria para o meu escritório, pois sabia que dormir estava fora de cogitação, com a casa cercada de criaturas, meio animais e meio uma outra coisa, totalmente abomináveis.

Tomando uma lâmpada de mesa de seu suporte, segui de porão em porão e de quarto a quarto, pelas despensas e frestas e buracos e corredores, e pelos cento e um pequenos becos e cantos que formam o porão da velha casa. Então, quando soube que tinha visto em todo canto e cada vão bastante grande para ocultar qualquer coisa de qualquer tamanho, eu segui para a escada.

Detive o meu pé no primeiro degrau. Pareceu-me ouvir um movimento, aparentemente na despensa, que fica à esquerda da escadaria. Tinha sido um dos primeiros lugares em que eu procurara, mas mesmo assim eu sabia que meus ouvidos não me enganavam. Meus nervos estavam rígidos, e sem quase nenhuma hesitação fui até à porta erguendo a lâmpada acima da minha cabeça. Em um relance eu vi que o lugar estava vazio, a não ser pelas suas pesadas lajes de pedra, deitadas em pilares de tijolos, e estava pronto para sair, convencido de que eu tinha me enganado quando, ao me virar, minha luz brilhou de volta a partir de uns pequenos pontos fora da janela acima. Por um breve instante eu fiquei lá olhando. Então se moveram lentamente, girando e cintilando, alternadamente, em verde e em vermelho, pelo menos foi o que me pareceu. Soube então que eram dois olhos.

Lentamente, tracei o contorno da sombra de uma das Coisas. Ela parecia agarrada às grades de uma das janelas e a posição sugeria que tentava escalar. Eu cheguei mais perto da janela e alcei mais a luz. Não havia porque temer a criatura: as grades eram fortes e era pouco o perigo de que ela fosse capaz de arrebatá-las. Mas mesmo assim, de repente, sabendo que o bruto nunca me alcançaria, tive outra vez a horrível sensação de medo que me assaltara naquela noite, uma semana antes. Era o mesmo sentimento de desamparo, medo excruciante. Eu percebi, vagamente, que os olhinhos da criatura fitavam bem

dentro dos meus com atenção firme e decidida. Tentei não desviar o meu olhar, mas eu não consegui.

Parecia então que eu via a janela através de uma neblina. E imaginei que uns outros olhos vinham e espiavam, e logo outros, até que toda uma galáxia de órbitas malignas e curiosas pareciam reter-me em servidão. Minha cabeça logo pareceu nadar e agitar-se violentamente. Então senti aguda dor física em minha mão esquerda. A dor tornou-se cada vez mais severa e roubou, literalmente roubou, a minha atenção. Com um esforço tremendo olhei para baixo, e nisso o encanto que me retinha se quebrou. Eu percebi, então, que eu tinha, em minha agitação, inconscientemente pegado no vidro quente da lâmpada e queimado a minha mão bastante. Olhei de novo a janela. A aparição nebulosa tinha sumido e então eu via que ali estavam dezenas de faces bestiais. Num acesso súbito de ira, ergui a lâmpada e a atirei em cheio à janela. Pegou na vidraça, quebrando um painel, passou por entre as grades e caiu no jardim, espalhando óleo quente no caminho. Ouvi uns gritos altos de dor e quando minha visão se acostumou com o escuro, descobri que as criaturas tinham deixado a janela.

Refeito, tateei até a porta, e achando-a eu me pus a caminho do primeiro piso, tropeçando em cada degrau. Estava tonto como se tivesse levado uma pancada na cabeça. A minha mão

também ferroava demais, e eu estava cheio de raiva cega e nervosa contra aquelas Coisas.

Logo que cheguei ao meu escritório acendi as velas. Enquanto queimavam, sua luz se refletia na prateleira de armas de fogo, estendida parede afora. Diante desta visão, lembrei-me que eu tinha um poder que, como tinha visto mais cedo, parecia ser fatal naqueles monstros da mesma maneira que nos animais vulgares, com que me determinei a tomar a ofensiva.

Mas primeiro, minha mão. Enfaixei-a porque a dor já estava ficando intolerável. Depois disso pareceu melhorar e eu atravessei o quarto, até a prateleira dos rifles. Ali escolhi um pesado, uma velha e experiente arma, e depois de buscar a munição, subi até uma das pequenas torres que coroam a casa.

Dali notei que não poderia ver nada. Os jardins ofereciam um difuso borrão de sombras — um pouco mais escura, talvez, onde havia árvores. Isto era tudo, eu sabia que era inútil atirar para baixo naquela escuridão. A única coisa a fazer era esperar a lua surgir e então poderia fazer alguma execução.

Enquanto isso, fiquei imóvel e mantive meus ouvidos atentos. Os jardins estavam comparativamente silenciosos, e só um ou

outro grunhido ou guincho me alcançava. Não agradei daquele silêncio: ele me fazia pensar em que diabruras as criaturas estariam maquinando. Duas vezes eu saí da torre e dei outra caminhada

pela casa, mas tudo estava silencioso. Uma vez eu ouvi um ruído, vindo lá da direção do Abismo, como se ainda mais terra tivesse caído. Depois disso, e por uns quinze ou mais minutos, houve uma comoção entre os habitantes de meus jardins. Isto passou, e depois ficou tudo quieto outra vez.

Cerca de uma hora depois a luz da lua apareceu sobre o horizonte distante. De onde estava, podia enxergar acima das árvores, mas só depois que a lua estava bem acima delas que eu pude discernir quaisquer detalhes nos jardins abaixo de mim. Mesmo então não consegui ver nenhum dos brutos, até que, ao me curvar para a frente, vi vários deles encostados na parede da casa. O que eles estavam fazendo, não consegui entender. Era, porém, uma chance boa demais para ignorar e, fazendo mira, atirei naquele que estava logo abaixo. Houve um grito estridente e quando a fumaça se dissipou eu vi que ele tinha caído de costas e estrebuchava debilmente. Então ficou tudo quieto. Os outros tinham desaparecido.

Logo depois disso ouvi um alto guincho na direção do Abismo. Ele foi respondido, uma centena de vezes, por tudo quanto era lado do jardim. Isto deu uma noção do número das criaturas, e comecei a pensar que o caso estava se tornando muito mais sério do que eu tinha imaginado.

Sentado lá, vigiando em silêncio, o pensamento me veio — o que seria tudo aquilo? O que eram aquelas Coisas? O que significaria aquilo tudo? Então meus pensamentos voaram de volta à visão (mesmo agora, duvido que fosse uma visão) da Planície do Silêncio. Qual o significado daquilo? Perguntava-me — e quanto à Coisa na arena? Oh! Por fim, pensei na casa que vira naquele lugar tão distante. Minha casa era tão semelhante àquela em cada detalhe da estrutura externa que só poderia ser feita com base nela ou o contrário. Eu não pensara nisso...

Então veio outro guincho comprido, lá do Abismo, que foi seguido, segundos depois, por um par de outros bem mais curtos. Logo o jardim se encheu de gritos em resposta. Pus-me de pé rapidamente e olhei sobre o parapeito. Sob o luar, parecia que os arbustos estavam vivos. Agitavam-se para lá e para cá, como se sacudidos em um vento forte e irregular, enquanto contínuo farfalhar de patas em foga me subia. Mais de uma vez vi a lua brilhando sobre figuras brancas correndo

entre os arbustos e duas vezes eu atirei. Da segunda vez, o meu tiro foi respondido por um curto guincho de dor.

Um minuto depois os jardins estavam silenciosos. Do Abismo vinha uma profunda e rouca babel de língua de porco. Certas vezes gritos raivosos feriam o ar, e sempre respondidos por uma multidão de grunhidos. Ocorreu-me que eles estariam ali debatendo em algum tipo de conselho, talvez para discutir o problema de entrar na casa. Também pensei que eles pareciam muito furiosos, provavelmente por causa dos meus tiros bem-sucedidos.

Pensei então que seria um bom momento para fazer um levantamento geral de nossas defesas. O que tratei de fazer logo, visitando todo o porão de novo e examinando cada porta. Por sorte elas eram todas tal como a dos fundos — feitas de carvalho e armadas com ferro. Então subi para o meu escritório. Eu estava mais preocupado com aquela porta. Ela é palpavelmente de feitio mais moderno do que as demais e, embora ainda seja uma peça formidavelmente firme, tem pouca da poderosa resistência delas.

Devo aqui me explicar que existe um pequeno jardim elevado deste lado da casa, sobre o qual se abre esta porta, sendo que as janelas do escritório são gradeadas. Todas as demais

entradas, com exceção do grande portão que nunca é aberto, ficam no andar de baixo.

CAPÍTULO VII

O Ataque

Fiquei algum tempo analisando como faria para reforçar a porta do escritório. Por fim desci à cozinha e com algum trabalho subi com algumas toras de madeira, bem pesadas. Eu as ancorei contra a porta, inclinadas, pregando em cima e embaixo. Por meia hora eu trabalhei duro até ficar mais tranquilo.

Então, sentindo-me mais calmo, vesti meu casaco, que tinha ficado de lado, e passei a resolver um ou dois assuntos antes de voltar à torre. Estava ocupado em alguma coisa quando ouvi apalparem a porta, depois a tranca foi experimentada. Mantendo-me em silêncio eu esperei. Logo ouvi diversas criaturas do lado de fora. Grunhiam entre si, suavemente. Então, por um minuto houve silêncio. De repente soou um grunhido baixo e rápido e a porta rangeu debaixo de uma pressão tremenda. Ela teria se partido se não fossem os apoios que eu lhe colocara. A força cessou, tão rápido como começara, e voltaram a conversar.

Então uma Coisa deu um guincho, suavemente, e ouvi o som de outras aproximarem-se. Houve uma breve confabulação e então, o silêncio. Notei então que elas tinham chamado muito mais para ajudar. Vendo que aquele era o momento supremo, fiquei preparado, com meu rifle apontado. Se a porta cedesse, poderia pelo menos matar quantas fosse possível.

Outra vez ouvi o sinal baixo, e outra vez a porta rangeu sob força enorme. Por um minuto, talvez, a pressão foi aplicada e esperei, nervosamente, que a porta viesse abaixo com um estrondo. Mas não, as escoras resistiram e a tentativa se mostrou abortiva. Então seguiu-se mais daquela conversa horrível e grunhida, e enquanto se desenvolvia, pensei ter discernido ruído de recém-chegadas.

Depois de uma longa discussão, durante a qual aquela porta foi várias vezes forçada, elas ficaram quietas de novo e eu sabia que estavam por fazer uma terceira tentativa de arrombar. Eu estava quase em desespero. As escoras tinham sido severamente testadas nos dois ataques de antes e eu me sentia muito receoso de que a terceira vez podia ser demais para elas.

Naquele instante, como uma inspiração, uma ideia passou pelo meu cérebro perturbado. Imediatamente, já que não havia tempo para hesitar, eu saí correndo do quarto e subi escadas e

mais escadas. Daquela vez não fui para uma das torres, mas para o telhado. Uma vez lá, eu corri até o parapeito que o cerca e olhei para baixo.

Ao fazê-lo, ouvi o sinal curto, grunhido, e mesmo lá de cima eu ouvi a porta ranger com o assalto.

Não havia um momento a perder e eu me debrucei, mirei rápido e disparei. O estampido passou cortando e quase junto subiu o estalo da bala atingindo seu alvo. Veio de baixo um lamento estridente e a dor parou seu ranger. Então, quando eu aliviei meu peso do parapeito, uma enorme peça da cornija de pedra escorregou debaixo de mim e caiu com estrondo entre a turba desorganizada embaixo. Uma série de horríveis berros vibrou através do ar noturno e eu então ouvi o som de patas em fuga. Cautelosamente olhei por cima do parapeito. À luz da lua deu para ver a grande pedra da cornija caída bem diante do degrau da porta. Pensei ter visto também algo sob ela — várias coisas brancas, só que não tenho muita certeza.

Então alguns minutos se passaram.

Enquanto olhava, percebi algo que retornava de dentro das sombras da casa. Era uma das Coisas. Ela veio até a pedra,

silenciosamente e se ajoelhou. Eu não pude ver o que ela fazia. Em um instante ela ficou de pé e tinha

algo em suas garras, que levou à boca e mordeu...

No princípio eu não entendi. Então, lentamente eu compreendi. A Coisa estava se abaixando de novo. Era horrível. Comecei a carregar o meu rifle. Quando eu olhei outra vez, o monstro estava empurrando a pedra, movendo-a para um lado. Apoiei o rifle na cornija e puxei o gatilho. O bruto caiu, de focinho para baixo, e esticou ligeiramente.

Simultaneamente, quase, com o estampido, ouvi outro som, de vidro quebrando. Esperando apenas para recarregar minha arma, saí do telhado e descí os primeiros dois lances de degraus.

Lá parei para ouvir. E ao fazê-lo, veio outro tinido de vidro caído. Pareceu vir do andar de baixo. Excitadamente eu corri pelas escadas abaixo e guiado pelos ruídos dos caixilhos, cheguei à porta de um dos quartos de dormir desocupados, nos fundos da casa. Empurrei-a para trás. O quarto estava só levemente iluminado pelo luar: a maior parte da luz era bloqueada por um monte de figuras que se moviam fora da

janela. Nem bem eu cheguei e uma esgueirou-se quarto adentro. Nivelando a arma atirei à queima roupa, preenchendo o quarto com um estrondo ensurdecador. Quando a fumaça clareou, percebi que o quarto estava vazio e janela, livre. Estava bem mais claro e o ar da noite soprava frio através dos painéis quebrados. Abaixo podia ouvir dentro da noite um ganido suave e o murmúrio de vozes suínas.

Pondo-me de lado da janela, recarreguei e fiquei ali esperando. Então ouvi barulho de briga. De onde eu estava, nas sombras, eu podia ver sem ser visto.

Os ruídos se aproximaram e logo vi algo aparecer em cima do parapeito e agarrar a armação quebrada da janela. Aquilo se agarrou a um pedaço de madeira e pude ver que era uma mão e um braço. Um instante depois e o rosto de uma das Criaturas suínas apareceu à vista. Então, antes que eu pudesse usar o meu rifle, ou fazer qualquer coisa, ouviu-se um estalo alto e a armação da janela cedeu sob o peso da Coisa. No momento seguinte um baque surdo e um grito alto me contaram que ela tinha caído pelo chão. Na esperança selvagem de que tivesse morrido eu cheguei à janela. A lua tinha se escondido atrás de nuvens, de forma que não deu para divisar nada, porém, o incessante zumbido de falatório, bem abaixo de onde estava, indicava que havia vários outros dos brutos por perto.

Enquanto estava ali olhando para baixo, intriguei-me que as criaturas tivessem conseguido subir tão alto, porque as paredes são comparativamente lisas e a distância até o chão seria de uns vinte e cinco metros.

De repente, então, enquanto espiava, notei algo indistinto que cortava a lisa sombra cinzenta do lado da casa, como uma linha escura, que passava a janela à esquerda, a uma distância de meio metro. Então me lembrei da calha que eu mesmo tinha mandado pôr lá anos antes, para escorrer a água da chuva. Tinha esquecido aquilo. Pude então entender como as criaturas tinham podido alcançar a janela. Nem bem a solução tinha chegado até mim, ouvi um ruído baixo de deslizamento ou arranhamento e soube que outro dos brutos estava subindo. Eu esperei algum tempo e então me debrucei da janela e testei o cano. Para a minha alegria ele estava bastante solto e eu consegui, usando meu rifle como alavanca, arrancá-lo da parede. Trabalhei rápido. Então, segurando-o com ambas as mãos, liberei-me do problema de uma vez por todas, atirando-o lá para baixo, com a Coisa ainda agarrada nele.

Por uns minutos a mais fiquei ali esperando e ouvindo, mas depois da primeira gritaria geral não ouvi mais nada. Eu sabia que não havia mais motivo para temer um ataque daquela

direção. Eu tinha removido a única maneira de alcançarem a janela e como nenhuma outra possuía canos próximos para tentar as habilidades de escaladores de alguns dos monstros, eu comecei a ficar mais confiante de que poderia escapar de suas garras.

Deixando o quarto, eu segui até o escritório. Eu estava ansioso para saber como a porta resistira o teste do último ataque. Entrando lá, logo acendi duas velas e me volvei para a porta. Uma das grandes escoras tinha sido deslocada e, daquele lado, a porta tinha sido forçada para dentro por uns quinze centímetros.

Tinha sido providencial eu conseguir espantar os brutos bem no momento em que conseguira! E aquela peça da cornija! Mal podia, vagamente, imaginar como a deslocara. Eu não a tinha notado solta quando dera o tiro e então, quando me levantei ela escorregou debaixo de mim... Eu sentia que devia o fracasso da força de ataque mais à sua queda do que ao meu rifle. Então me veio o pensamento de que deveria aproveitar aquela chance e reforçar a porta de novo. Era evidente que as criaturas não tinham retornado desde a queda da cornija, mas quem diria quanto tempo elas ficariam afastada?

Então me dediquei a reparar a porta, trabalhando dura e bem ansiosamente. Primeiro fui ao porão e procurando por lá dei com alguns pedaços de tábuas de carvalho. Com eles retornei ao escritório, removi as escoras e apoiei as tábuas de pé, contra a porta. Então preguei as cabeças das escoras nelas, e enfiando firme contra o chão, preguei-as também ali.

Assim, fiz a porta mais forte do que nunca, solidificada pelo apoio das tábuas e poderia, tinha certeza, suportar pressão mais pesada que a de antes sem ceder.

Depois disso eu acendi a lâmpada que tinha trazido da cozinha e fui dar uma olhada nas janelas baixas. Tendo visto uma amostra da força que as criaturas possuíam, sentia-me consideravelmente mais ansioso quanto às janelas do andar térreo — apesar do fato de elas serem tão firmemente gradeadas.

Primeiro fui à despensa, ainda com a lembrança viva de minha recente aventura lá. O lugar estava gelado, e o vento, soprando com força através do vidro quebrado, produzia uma nota lúgubre. A não ser pela aparência geral de abandono, o lugar estava como o deixara mais cedo. Indo à janela eu examinei a grade e pude notar, como dizia, a sua confortável grossura. Mesmo assim, ao olhar com mais cuidado e, tive a impressão

de que a barra do meio estava ligeiramente torta, mas era um pouco só e ela poderia ter estado daquele jeito há anos. Eu nunca tinha prestado atenção nelas antes.

Eu passei a minha mão pela janela quebrada e forcei a barra. Estava firme como uma rocha. Talvez as criaturas tivessem tentado arrancá-la, e vendo que era mais forte do que tinham imaginado, pararam com o esforço.

Depois disso eu rondei cada uma das janelas, examinando-as com cuidadosa atenção, mas em lugar algum deu para notar qualquer tipo de alteração. Dando por terminada minha inspeção, voltei ao escritório para tomar um pouco de conhaque e depois subi à torre para vigiar.

C A P I T U L O V I I I

Depois do Ataque

Devia ser mais ou menos três da manhã e então o céu oriental começou a empalidecer com a chegada da aurora.

Gradualmente o dia chegou e, graças à sua luz, fiz a uma inspeção dos jardins, com toda atenção, mas em lugar algum consegui ver qualquer sinal dos brutos. Inclinei-me e olhei para baixo até o rodapé da parede para ver se o corpo da Coisa que eu tinha alvejado durante a noite ainda estava lá. Mas tudo sumira. Creio que os outros monstros o levaram durante a noite.

Então saí para o telhado e fui até a falha de onde a cornija havia caído. Lá chegando, olhei por cima. Sim, lá estava a pedra, tal como a vira pela última, mas não havia aparência de coisa alguma sob ela, e nem pude ver as criaturas que tinha matado depois de sua queda. Era evidente que também elas tinham sido levadas. Voltei ao meu escritório e ali me sentei, bem preocupado. Estava bastante cansado. O dia ainda era claro, embora os raios do sol não fossem perceptivelmente quentes. Um relógio bateu as quatro horas.

Acordei assustado e olhei em volta preocupado. O relógio no canto indicava serem três horas. Já era tarde, eu devia ter dormido por quase onze horas.

Movendo-me desajeitadamente eu me sentei mais ereto na cadeira e ouvi. A casa estava perfeitamente silenciosa. Lentamente levantei da cadeira e bocejei. Ainda estava desesperadamente cansado e tive de sentar de novo, pensando o que me teria acordado. Devia ter sido o relógio batendo as horas, eu concluí em um instante e comecei a ficar sonolento, então um ruído súbito me trouxe de volta à vida, mais uma vez. Era som de passos, como se uma pessoa estivesse andando cautelosamente através do corredor, em direção ao meu escritório. Num instante me pus de pé e peguei o meu rifle. Sem fazer barulho esperei. Será que as criaturas tinham conseguido entrar, enquanto eu dormia? Eu ainda fazia a pergunta quando os passos chegaram à porta, pararam por um momento e logo continuaram a descer pelo corredor. Silenciosamente, pé ante pé, fui até a porta e olhei para fora. Então experimentei uma tamanha sensação de alívio que eu parecia um criminoso absolvido — era a minha irmã. Ela estava indo em direção às escadas.

Saí ao corredor e ia chamá-la quando me ocorreu que era bem estranho que tivesse passado pela minha porta daquele jeito

furtivo. Eu fiquei confuso e por um breve momento me ocupou a mente a ideia de que não era ela, mas algum novo mistério da casa. Então vi um detalhe de sua velha anágua e logo tal pensamento passou tão rápido como tinha surgido, e eu quase sorri. Não poderia haver engano nenhum quanto àquela antiga peça de roupa. Porém eu ainda estava sem entender o que ela estava fazendo e, lembrando a sua condição no dia anterior, julguei que seria melhor segui-la, sem fazer ruído, e ver o estava indo fazer. Se agisse racionalmente, muito bem. Caso contrário, eu teria que agir para impedi-la. Eu não poderia correr riscos desnecessários, não diante daquele perigo que nos ameaçava.

Cheguei rapidamente ao alto da escada e parei por um momento. Então escutei um som que me fez sair correndo para baixo como um louco: era o barulho de trancas sendo abertas. A minha tola irmã estava abrindo a porta dos fundos.

Quando a sua mão já estava a ponto de abrir a última tranca eu cheguei até ela. Ela não tinha me visto, e a primeira coisa que viu foi já a minha mão segurando o seu braço. Ela olhou para cima, como um animal assustado, e deu um grito alto.

— Calma lá, Mary! — disse-lhe, severamente — o que significa tal absurdo? Será que você não compreende o

perigo a ponto de tentar pôr as nossas duas vidas a perder desta maneira!?

Diante disso ela não respondeu nada, apenas tremeu violentamente, engasgando e soluçando, como se estivesse no último extremo do pavor.

Por alguns minutos discuti com ela sobre a necessidade de ter cuidado e pedi que tivesse coragem, pois havia pouca coisa que temer, segundo lhe disse — e eu queria acreditar que falava a verdade — mas ela ainda precisava ser sensata e não tentar deixar a casa por alguns dias.

Por fim parei, em desespero. Não tinha sentido conversar com ela, pois obviamente não estava em si naquele momento. Finalmente lhe disse que devia ir para seu quarto, já que não conseguia comportar-se racionalmente.

Mas ela ainda não me ouvia. Então, sem mais espera, tomei-a nos braços e a levei para lá. No começo ela gritou loucamente, mas já tinha recaído em uma tremura silenciosa antes que eu chegasse às escadas.

Chegando no seu quarto, deitei-a na cama e a deixei lá quieta, sem falar nem soluçar — apenas tremendo com uma agonia de pavor. Peguei um cobertor que estava estendido sobre uma cadeira e estendi sobre ela. Eu não sabia fazer nada mais, então fui para onde o Pimenta deveria estar, em sua grande cesta. Minha irmã tinha tomado conta dele desde que ele se ferira, tratando-o com cuidado, pois a chaga se mostrara mais grave do que eu tinha pensado antes, e notei, satisfeito, que apesar de seu estado mental alterado, ela tinha olhado pelo cão corretamente. Inclinei-me sobre ele e lhe chamei, em resposta ele lambeu minha mão debilmente.

Estava muito fraco para conseguir fazer mais do que isso.

Então a caminho da cama, fui até minha irmã e perguntei como se sentia, mas ela só tremeu mais e, ainda que isso me agoniasse, tive de admitir que a minha presença parecia fazê-la sentir-se pior.

Assim a deixei, pondo a tranca na porta e guardando a chave comigo. Parecia ser a única coisa sensata a fazer.

O resto do dia eu passei entre a torre e o escritório. Para comer subi com um pão da despensa. Com ele e um pouco de vinho rosado eu vivi o dia.

E que longo e cansativo ele foi. Se tivesse ao menos saído aos jardins, como gosto tanto, poderia ter ficado bem mais contente, mas ficar acuado nesta casa silenciosa, sem outras companhias a não ser uma mulher fora de si e um cão ferido, era bastante para dar cabo dos nervos mais fortes. E nas moitas densas ao redor da casa escondiam-se, pelo que podia supor, as infernas criaturas suínas, esperando alguma chance. Algum homem enfrentara alguma vez tal provação?

Uma vez durante a tarde e outra vez, bem depois, visitei minha irmã. Da segunda vez a achei cuidando do Pimenta, mas com a minha aproximação ela se arrastou para o canto oposto do cômodo, despercebida, num gesto que me entristeceu além da conta. Pobre garota! Seu medo me feria intoleravelmente, e eu não devia provocá-la sem necessidade. Ela ficaria bem, eu pensei, dentro de alguns dias. Enquanto isso, era melhor eu não fazer nada, a não ser deixá-la ficar naquele quarto. Uma coisa, porém, me serviu de encorajamento: ela comera um pouco da comida que lhe levava da primeira vez.

Assim passou o dia.

Quando a noite se aproximou, o ar ficou mais frio e comecei a fazer meus preparativos para passar a minha segunda noite na torre — levando para lá mais dois rifles e uma pesada capa de lã. Os rifles eu carreguei e pus juntos no chão, porque queria fazer as coisas ficarem quentes para qualquer criatura que pudesse aparecer durante a noite. Eu tinha muita munição, e pensei em dar aos brutos uma lição tamanha que lhes mostraria a futilidade de tentar forçar entrada.

Depois disso eu fiz outra inspeção da casa, dedicando atenção especial às escoras que apoiavam a porta do escritório. Então, sentindo que tinha feito tudo o que podia para me tranquilizar quanto à nossa segurança, eu voltei à torre, a caminho fazendo uma visita final à minha irmã e ao Pimenta. Ele estava dormindo, mas acordou quando eu entrei e sacudiu a sua cauda em reconhecimento. Pareceu-me que estava um pouco melhor. A minha irmã estava deitada, embora não fosse possível saber se estava dormindo ou não, e assim os deixei.

Chegando à torre pus-me tão cômodo quanto as circunstâncias permitiam e me sentei para vigiar por toda a noite.

Gradualmente a escuridão desceu e logo os detalhes do jardim se mesclaram em sombras. Pelas primeiras horas fiquei sentado e alerta, ouvindo todo som que pudesse me ajudar a

determinar se havia algo se mexendo lá embaixo. Estava muito escuro para os meus olhos servirem para alguma coisa.

Lentamente as horas passaram, sem nada incomum acontecer. E então a lua apareceu, mostrando que os jardins estavam aparentemente vazios e silenciosos. E assim foi por toda a noite, sem perturbações e nem ruídos.

Já quase pela manhã eu comecei a ficar rígido e enregelado por causa da minha longa vigília, e também ficando muito tenso com a contínua quietude da parte das criaturas. Eu receava isso e preferiria que elas tivessem atacado a casa abertamente. Só assim, pelo menos, poderia ter noção do perigo que corria e poderia enfrentá-lo. Mas esperar daquela maneira, durante a noite inteira, imaginando todo tipo de diabruras, era capaz de desarranjar a sanidade. Uma vez ou duas até me ocorreu a ideia de que poderiam ter ido embora, mas em meu coração eu achava impossível acreditar nisso.

Capítulo IX – Nos Porões

Por fim, farto do cansaço e do frio e da intranquilidade que me possuía, resolvi fazer nova inspeção da casa, antes passando pelo meu escritório, para beber um cálice de conhaque e me

esquentar. Enquanto isso examinei a porta cuidadosamente, mas notei que tudo continuava como eu deixara antes.

O dia estava quase amanhecendo quando saí da torre, embora dentro de casa ainda fosse escuro para poder-se enxergar sem uma luz, por isso eu levei comigo uma vela do escritório em minha exploração. Quando terminei com o andar térreo a luz do dia já estava penetrando debilmente pelas janelas gradeadas. Minha procura não me mostrara nada de novo. Tudo parecia estar em ordem e já estava por apagar a vela quando, espontaneamente, ocorreu-me dar outra olhada nos porões. Eu não fora lá, se me lembrava direito, desde a minha rápida inspeção na noite do ataque.

Hesitei por um minuto, talvez. Gostaria muito de ter podido ignorar tal tarefa porque — estou inclinado a pensar que qualquer um o faria — de todos os grandes espaços assustadores desta grande casa, seus porões são os maiores e também mais estranhos. Imensos, cavernosos e escuros lugares, onde raio algum da luz do dia jamais chega. Mas eu não me esquivei do trabalho. Senti que ao fazer isso zombava da covardia. Além do que, eu me tranquilizava, os porões eram de fato o lugar menos provável para encontrar qualquer coisa perigosa, pois só se pode entrar lá por uma pesada porta de carvalho, cuja chave eu sempre carrego comigo. É no menor

deles que guardo meu vinho, um buraco escuro junto ao pé da escada do porão, além do qual raramente fui. De fato, exceto pela inspeção a que me referi, não tenho certeza se antes andara alguma vez pelos porões.

Ao destrancar a grande porta, no começo da escadaria, parei nervoso por um momento, diante do odor de desolação que agrediu as minhas narinas. Então, enfiando o cano de minha arma à frente, eu descí, lentamente através da escuridão das regiões inferiores.

Chegando ao fim das escadas, parei por um minuto e escutei. Tudo estava bem silencioso, exceto por uma distante goteira, caindo, caindo gota a gota, em algum lugar à minha esquerda. Ali parado, notei o quanto a vela queimava tranquila, sem nunca tremer nem variar, tão completamente sem vento era o lugar.

Em silêncio, andei de porão a porão. Eu tinha uma impressão muito vaga de sua organização. As impressões deixadas pela primeira busca estavam confusas. Eu tinha a lembrança de um monte de grandes porões e de um ainda maior, maior que todo o resto, cujo teto estava apoiado em pilastras. Além disso, minha mente estava nublada e predominava uma sensação fria, de escuridão e sombras. Mas eu estava suficientemente

forte para manter-me sob controle, anotando a estrutura e tamanho das várias criptas em que entrava.

Mas é claro que, a luz toda vindo de uma vela, não era possível examinar todos os lugares minuciosamente; porém pude perceber, enquanto ia seguindo, que as paredes pareciam construídas com grande precisão e perfeito acabamento, aqui e ali intercaladas com massivos pilares erguidos para dar sustentação ao teto.

Assim eu cheguei, por fim, ao grande porão que lembrava. Chegava-se a ele através de uma entrada grande, sob um arco no qual observei algumas inscrições estranhas, fantásticas, que lançavam sombras esquisitas à luz de minha vela. Parado ali examinei-as, pensativamente, e ocorreu-me o quanto eram estranhas e como eu sabia pouco de minha própria casa. Isto porém pode ser facilmente entendido, contemplando o tamanho dessa construção antiga, e que somente eu e minha irmã aqui vivemos, ocupando poucos cômodos, tal como

decidimos.

Segurando a luz no alto, entrei naquele porão e fui pela direita sempre, até chegar ao outro lado. Eu andava devagar e em

silêncio, e olhava curiosamente em volta, ao caminhar. Mas, pelo que a luz me mostrava, não havia nada de anormal.

No topo eu virei à esquerda, ainda mantendo-me junto da parede, e assim continuei até atravessar a vasta câmara inteira. Enquanto o fazia, notei que seu chão era feito de pedra sólida, em alguns pontos coberta de fungos úmidos, em outros descoberta, ou quase, exceto por uma fina camada de poeira cinza clara.

Parei junto à porta. Mas então eu me virei e me dirigi ao centro do lugar, passando por entre os pilares e olhando à esquerda e à direita enquanto seguia adiante. Lá pelo meio do porão tropecei contra algo que fez um som metálico. Inclinando-me logo, levei a vela e vi que o objeto chutado era uma argola grande de metal.

Baixando a vela um pouco mais, limpei a poeira em torno e descobri que estava presa a um pesado alçapão enegrecido pelo tempo.

Sentindo-me ansioso, e imaginando aonde poderia dar, pus minha arma no chão e fixei a vela na coronha. Então agarrei a argola com as duas mãos e puxei. O alçapão rangeu alto, o

som ecoou vagamente através do imenso lugar, e se abriu com peso.

Apoiando a tampa com meu joelho, trouxe a vela e a segurei diante da abertura, movendo-a para lá e para cá sem ver nada. Fiquei assustado e surpreso. Não havia nenhum sinal de degraus nem parecia que tinham existido algum dia. Nada, a não ser a escuridão vazia. Eu poderia estar olhando para dentro dum poço sem fundo e sem paredes. Estava ainda, perplexo, a olhar para dentro do poço quando me pareceu que ouvia, longe lá embaixo, como se subisse das profundezas do desconhecido, um som levemente sussurrado. Inclinei a minha cabeça rapidamente dentro da abertura e ouvi atentamente. E pode ter sido ilusão, mas juro que ouvi um riso baixo, que cresceu até virar uma gargalhada horrível, baixa e distante ainda. Assustado, saltei para trás, deixando o alçapão cair com uma pancada oca que encheu o lugar com o eco. Mesmo com isso ainda parecia ouvir aquela risada irônica e sugestiva; mas isso, eu sabia, tinha que ser a minha imaginação. O som que ouvira era muito baixo e distante para poder atravessar o obstáculo do alçapão.

Por quase um minuto fiquei lá tremendo, olhando nervoso para trás e para os lados, mas os grandes porões estavam silenciosos como um cemitério e fui, aos poucos, vencendo os

efeitos do medo. Com a mente calma, fiquei novamente curioso para saber sobre o que se abriria o alçapão, só não consegui, naquele momento, reunir coragem suficiente para outra investigação. De uma coisa, porém, eu tive certeza: aquele alçapão precisava de reforço. Consegui isto colocando em cima dele vários grandes pedaços de pedra trabalhada que tinha visto ao passar pela parede leste.

Por fim, depois de dar uma última olhada no restante do lugar, retornei pelo meu caminho através dos porões, até as escadas e cheguei à luz do dia, com a sensação de um alívio infinito por ter completado serviço tão desconfortável.

CAPITULO X

Os Tempos de Espera

O sol estava morno e brilhava fortemente no céu, formando um contraste maravilhoso com os porões tão escuros e lúgubres, e foi me sentindo bastante leve que fui para a torre, para vigiar os jardins. Lá encontrei tudo bem calmo e depois de uns minutos descí ao quarto da Mary.

Depois de bater e ter uma resposta, abri a porta. Minha irmã estava sentada, quieta, na cama, como se esperasse por alguma coisa. Ela parecia bastante refeita, e não tentou se afastar quando me aproximei; apesar disso, observei que ela perscrutou minha face com ansiedade, como se ainda tivesse dúvida, como se estivesse apenas meio segura de que não era preciso ter medo de mim.

Minhas perguntas sobre como se sentia ela respondeu, com bastante sanidade, que estava com fome e queria ir preparar um desjejum, com o que não me importei. Por um minuto meditei se já seria seguro deixá-la sair. Por fim, disse-lhe que ela poderia ir, com a condição de me prometer que não tentaria deixar a casa e nem mexeria em nenhuma das portas

para fora. Quando mencionei as portas uma expressão súbita de medo cruzou o seu rosto, mas ela se conteve sem dizer nada, a não ser a promessa pedida, e saiu do quarto, silenciosamente.

Atravessando o quarto, me aproximei do Pimenta, que tinha acordado com minha entrada, mas, além de um fraco latido de prazer e uma pouca agitação da cauda, tinha ficado quieto. Quando lhe fiz carinho, ele tentou ficar de pé, e conseguiu um pouco, para logo cair de lado outra vez, com um ganido de dor.

Falei com ele e lhe mandei ficar deitado. Estava muito satisfeito com a sua recuperação, e também com a bondade natural do coração de minha irmã, que dele cuidara tão bem, apesar da condição de sua mente. Depois de um momento, deixei-o e descii a escada e fui para meu escritório.

Pouco depois Mary apareceu carregando uma bandeja com o desjejum fumegante. Quando ela entrava no cômodo a vi encarando firmemente as escoras que apoiavam a porta, de lábios apertados, acho que empalideceu um pouco, levemente, mas foi tudo. Depois de ter depositado a bandeja perto do meu cotovelo, ela estava saindo, quieta, quando a chamei de volta. Ela veio, pelo que me pareceu, um tanto timidamente, como se

estivesse assustada, e notei que ela agarrava o avental nervosamente.

— Vem cá, Mary — disse-lhe — alegre-se! As coisas já parecem melhor. Não vi nenhuma das criaturas desde ontem de manhã cedo.

Ela me olhou, de uma maneira curiosamente confusa, meio não entendendo. Então a inteligência chegou a seus olhos, e o medo — mas ela não disse nada além de um murmúrio de aquiescência. Depois disso eu fiquei quieto. Era evidente que qualquer referência às coisas suínas seria mais do que os seus nervos abalados poderiam suportar.

Terminado o desjejum, subi à torre. Ali, durante uma boa parte do dia eu mantive estrita vigilância dos jardins. Uma vez ou duas fui até o porão para ver como minha irmã estava e todas as vezes a encontrei calma e curiosamente submissa. Na última vez ela chegou a tomar iniciativa de falar comigo a respeito de alguns assuntos domésticos que precisavam ser resolvidos. Embora isso tivesse se dado com timidez quase extraordinária, eu achei que era uma coisa boa, por ser uma das primeiras palavras voluntariamente ditas por

ela, desde o momento crítico em que a surpreendera destravando a porta dos fundos para sair ao encontro dos brutos. Não sei se ela tinha consciência de sua tentativa, ou do tamanho do perigo que tinha passado, mas evitava perguntar isso, julgando que seria melhor deixar tudo ser esquecido.

Naquela noite dormi em uma cama pela primeira vez em dois dias. De manhã, acordei cedo e dei uma volta pela casa toda. Estava tudo do jeito que deveria estar, e eu fui até à torre para dar nova olhada nos jardins. Lá também encontrei perfeita quietude.

Durante o desjejum, quando me encontrei com a Mary, fiquei muito feliz de ver que já tinha se recuperado bem do choque e conseguiu até me saudar de uma forma perfeitamente natural. Conversou calma e sensatamente, só tomando cuidado de não mencionar nada que acontecera nos dias anteriores. E nisso eu a ajudei, até mesmo tentando não levar a conversa em tal direção.

Mais cedo eu tinha ido ver o Pimenta. Ele sarava rápido, e parecia certo que estaria de pé dentro de no máximo dia ou dois, sem dúvida. Antes de sair da mesa do desjejum, fiz menção a esse progresso. Na curta conversa que se seguiu fiquei surpreso por saber, a partir do que me disse, que ela

ainda pensava que o ferimento dele era de um gato selvagem, invenção minha. Fiquei quase envergonhado de ter mentido para ela, ainda que a mentira tivesse sido dita para evitar que se assustasse. Por outro lado, imaginei que ela deveria ter descoberto a verdade, quando aqueles brutos atacaram a casa.

Durante o dia fiquei em alerta; todo o tempo possível na torre, tal como no dia anterior; porém, não vi nenhum sinal das Criaturas suínas, nem ouvi qualquer som. Várias vezes me veio o pensamento de que as Coisas bem poderiam finalmente ter nos deixado — até então tinha me recusado a aceitar tal ideia seriamente — porém eu comecei a sentir que poderia haver motivo para a esperança. Logo seriam três dias desde que vira uma das Coisas, ainda que eu pretendesse continuar com a máxima cautela. Por tudo que podia supor, tal silêncio prolongado poderia ser só uma artimanha para me fazer deixar a casa — certamente em direção às suas garras. Pensar em tal possibilidade já era, para mim, razão suficiente para me manter cauteloso.

E assim foram o quarto, o quinto e o sexto dia passando, em silêncio, mas sem que eu fizesse qualquer tentativa de sair de casa. No sexto dia eu tive o prazer de ver o Pimenta, de novo,

capaz de ficar de pé e, embora ainda fraco, ele foi a minha companhia durante todo aquele dia.

CAPITULO XI

A Busca nos Jardins

Como o tempo passava devagar, e nunca se via nada a indicar que um bruto ainda infestava meu jardim!

Foi no nono dia que, por fim, decidi correr o risco, se havia algum risco, e sair em excursão. Com isto em mente eu carreguei uma das espingardas, cuidadosamente escolhendo uma que a curta distância fosse mais mortal que um rifle, e então, depois de uma vistoria final do terreno, a partir da torre, chamei o Pimenta para me seguir e tomei o caminho do porão.

Diante da porta devo confessar que hesitei por um momento. O pensamento do que poderia estar me aguardando entre as moitas escuras não eram de forma nenhuma próprio a me encorajar a decisão. Mas pouco mais de um segundo depois eu já havia puxado as trancas, e estava de pé no trilho que fica do lado de fora da porta.

Pimenta me seguiu, mas parou à porta para farejar, desconfiado, e passou o focinho para cima e para baixo pelas

dobradiças, como se achasse um rastro. Então, de repente, se virou e começou a correr para lá e para cá em semicírculos ao redor da porta, finalmente voltando ao limiar. Ali ele começou de novo a farejar.

Até então eu tinha ficado olhando para o cão, mas todo o tempo eu tinha conservado metade de minha atenção na macega do jardim que se estendia ao meu redor. Então fui até ele e me inclinei para examinar a superfície da porta, que estava farejando. Ali vi que a madeira estava coberta por uma rede intrincada de arranhões, que cruzavam e recruzavam uns sobre os outros, uma confusão inextricável. Além disso, notei que os portais, por sua vez, haviam sido mastigados em alguns pontos. Além desses, não consegui achar mais nenhum sinal e então, pondo-me de pé, comecei a fazer a ronda da parede de fora.

Tão logo comecei a andar Pimenta saiu de perto da porta e correu à minha frente, ainda fuçando e farejando ao correr. Às vezes ele parava para investigar. Aqui era um buraco de bala no trilho, ali uma touceira manchada de pó. Mais adiante poderia ser um torrão arrancado, ou uma trilha entre as ervas que parecia mexida. Mas, a não ser por estas ninharias, não achou nada. Observei-o criticamente enquanto ele andava e não pude notar nenhuma intranquilidade em seus modos, nada

que indicasse que ele sentia a presença próxima de qualquer das criaturas. Só com isso já tive a certeza de que o meu jardim estava vazio, pelo menos livre da presença daquelas Coisas odientas. Pimenta não era fácil de enganar, e era tranquilizador saber que ele saberia e que me daria o alarme a tempo, se houvesse algum perigo.

Chegando ao lugar onde tinha atirado na primeira criatura, detive-me em um exame atento, mas não vi nada. Dali fui para onde caíra a grande pedra da cornija. Ela estava lá inclinada, parecia ainda do jeito em que fora deixada pelo bruto que a tentara mover. Pouco mais de meio metro para a direita dela havia a marca de onde caíra, uma larga ruptura na calçada. Do outro lado ela ainda estava meio dentro da depressão que formara.

Chegando mais perto eu contemplei a pedra com mais cuidado. Que grande peça de escultura ela era! E uma das criaturas a tinha movido, com as próprias mãos, na tentativa de chegar à que estava por baixo.

Contornei a pedra até o outro lado. Ali percebi ser possível ver por debaixo dela, até um metro ou menos. Mesmo assim, não deu para ver sinal algum das criaturas atingidas por ela e fiquei muito surpreso. Eu tinha suposto, como disse antes, que os restos delas tinham sido removidos, mas não concebia como

isso pudera ser feito com tanto capricho a ponto de não ficar sinal algum debaixo da pedra, a indicar o que acontecera. Eu vira vários brutos atingidos por ela com tanta força que bem poderiam ter sido enfiados no chão, e então não havia

vestígio deles à vista; nem mesmo uma manchinha de sangue.

Fiquei ainda mais confuso do que antes ao pensar sobre isso, mas não consegui imaginar nenhuma explicação plausível. Então, enfim, deixei de lado esta preocupação, afinal de contas, era só mais uma coisa entre tantas que ficava sem explicação.

Desviei a minha atenção dali para a porta do escritório. Eu via bem melhor, do lado de fora, os efeitos da tremenda carga a que fora submetida, e me maravilhei que ela tivesse conseguido, mesmo com o apoio de escoras, resistir aos ataques tão bem. Não havia marcas de golpes — na verdade, nenhum golpe fora dado — mas a porta fora, literalmente, arrancada dos seus gonzos pela aplicação de força silenciosa e enorme contra si. Uma coisa que observei me afetou profundamente: que a ponta de uma das escoras estava atravessada em um dos painéis. Isto era bastante para mostrar como fora grande o esforço feito pelas criaturas para romper a porta, e quanto haviam chegado perto de conseguir.

Saindo dali, segui minha ronda da casa, sem achar mais nada de interessante, a não ser, nos fundos, onde encontrei o pedaço de encanamento que eu havia arrancado da parede estendido na grama, abaixo da janela quebrada.

Então voltei para casa e reforcei a porta dos fundos, depois subi para a torre. Ali eu passei a tarde, lendo e ocasionalmente olhando nos jardins. Estava determinado a ir até o Abismo de manhã, se a noite passasse em silêncio. Talvez fosse possível descobrir, então, alguma coisa do que acontecera. O dia terminou, a noite veio e foi embora mais ou menos da mesma forma que as noites recentes.

Quando levantei a manhã tinha rompido bonita e clara e reafirmei minha intenção de levar os planos à ação. Comia o café e pensava no assunto, cuidadosamente, então fui para o escritório verificar minha espingarda. Além dela, busquei e carreguei comigo no meu bolso uma pistola pequena, mas de calibre grosso. Eu tinha perfeita noção de que, se havia um perigo, ele vinha da direção do Abismo e eu precisava estar preparado.

Deixando o escritório, fui até a porta dos fundos, seguido por Pimenta. Uma vez do lado de fora, fiz a ronda dos jardins em volta bem rapidamente, e então dirigi-me ao Abismo. A caminho eu mantive minha atenção bem difusa e segurava a espingarda à mão. Pimenta ia correndo à frente sem nenhuma hesitação aparente, não que eu notasse. Isso me fez pensar que não deveria haver nenhum perigo considerável e eu comecei a ir mais rápido atrás dele. Ele tinha chegado à borda do Abismo e já farejava em volta da beirada.

Um minuto depois eu estava ao lado dele, olhando para baixo dentro do Abismo. Por um momento eu mal pude crer que fosse o mesmo lugar, de tanto que havia mudado. A ravina escura e arborizada de quinze dias antes, com um curso d'água oculto na folhagem, correndo preguiçosamente ao fundo, não existia mais. Em lugar dela meus olhos me mostravam um buraco rude, parcialmente preenchido por um lado escuro e de água turva. Todo um lado da ravina estava despido de vegetação e exibia a rocha nua.

Um pouco mais para minha esquerda, todo o lado do Abismo parecia desmoronado, abrindo uma rachadura profunda em formato de cunha na face do rochedo. Esta greta seguia da parte de cima da ravina até quase chegar à água e penetrava na margem do Abismo por uns doze metros, abrindo-se por uns

cinco metros de largura, estreitando-se enquanto descia, até desaparecer a uns dois metros abaixo da margem. Mas o que me chamou a atenção, mais que a estupenda ruptura que surgira, era o grande buraco, a bem pouca distância da rachadura, e bem no ângulo da cunha. Ele era bem claramente definido, e com formato não muito diferente do de uma porta abobadada, embora, por estar na penumbra, eu não o consegui ver distintamente.

O lado oposto do Abismo conservava ainda a sua verdura; mas tão rasgada em certos pontos e tão coberta de poeira e detritos que era até difícil determinar que se tratava disso.

A minha primeira impressão, de que fora um desmoronamento, logo vi que não era suficiente, sozinha, para explicar todas as mudanças que via. E a água? Olhei para o lado de repente, porque notara barulho de água corrente vindo de meu lado direito. Não dava para ver nada, mas como minha atenção tinha sido desviada até lá, consegui perceber, facilmente, que vinha do lado leste do Abismo, em algum lugar.

Lentamente caminhei naquela direção, com o som ficando mais claro à medida em que avançava, até que, pouco depois, senti-me logo acima dele. Mas ainda não soube qual a causa até ajoelhar-me e colocar a cabeça para dentro do barranco. Então

o barulho chegou até mim claramente e eu vi, abaixo de mim, uma torrente de água limpa que nascia de uma pequena fissura daquele lado do Abismo, que descia pela face das rochas até o lago no fundo. Um pouco mais longe no mesmo barranco eu vi outra, e depois dessa mais duas. Estas todas poderiam explicar toda a água no Abismo e, se a queda de pedras e de terra tinha bloqueado a saída da corrente no fundo, restava pouca dúvida de que ela também contribuía em grande volume.

Porém eu ainda me admirava pelo estado de total reviravolta do lugar, os filetes de água e aquela rachadura enorme, mais acima na ravina! Parecia-me que para tanta mudança teria sido preciso mais que um desmoronamento comum. Eu poderia imaginar que um terremoto ou uma explosão grande poderiam criar condições tais como as que eu via, só que nada disso tinha acontecido. Então me levantei rápido, lembrando o estrondo e a nuvem de poeira que o seguira logo depois, subindo pelo ar. Mas balancei a cabeça, incapaz de acreditar. Não! Aquilo que ouvira então devia ter sido só o barulho de pedras e terra caindo, claro, porque poeira sobe fácil, naturalmente. Ainda assim, apesar de meu raciocínio, tinha a sensação inquietante de que esta teoria não bastava para satisfazer meu senso de probabilidade, mas haveria uma outra que pudesse sugerir que fosse pelo menos parcialmente plausível? Pimenta tinha ficado sentado pela grama enquanto

eu conduzia o meu exame. Quando dei a volta pelo lado norte da ravina ele se levantou e me acompanhou.

Devagar, mantendo a atenção dividida em todas as direções, circudei o Abismo, mas achei pouca coisa que não tivesse visto. Desde o oeste eu pude ver as quatro pequenas cascatas, que fluíam ininterruptamente. Elas estavam a distância considerável da superfície do lago, algo em torno de quinze metros, segundo calculei.

Ainda me demorei um pouco por ali, mantendo meus olhos e ouvidos atentos, mas não vi nem ouvi mais nada suspeito. Todo o lugar estava maravilhosamente silencioso e a não ser pelo murmúrio contínuo da água, não havia nenhuma espécie de som que rompesse a quietude.

Durante todo esse tempo Pimenta não exibira sinal nenhum de irritação, o que me parecia indicar que, naquele momento pelo menos, não havia nenhuma criatura suína pelas redondezas. Pelo que deu para ver, sua atenção parecia concentrada principalmente em arranhar e farejar por entre a grama, na beirada do Abismo. Às vezes ele saía correndo em direção à casa, como se fosse seguir pegadas invisíveis, mas sempre voltava depois de uns minutos. Eu não tinha dúvida de que estava mesmo achando os rastros das coisas suínas e o próprio

fato de que todas que seguia pareciam trazê-lo de volta até o Abismo provava que os brutos haviam voltado para o lugar de onde tinham vindo.

Ao meio dia eu voltei para casa, para comer. Durante a tarde dei uma busca parcial dos jardins, acompanhado pelo Pimenta, mas não encontrei mais nada que indicasse presença das criaturas.

Uma vez, enquanto passávamos por entre as macegas, Pimenta correu para uns arbustos, latindo alto. Com isso eu saltei para trás, amedrontado, e apontei a arma engatilhada, só para depois rir nervoso quando ele apareceu de volta perseguindo um pobre gato. Ao entardecer, desisti da busca e voltei para casa. Então, de repente, quando nós estávamos passando por uma grande moita de arbustos à nossa direita, Pimenta desapareceu e pude ouvi-lo farejar e ganir entre eles, de maneira suspeita. Afastei os galhos usando o cano da espingarda e olhei para dentro. Não havia nada para se ver, a não ser que muitos dos galhos estavam curvados ou quebrados, como se algum animal tivesse feito um ninho ali, não muito antes. Devia ter sido um dos lugares ocupados, na noite do ataque, por uma das criaturas suínas.

Voltei à minha busca pelos jardins no dia seguinte, mas não obtive resultado. Ao cair da noite já tinha percorrido todos eles, e verificara que não poderia mais haver nenhuma das Coisas escondida no lugar. De fato, como costumo pensar, eu estava certo em minha suposição inicial, de que foram todas embora logo após o ataque.

C A P I T U L O X I I

O Abismo Subterrâneo

Outra semana veio e passou, durante a qual eu gastei uma boa parte do tempo perto da boca do Abismo. Eu chegara dias antes à conclusão de que a abertura abobadada que ficava no ângulo da grande rachadura devia ser o lugar por onde todas as coisas suínas tinham saído, provenientes de alguma parte infame nas entranhas do mundo. O quanto isso estava próximo da verdade, isso ainda estava por descobrir.

Acho que dá para entender bem facilmente que eu andava tremendamente curioso, embora de uma maneira assustada, para saber em que lugares infernais aquele túnel daria, embora até então não tivera a ideia de fazer uma investigação mais séria. Estava ainda muito cheio de horror pelas criaturas para pensar em me aventurar, pela minha própria vontade, aonde quer que se achasse a menor chance de entrar em contato com elas.

Gradualmente, porém, com o fluir do tempo, esses receios foram ficando cada vez menos fortes, de maneira que, alguns dias depois, ocorreu-me um pensamento de que seria possível

esgueirar-me até embaixo explorar o túnel. Eu não me sentia mais excessivamente averso a fazer isso, ao menos não tanto quanto teria estado nos dias anteriores antes. Ainda assim, não creio que já tivesse vontade de tentar uma aventura tão maluca. Tudo que conseguia pensar era que teria sido quase morte certa penetrar por aquele túnel tétrico. Mesmo assim, tão grande é a impertinência da curiosidade humana que, por fim, o maior de meus desejos era de descobrir o que haveria além da entrada sombria.

Aos poucos, à medida em que corriam os dias, o meu medo das Coisas suínas se tornou uma emoção do passado — algo como uma memória fantástica, ou pouco mais do que isso.

Então chegou o dia em que, lançando fora minhas fantasias e receios, procurei em casa uma corda e, amarrando-a a uma árvore bem firme, no alto do barranco, a uma distância curta da beira do Abismo, deixei a ponta cair pela encosta até balançar em frente à abertura do túnel tenebroso.

Então, cautelosamente, com muitas desconfiança de que era uma loucura o que estava tentando fazer, descii lentamente, usando a corda como apoio até chegar ao buraco. Ali, segurando ainda a corda, descii e olhei para dentro. Tudo estava na mais perfeita escuridão e nenhum som chegava até

mim. Logo, porém, me pareceu escutar algo. Segurei a respiração para ouvir, mas estava tudo tão quieto como uma tumba, então respirei livremente outra vez. No mesmo instante ouvi o barulho de novo. Era como um ruído de respiração pesada, inspirando e exalando profundamente. Por um curto segundo fiquei ali, petrificado, incapaz de me mover. Mas então os sons pararam e não consegui ouvir nada.

Enquanto estava lá de pé nervoso, meu pé deslocou um pedregulho, que caiu para dentro da escuridão com um tinido oco. Então, mais uma, o barulho cresceu e veio se repetindo umas vinte ou mais vezes, uma se sucedendo à outra, em ecos cada vez mais débeis, que pareciam se afastando de mim, até desaparecer na distância. Então, à medida em que caiu outra vez o silêncio, ouvi aquela respiração dissimulada. A cada vez que respirava, podia ouvir a respiração a me responder. Os sons pareciam aproximar-se e então ouvi outros, pareciam longe e mais fracos. Porque não peguei a corda e pulei fora daquele perigo, isso não posso dizer. Era como se estivesse paralisado. Eu comecei a suar profusamente e tentei molhar meus lábios com a língua. Minha garganta tinha ficado seca de repente e então tossi e engasguei. Isso me voltou em uma dezena de sons guturais horrendos e zombeteiros. Olhei para dentro da escuridão em desespero, porém nada ainda aparecia nela. Eu tive uma estranha sensação de sufocamento, e então

tossi secamente. Outra vez o eco apareceu, subindo e depois caindo e morrendo lentamente em um silêncio abafado.

Então, subitamente, um pensamento me ocorreu e eu segurei a respiração. As outras respirações pararam. Respirei de novo e outra vez recomeçaram. Mas já não tinha medo. Eu acabara de descobrir que os estranhos sons não eram produzidos por nenhuma criatura suína oculta, mas somente o eco das minhas próprias respirações.

Ainda assim, tinha levado susto tão grande que tratei de subir de volta pelo barranco, e de puxar a corda depois. Estava abalado e nervoso demais para pensar em entrar naquele buraco escuro, então voltei para a casa. Eu me senti mais seguro de mim na manhã seguinte, mas nem então pude reunir coragem para explorar o lugar.

Durante todo esse tempo a água no Abismo continuara subindo devagar, e já estava pouco abaixo da abertura. No ritmo com que subia, estaria ao nível da chão em menos de uma semana, então compreendi que se não fizesse logo minha investigação do lugar eu provavelmente nunca mais poderia fazê-lo, visto que a água subiria e subiria, até a própria abertura ficar submersa.

Deve ter sido tal pensamento que provocou-me à ação; mas qualquer que tenha sido, dois dias depois eu estava de pé acima do barranco, equipado para a tarefa.

Daquela vez eu estava resolvido a vencer minha covardia, e chegar ao fundo da coisa. Com essa intenção, levava, além da corda, um maço de velas, pensando em usá-las como tocha, e também a minha espingarda de dois canos. Em meu cinto, ia uma pistola de cavalaria carregada de chumbo grosso.

Como da outra vez, amarrei a corda à árvore. Então, levando a arma presa aos ombros com um pedaço de corda firme, desci pelo barranco do Abismo. Diante deste movimento, o Pimenta, que tinha estado vigiando as minhas ações atentamente, pôs-se de pé e correu para mim, dando um latido meio ganido que me pareceu de advertência. Mas como estava decidido no meu objetivo, mandei-lhe ir deitar. Queria tê-lo levado comigo, mas isto era impraticável, dadas as circunstâncias. Quando meu rosto ficou pelo nível da borda do Abismo ele veio para lambe-me o queixo e mordeu a manga de meu casaco, deixando claro não querer que eu entrasse. No entanto, minha decisão estava tomada e não tinha nenhuma vontade de recuar. Então, gritei duramente que Pimenta me soltasse e depois continuei a

descida, deixando o pobre coitado para trás, chorando e uivando como um filhote abandonado.

Cuidadosamente me aproximei, pisando nas irregularidades da encosta. Eu sabia que um escorregão significaria me molhar.

Alcançando a entrada, larguei da corda e desamarrei a arma dos ombros. Então, dei uma última olhada para o céu, que estava ficando rapidamente nublado e dei um par de passos adiante, só para me proteger do vento e poder acender uma das velas. Com ela erguida acima da cabeça e segurando firme minha espingarda, comecei a avançar devagar, olhando para todos os lados.

No primeiro minuto, só podia ouvir os melancólicos uivos de Pimenta, que chegavam até mim. Gradualmente, à medida em que penetrei nas trevas, foram ficando mais distantes, até que logo não pude mais escutar. O caminho descia um pouco, curvando para a esquerda. Assim continuou durante um tempo, e então me descobri virando à direita, na direção da casa.

Com muito cuidado continuei, parando frequentemente para ouvir. Devia ter avançado um pouco menos de cem

metros quando, de repente, meu ouvido pareceu captar um som baixo, em algum lugar no túnel, vindo atrás de mim. Com o coração ribombando forte, tentei ouvir. O ruído ficava mais claro e parecia vindo em minha direção, rapidamente. Logo consegui ouvi-lo claro e próximo. Era a batida de uns pés correndo. Nos momentos de pavor iniciais, fiquei plantado e indeciso, não sabendo se devia avançar ou recuar. Então me ocorreu a súbita compreensão do melhor a fazer, e me joguei de costas contra a parede direita, maldizendo a curiosidade tola, que me levara a tal extremo.

Não tive de esperar mais que poucos segundos até um par de olhos brilhar nas trevas, com a luz de minha vela. Ergui minha arma usando a mão direita e aponteí depressa. Mas tão logo o fiz isso, algo saltou de dentro da escuridão, com um latido atabalhado de alegria, como um trovão. Era o Pimenta. Como fizera para descer pelo barranco eu nem podia imaginar. Enquanto esfregava as mãos, nervoso, em sua pelagem, notei que estava molhado e concluí que ele devia ter tentado me seguir e caído dentro da água, de onde não lhe devia ter sido muito difícil nadar e chegar até à entrada.

Tendo aguardado por volta de um minuto até me recuperar, continuei meu caminho, com Pimenta atrás, em silêncio. Estava, na verdade, satisfeito por ter ter meu velho amigo a me seguir.

Ele era uma boa companhia e tendo-o aos calcanhares sentia menos receio. Afinal, eu sabia que seus ouvidos apurados rapidamente detectariam a presença de qualquer criatura detestável, se houvesse alguma dentro das trevas que nos cercavam.

Por alguns minutos seguimos, devagar, sempre adiante, o caminho ainda levando direto até a casa. Logo concluí que chegaríamos logo abaixo dela, caso o túnel continuasse bastante. Segui cuidadosamente por mais uns quarenta metros ou mais. Então parei e ergui a vela bem alto, e tenho motivo para ser grato de ter feito isso; pois a menos de três passos o chão desaparecia, deixando apenas um negrume vazio ali estendido, o que me deu um susto muito grande.

Com muita cautela, avancei um pouco e olhei para baixo, mas não consegui enxergar nada. Então me dirigi para o lado esquerdo do corredor, para ver se ali achava a continuação do caminho. De fato, bem junto à parede, estava um trilho estreito, com menos de metro de largura, seguindo para a frente. Cuidadosamente pisei nele, mas não avançara muito e já me arrependi de ter me aventurado daquela forma. Porque após uns poucos passos, o trilho que já era estreito demais se transformava em pouco mais que uma saliência, que se espremia entre rochas sólidas e inamovíveis que formavam

uma parede imensa que chegava a um teto invisível e um poço gigantesco. Não consegui evitar de pensar no quanto estaria perdido se fosse atacado lá, sem ter para onde fugir, e com tão pouco espaço que o coice de minha arma me lançaria numa queda de cabeça para baixo até as profundezas.

Para o meu grande alívio, pouco depois o trilho se alargou de novo até a largura original. Gradualmente, à medida em que segui à frente, notei que o caminho curvava sempre à direita, até que depois de minutos descobri que eu não estava avançando, mas somente circulando o grande abismo. Tinha, logicamente, chegado ao fim do grande túnel.

Cinco minutos depois, estava de volta ao ponto de onde saíra, depois de uma volta completa do que concluí ser um poço bem amplo, cuja enorme abertura deveria ter pouco menos de cem metros de diâmetro.

Por um curto tempo fiquei lá, perdido em pensamentos perplexos. “O que significa isso tudo?” — era o grito que começava a reverberar no meu cérebro.

Uma súbita ideia me ocorreu e eu procurei em volta um pedaço de rocha. Achei um mais ou menos do tamanho

de um pãozinho. Prendendo a vela em uma greta do chão, afastei-me uns passos da borda para tomar impulso e lancei a pedra no abismo — minha ideia era jogá-la bem longe para evitar as paredes do poço. Então me inclinei à frente e fiquei escutando, porém, mesmo mantendo-me em silêncio completo por mais de um minuto, não ouvi som algum de dentro da escuridão.

Fiquei sabendo então que a profundidade do buraco devia ser imensa, pois a pedra, se batesse em alguma coisa, era bastante grande para ter causado ecos que murmurariam naquele estranho lugar por um período indefinido de tempo. Afinal aquela caverna tinha sempre devolvido os sons de minhas passadas, multiplicadas. O lugar era apavorante, e eu poderia ter voltado sobre meus passos de bom grado, deixando sem resolver os mistérios das suas solidões — mas isso significava admitir derrota.

Então me ocorreu uma ideia de tentar enxergar dentro do abismo. Pensei que se colocasse as minhas velas ao redor do buraco, poderia ter pelo menos uma vaga imagem do lugar.

Descobri, ao contar, que tinha trazido quinze velas, em um maço. Minha primeira intenção fora, como já disse, de fazer uma espécie de tocha com um feixe delas. Então as pus todas ao redor em volta do Abismo, a intervalos de dezoito metros.

Depois de completar o círculo eu fiquei de pé no corredor e tentei ter uma ideia de como era o lugar. Mas descobri logo que elas eram totalmente insuficientes para o meu propósito. Elas faziam pouco mais que alargar o tamanho da escuridão visível. Para uma coisa serviram, no entanto: confirmar a minha opinião a respeito do tamanho da abertura do poço. E se não me mostraram nada do que eu queria ver, o contraste que produziram na pesada escuridão foi agradável. Eram como quinze estrelinhas brilhando através da noite das profundezas.

Estava então de pé e imóvel a contemplar tudo isso quando Pimenta deu um ganido súbito, que foi logo aumentado pelo eco e repetido em variações fantasmagóricas, afastando-se lentamente. Com um movimento rápido eu ergui a última vela que ficara comigo e olhei para ele, no chão. No mesmo momento pareceu-me escutar um ruído como um chocalhar diabólico, que vinha das profundezas até então silenciosas do abismo.

Assustei-me, e então me lembrei que devia ser o eco do ganido de Pimenta.

Pimenta saíra de perto de mim, subindo alguns passos pelo corredor. Ele farejava pelo chão rochoso e acho que o ouvi lambar. Fui até ele, levando a vela baixa. Ao me mover eu ouvi a minha bota chapinhar, e a luz foi refletida em algo que brilhava e passava por meus pés, indo rápido em direção ao Abismo. Abaixei-me para ver, e soltei uma exclamação de surpresa. Vindo pelo caminho, de algum lugar acima, uma corrente de água seguia depressa até a grande abertura e crescia cada segundo.

Outra vez o Pimenta deu aquele uivo profundo e correu até mim, mordeu a minha capa e tentou me arrastar pelo caminho, na direção da entrada. Com um gesto nervoso liberei-me dele, e passei logo para a parede da esquerda. Se alguma coisa estava chegando, preferia ter uma parede atrás de mim.

Então, ao olhar ansiosamente pelo caminho acima, minha vela deu um relance do túnel. E no mesmo momento, tive consciência de um rugido tumultuoso, que ia crescendo e preenchendo a caverna com um barulho ensurdecedor. De dentro do Abismo subia um rouco e profundo eco, como o soluço de um gigante. Então pulei para o lado, para o trilho estreito que circulava o buraco, e ao olhar de volta vi uma grade parede de espuma passar por mim e pular

tumultuosamente dentro do abismo que aguardava. Uma nuvem de gotículas me bateu, apagando a vela e me molhando até os ossos. Ainda tinha minha arma, porém. As três velas mais próximas também se apagaram, as mais afastadas, porém, só davam um brilho curto. Depois do primeiro jato, o fluxo de água acalmou e se tornou uma correnteza firme, com pouco mais de trinta centímetros de profundidade,

embora eu não soubesse disso até ter buscado uma das velas acesas e feito um reconhecimento. Pimenta, felizmente, tinha me seguido no salto para o trilho e estava bem calmo, perto de mim.

Um curto exame mostrou que a água provinha da entrada, e que corria a uma velocidade tremenda. Na verdade ia ficando mais profunda diante dos meus olhos. Só uma coisa podia ter acontecido. Evidentemente, a água na ravina chegara à borda da entrada do túnel, de alguma forma. Se fosse esse o caso, ela só continuaria a aumentar de volume, até ser impossível para mim sair daquele lugar. Essa era uma ideia apavorante. Era evidente que precisava chegar à saída o mais rápido que pudesse.

Segurando a espingarda pela coronha, testei a profundidade da água. Estava um pouco abaixo do joelho, o barulho que

fazia ao mergulhar dentro do Abismo ensurdecia. Então, chamando o Pimenta, pisei na inundação, usando minha arma como apoio. Imediatamente a água subiu borbulhando até os meus joelhos, chegando quase até o meio da coxa, tanta a velocidade com que descia. Por um breve momento quase perdi o pé, mas só de pensar o que havia por trás de mim eu senti um feroz estímulo para resistir e, passo a passo, comecei a seguir em frente.

A princípio não consegui saber nada do Pimenta — eu só conseguia me preocupar com minhas pernas — e fiquei felicíssimo quando ele apareceu ao meu lado. Ele veio vadeando vigorosamente, com uma relativa facilidade. Ele é um cão de grande porte, com pernas longas e finas, eu acho que a água o arrastava menos do que a mim. De todo modo, saía-se bem melhor que eu, ganhando distância e servia-me de guia, ajudando a quebrar a força da água, de propósito ou não. Fui seguindo, passo a passo, pelejando e engasgando, até percorrer, em segurança, algo como uns cem metros. Então, fosse por descuido ou por pisar em um trecho liso do chão de pedra, não sei, eu de repente escorreguei e caí de bruços. Instantaneamente a água saltou sobre mim, em uma catarata pesada que me empurrava para baixo, em direção ao poço sem fundo, numa velocidade assustadora. Pelejei com todas a minha força, freneticamente, mas era impossível ter pé. Eu estava desamparado, engasgando e afogando. Então, de

repente, algo me segurou pela manga casaco e me fez parar. Era o Pimenta. Sentindo minha falta, ele devia ter corrido de volta pelo turbilhão escuro, para encontrar-me, e então me agarrou e me reteve até que pude me pôr de pé outra vez.

Tenho a vaga lembrança de ter visto momentaneamente o brilho de diversas luzes, embora não tenha certeza. Se as minhas impressões estavam corretas, devo ter sido arrastado até quase a beirada daquele tenebroso abismo antes que o Pimenta conseguisse me fazer parar. E as luzes, claro, eram das distantes chamas das velas que tinha deixado a queimar. Mas, como já disse, não posso dizer com certeza. Meus olhos estavam cheios de água e eu tinha sido bastante sacudido na correnteza.

E lá estava eu, sem mais a ajuda da arma, sem luz e bastante confuso, com a água ficando mais funda e dependendo unicamente do velho amigo Pimenta para ajudar-me a sair daquele lugar infernal.

Enfrentei a força da corrente. Naturalmente, essa era a única maneira de sustar minha posição naquele momento, porque mesmo o velho Pimenta não poderia ter me segurado muito diante da força terrível, não sem minha cooperação, mesmo cega.

Por um minuto, talvez, eu tateei, e então gradualmente recomecei a subida tortuosa pelo túnel. Então começou uma medonha luta contra a morte, na qual eu só tinha a esperança de sair vitorioso. Devagar, furiosamente, quase em desespero, eu pelejava, e o fiel Pimenta me guiava, me arrastava, me erguia e me levava até que, por fim, vi à minha frente o brilho bendito da luz do dia. Era a entrada. Somente alguns metros depois atingi-a, com a água rugindo e borbulhando faminta já em torno dos meus rins.

Então eu compreendi a causa da catástrofe. Estava chovendo pesadamente, literalmente aos borbotões. A superfície do lago nivelara com o fundo do túnel — ou melhor, mais que nivelara, tinha passado disso. A chuva que caía evidentemente enchera o lago, causando a sua prematura subida, porque no ritmo em que a ravina estava enchendo ela ainda levaria um dia ou dois para chegar a entrar no túnel.

Por sorte, a corda pela qual eu tinha descido estava com a ponta para dentro do túnel, agitando-se nas águas que invadiam-no. Agarrando-a pela ponta, fiz um nó em torno do corpo do Pimenta e então, reunindo o resto de minha força, comecei a subir de volta pelo barranco. Consegui atingir a borda do Abismo no último estágio de exaustão. Mas eu ainda

tinha de fazer um esforço final e puxar o Pimenta para cima em segurança.

Lenta e penosamente, puxei a corda. Uma ou duas vezes me pareceu que eu teria que desistir, porque Pimenta é um cão pesado e eu estava completamente exaurido. Porém, desistir significaria a morte certa para o meu velho amigo, e este pensamento me obrigava a esforçar-me mais. Eu tenho apenas uma vaga lembrança do fim. Lembro-me de puxar, por um tempo que parecia não acabar nunca. Tenho também uma vaga recordação de ver o focinho do Pimenta aparecer sobre a borda do Abismo, depois do que pareceu um tempo infinito. Então tudo ficou escuro de um momento para o outro.

C A P I T U L O XIII

O Alçapão no Porão Maior

Suponho que desmaiei, porque a próxima coisa de que me lembro, quando abri meus olhos, foi somente o entardecer. Estava deitado de costas, com uma perna sobre a outra, e Pimenta estava lambendo as minhas orelhas. Eu me sentia horrivelmente rijo e minhas pernas estavam dormentes do joelho para baixo. Por alguns minutos eu ainda continuei deitado, meio confuso, e só então, devagar, me esforcei até ficar sentado e olhei em torno.

Tinha parado a chuva, mas as árvores ainda gotejavam tristemente. Do abismo vinha um murmúrio contínuo de água corrente. Sentia frio e tremia muito. As minhas roupas estavam empapadas e todo meu corpo doía. Muito devagar a vida foi voltando às minhas pernas, e depois de um momento tentei ficar de pé. Consegui apenas na segunda tentativa, mas eu ainda estava muito cambaleante e particularmente fraco. Parecia-me que eu ficaria doente, e decidi me arrastar para casa. Meus passos foram erráticos e a minha cabeça estava confusa. A cada passo que dava, dores fortes atingiam meus membros

Eu tinha andado por trinta passos, mais ou menos, quando um latido do Pimenta atraiu a minha atenção e eu me virei, duro, na direção dele. O velho cão tentava me seguir, mas não podia avançar mais, porque a corda com que fora içado ainda estava amarrada em torno do seu corpo, e a outra ponta não fora desamarrada da árvore. Por um momento eu apalpei os nós, debilmente, mas eles eram muito fortes e estavam molhados, não pude fazer nada. Então me lembrei da faca e num minuto a corda estava cortada.

Como cheguei em casa eu pouco sei, e dos dias seguintes, lembro ainda menos. De uma coisa tenho certeza: que se não fosse o cuidado carinhoso e incansável de minha irmã eu não estaria escrevendo neste momento.

Quando recuperei os meus sentidos, foi para descobrir que tinha ficado de cama por quase duas semanas. Mais uma ainda se passaria sem que ficasse bastante forte para sair pelos jardins. Mesmo então não era capaz de ir até o Abismo. Queria perguntado à minha irmã o quanto a água tinha subido, mas achei que seria mais sensato não mencionar o assunto. Na verdade, desde então, eu me fiz uma regra de nunca falar-lhe das coisas estranhas que acontecem nessa velha casa.

Foi somente dois dias depois que eu consegui chegar até o Abismo. Lá descobri que durante as inacreditável. Em vez de uma ravina três quartos cheia, via um grande lago, cuja plácida superfície refletia friamente a luz. A água tinha subido a menos de dois metros da borda do Abismo. Somente num lugar o lago se perturbava, e era acima do lugar onde, bem no abaixo nas águas quietas, se abria a boca do vasto Abismo subterrâneo. Ali havia uma borbulhação contínua e às vezes também um gargarejo curioso que parecia um soluço e subia lá das profundezas. Nada além disso dizia das coisas que havia escondidas por debaixo. No momento em que estava ali olhando, me ocorreu o quanto fora maravilhoso o modo como as coisas tinham se resolvido. Pois a entrada do lugar de onde as Criaturas suínas tinham vindo estava selada por um poder que me fez pensar que não havia mais o que temer deles. E mesmo assim, com este sentimento, me veio uma sensação de que eu não poderia nunca mais saber nada a respeito delas ou do lugar de onde tinham vindo. Uma coisa e outra estavam completamente trancadas e escondidas da curiosidade humana para todo o sempre.

É estranho, sabendo da existência daquele subterrâneo infernal, como é apropriado o nome do Abismo. É de se perguntar como surgiu, ou quando. Naturalmente, se conclui que a profundidade e o formato da ravina sugeririam o nome “Abismo”. Ainda assim, não será possível que tenha tido, desde

sempre, significado mais profundo a sugerir — se é que alguém adivinharia — a existência de um outro, o maior e mais estupendo, que fica nas profundezas da terra, abaixo desta velha casa? Debaixo desta casa! Mesmo agora a ideia me parece

estranha e terrível. Porque comprovei, sem dúvida, que o Abismo fica exatamente debaixo da casa, que fica evidentemente apoiada em algum lugar perto do centro, sobre uma tremenda abóbada de rocha sólida.

Ocorreu-me quanto a isso que, tendo a oportunidade de ir aos porões, me veio a ideia de dar uma olhada no grande porão, onde fica o alçapão, e ver se tudo estava como tinha deixado.

Chegando ao lugar, fui até o centro, chegando ao alçapão. Lá estava, com as pedras em cima empilhadas, tal como as tinha visto pela última vez. Eu tinha uma lanterna comigo e pensei que seria uma ocasião apropriada para investigar o que haveria debaixo da grande e pesada prancha de carvalho. Deixando a lanterna no chão, empurrei as pedras de cima do alçapão, agarrei a argola e a puxei até abrir. Ao fazê-lo, o porão se encheu com o som de um murmúrio trovejante, que subia de dentro. Ao mesmo tempo em que um vento úmido soprou em meu rosto, trazendo com ele uma rajada de

gotículas. Apressadamente deixei cair a tampa do alçapão, com um sentimento meio assustado de surpresa.

Por um momento fiquei sem entender. Mas já não tinha propriamente medo. O pavor paralisante das Criaturas suínas tinha me deixado bem antes, mas ainda estava certamente bem nervoso e atônito. Então me sobreveio de repente uma ideia, e eu ergui a pesada tampa, com excitação. Deixando-a caída para trás eu peguei a lanterna, ajoelhei-me e a enfiei pela abertura. Ao fazê-lo, o vento úmido e as gotículas nublaram meus olhos tornando-me incapaz de ver por alguns instantes. Mesmo quando meus olhos clarearam, nada pude distinguir nas sombras abaixo de mim, somente escuridão e um redemoinho de gotículas.

Vendo que seria inútil esperar enxergar no alçapão com a luz tão alta, tateei meus bolsos à procura de um pouco de linha para descer a lanterna pela abertura. Nem tinha começado a apalpar e a lanterna escorregou-me da mão e despencou na escuridão. Por um breve instante a vi caindo e enxerguei o brilho claro de uma confusão de espuma, a uns vinte e cinco ou trinta metros abaixo. Então ela se apagou. Meu palpite estava correto, e descobri a causa dos ruídos e da umidade. O grande porão era conectado com o Abismo pelo alçapão, que se abria

exatamente sobre ele, e a umidade era das gotículas espalhadas da água que caía nas profundezas.

Em um instante eu tive a explicação de várias coisas que até então me haviam intrigado. Então eu pude entender a razão dos ruídos na primeira noite de invasão que tinham me parecido vir diretamente de baixo de meus pés. A gargalhada que tinha soado quando abri pela primeira vez o alçapão! Um dos suínos certamente estava bem abaixo de mim.

Outro pensamento me ocorreu. As criaturas teriam se afogado todas então? Elas se afogariam? Lembrei não ter conseguido achar nenhuma prova de que meus tiros tinham sido mesmo fatais. Elas tinham vida, da forma como entendemos a vida, ou eram espectros? Estes pensamentos me vieram pela mente enquanto estava lá no escuro procurando fósforos nos bolsos. Já com a caixa à mão eu risquei um, fui até a tampa do alçapão e a fechei. Então eu empilhei de volta as pedras e só depois eu saí do porão.

Então acho que a água segue, trovejando dentro daquele poço sem fundo do inferno. Às vezes tenho um desejo inexplicável de ir até o grande porão, abrir a tampa do alçapão e contemplar o impenetrável escuro, saturado de gotículas de umidade. Às vezes o desejo quase me subjuga em sua intensidade. Não é

uma mera curiosidade que me excita, é mais algo como uma influência inexplicável em ação. Porém eu nunca vou, e pretendo resistir a esta estranha tentação, vencê-la como faria à ideia ímpia da autodestruição.

Esta ideia, de que uma força intangível está sendo exercida sobre mim, pode parecer irrazoável. Mas meu instinto avisa-me que não é assim. Em tais coisas, a razão me parece digna de menos confiança do que o

instinto.

Em suma, existe um pensamento que me impressiona com insistência crescente. É o de que vivo em uma casa muito estranha e horrível. E me tenho perguntado se é sensato continuar aqui. Porém, se eu fosse embora, onde poderia ir e ainda encontrar a solidão e a sensação da presença dela^{1}, a única coisa que torna a minha vida suportável?

CAPÍTULO XIV

O Mar do Sono

Por um período considerável após o último incidente que narrei em meu diário tive sérios pensamentos de deixar esta casa, e o teria feito, se não fosse por uma coisa grande e maravilhosa sobre a qual eu vou escrever.

Como fui bem aconselhado em meu coração quando fiquei aqui — apesar das visões e aparições de coisas desconhecidas e inexplicáveis! Porque, se não tivesse permanecido, então eu não teria visto de novo a face daquele que amei. Sim, ainda que poucos o saibam, ninguém a não ser agora a minha irmã Mary, eu amei e — ah!... — perdi.

Eu deveria contar a história desses antigos dias doces, mas seria como arranhar velhas feridas, e além do mais, depois do que aconteceu, que necessidade tenho disso? Porque ela veio até mim, desde o desconhecido.

Estranhamente ela me alertou, apaixonadamente, contra esta casa, implorou-me que a deixasse, mas admitiu, quando a questioneei, que ela não teria conseguido chegar até mim se eu estivesse em outro lugar. Porém, apesar disso, ela ainda me

alertava, honestamente, dizendo-me que é um lugar que foi, há muito tempo, dedicado ao mal, e que estava sob o poder de leis sombrias, das quais ninguém entre nós tem conhecimento. E eu ... eu somente lhe perguntei, outra vez, se ela teria podido vir até mim em outro lugar, e ela só conseguiu ficar em silêncio.

Foi assim que eu vim ao lugar do Mar de Sonhos — como ela o denominou em seu adorável falar. Eu tinha ficado em meu escritório lendo, e devo ter cochilado sobre o livro. Subitamente acordei e me sentei ereto, com um susto. Por um momento olhei em volta, com uma sensação confusa de algo errado. O cômodo tinha uma aparência nebulosa, que dava uma curiosa suavidade a cada mesa, cadeira ou acessório.

Gradualmente a nebulosidade aumentou, crescendo como se viesse do nada. Então, lentamente, uma luz clara e macia começou a brilhar no cômodo. As chamas das velas brilharam através dela palidamente. Eu olhei de lado a lado e descobri que ainda podia ver cada peça de móvel, mas de uma forma estranhamente irreal, mais como se fosse o fantasma de cada mesa ou cadeira que tivesse tomado o lugar de cada artigo sólido.

Aos poucos, enquanto eu olhava, vi-os perdendo a nitidez, até que eles se confundiram no nada. Olhei de novo para as velas.

Elas brilhavam furtivamente, e diante de meus olhos se tornavam mais irreais, até que desapareceram. O quarto ficou então preenchido por uma iluminação crepuscular suave, mas ainda clara, como uma tranquila neblina de luz. Além disso eu não podia ver nada. Até mesmo as paredes tinham desaparecido.

Então eu me tornei consciente de um som distante e contínuo que pulsava através do silêncio que me envolvia. Eu ouvi atentamente. Ele se tornou mais definido, até que me pareceu que eu estava escutando as respirações de um grande mar. Eu não sei dizer quanto tempo se passou nisso, mas depois de um pouco me pareceu que eu conseguia enxergar no meio do nevoeiro, e lentamente me tornei consciente de que estava de pé sobre a praia de um mar imenso e silencioso. A praia era contínua e comprida, perdendo-se na distância tanto à direita como à esquerda de mim. À minha frente nadava a imensidade quieta de um imenso oceano adormecido. Às vezes me parecia que tinha visto um pálido ponto de luz sob sua superfície, mas não tenho certeza disso. Atrás de mim se erguiam, até uma altura extraordinária, rochedos negros e descarnados.

Acima de mim o céu era de um cinza frio e uniforme, todo o lugar parecendo iluminado por um estupendo globo de fogo

pálido que flutuava um pouco acima do horizonte distante e que emitia uma luz esponjosa sobre as águas mansas.

Além do murmúrio gentil do mar, uma intensa paralisia prevalecia. Por um longo tempo eu fiquei lá, olhando para aquelas estranhezas. Então, enquanto contemplava, pareceu-me ver uma bolha de espuma branca flutuar das profundezas e logo, ainda sem saber o que era tudo aquilo, estava olhando para a face dEla! Sim! A face dEla! A alma dEla! E Ela olhava de volta para mim, com uma mescla de tamanha alegria e tristeza que corri cego para ela, chorando amargamente na própria agonia da lembrança, do terror e da esperança de encontrá-la. Porém, apesar de meu choro, ela permaneceu lá sobre o mar, e apenas meneou a cabeça, tristemente. Mas em seus olhos estava a velha luz terrena do carinho, que eu conhecera antes de tudo, antes que fôssemos separados.

Fiquei desesperado por sua perversidade, e tentei nadar até ela, mas embora o quisesse, não conseguia. Algo, um tipo de barreira invisível me retinha, e eu era obrigado a ficar onde estava, e gritar para ela, com a plenitude de minha alma, “Oh, minha adorada, minha adorada!”, mas nada mais podia dizer, devido à grande intensidade. Nisso ela se aproximou sutilmente e me tocou, e foi como se os céus tivessem se aberto. Porém,

quando lhe estendi as minhas mãos ela me afastou com mãos carinhosamente rígidas, e eu fiquei embaraçado.

Fragmentos - [continuação do capítulo XIV]

Os trechos legíveis das folhas mutiladas.{2} , {3}

... através das lágrimas... o ruído da eternidade nos meus ouvidos, nos separamos... Ela, a quem amo. Oh, meu Deus...! Eu estava bastante atordoado e fiquei então sozinho no negrume da noite. Eu sabia que tinha viajado de volta, mais uma vez, ao universo conhecido. Então eu emergi daquela enorme escuridão. Eu tinha chegado entre os astros... vasto tempo... o sol, distante e remoto.

Adentrei o enorme vácuo que separa o nosso sistema dos sóis exteriores. Enquanto percorria velozmente o vácuo divisivo, observei fixamente, a crescente magnitude e brilho de nosso sol. Uma vez contemplei de volta as estrelas e as vi variarem, como se estivesse em uma vigília diante do poderoso plano de

fundo da noite, tão grande era a velocidade de meu espírito viajante.

Aproximei-me de nosso sistema, e então pude ver o brilho de Júpiter. Depois eu distingui a luminescência fria e azul da Terra... Tive um momento de perplexidade. Por toda a volta do sol pareciam haver vários objetos brilhantes que se moviam em órbitas rápidas. Ao centro, próximos da glória selvagem do sol, circulavam dois dardejantes pontos de luz e um pouco mais longe voava um pontinho azul e luminoso, que eu sabia ser a Terra. Ela circundava o sol em um intervalo que parecia ser menos de um minuto terrestre.

... Aproximando-me com grande velocidade. Eu via as radiâncias de Júpiter e Saturno, girando com incrível rapidez, em grandes órbitas. E cada vez ficava mais perto, e olhava para esta visão estranha: o circular visível dos planetas em torno do sol maternal. Era como se o tempo tivesse sido aniquilado para mim, de forma que um ano não era mais, para o meu espírito incorpóreo, do que um momento o é para uma alma presa à Terra.

A velocidade dos planetas pareceu aumentar e então eu vi o sol com anéis coloridos, finos como fios de cabelo, os caminhos

das órbitas dos planetas que se atiravam a velocidades poderosas em torno da chama central...

O sol se tornou vasto, como se ele saltasse em minha direção. E então eu estava dentro do círculo dos planetas exteriores e passava rapidamente em direção ao lugar onde a Terra, tremeluzindo ao longo do esplendor azul

de sua órbita, como uma neblina profunda, circulava o sol a uma velocidade monstruosa.{4}

CAPÍTULO XV

O Ruído na Noite

Então presenciei a mais estranha de todas as coisas estranhas que me aconteceram nesta casa de mistérios. Ocorreu bem recentemente, já neste mês, e tenho pouca dúvida de que presenciei de fato como terminarão todas as coisas. À minha história, porém.

Não sei bem o porquê disso, mas até o momento eu não tinha sido capaz de escrever sobre essas coisas da forma como ocorreram. É como se tivesse que esperar um tempo, recuperando meu equilíbrio devido e digerindo — de um certo jeito — as coisas que vi e ouvi. Não há dúvida que isto foi como tinha de ser; porque, tendo esperado, enxergo os fatos mais verdadeiramente, e escrevo sobre eles sob um estado de espírito mais calmo e prudente. Tudo muito a propósito.

Estamos agora no final de novembro. A minha história se refere ao que aconteceu na primeira semana do mês.

Era de noite, cerca de nove horas. Pimenta e eu estávamos fazendo companhia um ao outro no escritório — aquele grande e antigo quarto, onde leio e trabalho. Curiosamente eu estava lendo a Bíblia. Eu comecei nos últimos dias a desenvolver gradualmente um interesse por tal grande e antigo livro. Subitamente um claro tremor agitou a casa, e ouviu-se um zumbido ou rangido na distância, de uma forma muito tênue, mas que logo aumentou até transformar-se em um berro, abafado e longínquo. Lembrou, de uma forma estranha e gigantesca, o barulho de um relógio quando a corda termina e você o deixa parar. O som parecia vir de alturas remotíssimas — em algum lugar na imensidão da noite. Não houve repetições do choque. Eu olhei para Pimenta, ele estava dormindo, pacífico.

Gradualmente o rangido diminui e quedou um longo silêncio.

Então, de uma só vez, um brilho se acendeu na janela do canto, que se projeta para fora das paredes de tal forma que se pode, a partir dela, olhar a leste e a oeste simultaneamente. Fiquei intrigado e, após momentos de hesitação, cruzei o cômodo e abri as bandeiras da janela de uma vez. Logo que o fiz, pude ver o sol nascendo de trás do horizonte com movimento firme e perceptível. Podia vê-lo subindo no céu. No que não pareceu mais que um minuto ele havia chegado aos topos das árvores,

através das quais o vira antes. Para cima, para cima... logo era dia pleno. Atrás de mim eu percebia um zumbido agudo, como o de um mosquito. Olhei em torno e soube que ele provinha de um relógio. Enquanto o olhava de relance ele marcou metade de uma hora. O ponteiro dos minutos estava percorrendo o mostrador mais rápido que um ponteiro de segundos e o ponteiro das horas ia rapidamente de um número a outro. Eu tinha uma sensação de espanto mudo. Depois de alguns instantes as duas velas se apagaram, quase juntas. Logo me virei de novo para a janela, porque percebera que as sombras dos marcos corriam pelo chão em minha direção, como se tivessem passado uma grande lâmpada através da janela.

Notei então que o sol tinha subido até as alturas e ainda se deslocava visivelmente. Passou acima da casa com um extraordinário movimento de veleiro. Foi quando a janela ficou na sombra que vi uma outra coisa extraordinária. As nuvens de tempo bom não estavam indo calmamente pelo céu: elas andavam desabaladas como se o vento soprasse a cento e sessenta quilômetros por hora. Ao passarem mudavam de forma mil vezes por minuto, como se estivessem cheias de uma vida desconhecida, e então sumiam. Então vinham outras e também escorriam da mesma forma.

No oeste vi o sol caindo com um movimento suave e incrivelmente veloz. Do leste, as sombras de todas as

coisas visíveis se estendiam na direção da escuridão que chegava. E o movimento das sombras me era visível, um arrastar silencioso e oscilante como o das sombras das árvores agitadas pelo vento. Era uma visão bem estranha.

Rapidamente o escritório começou a escurecer. O sol escorregou para debaixo do horizonte e pareceu, daquele jeito, que desaparecia de minha vista quase de supetão. Através da penumbra do entardecer tão rápido, eu vi o crescente prateado da luz saindo do céu meridional, em direção ao oeste. O entardecer pareceu se fundir quase instantaneamente com a noite. Sobre mim as muitas constelações passaram circulando sem ruído, e seu movimento era estranho, desconhecido, em direção ao oeste também. A lua caiu através dos últimos graus rumo ao abismo da noite, e logo ficou só a luz das estrelas ...

Nesse momento o zumbido no canto tinha cessado, com o que eu soube que o relógio tinha ficado sem corda. Poucos minutos se passaram e eu vi o céu oriental clarear. Uma manhã cinzenta e séria se espalhou através da escuridão e escondeu a marcha das estrelas. Acima se movia, em um rolar pesado e inexorável, um céu vasto de nuvens escuras; um teto de nuvens que teria

parecido imóvel se contemplado no passo de um dia terrestre normal. O sol estava escondido de mim, mas de momento em momento o mundo clareava e escurecia, o céu brilhava e se apagava, em ondas de luz e sombra muito sutis...

A luz se movia sempre para o ocidente, e a noite caiu sobre a terra. Uma chuva devastadora pareceu vir com ela, trazida por um vento de rugir extraordinário, tal como se o uivo de uma noite inteira de tormenta fosse compactado no espaço de não mais que um minuto.

Este ruído passou, quase imediatamente, e as nuvens se partiram, de forma que, mais uma vez, eu pude ver o céu. As estrelas estavam voando para o oeste a uma velocidade espantosa. Notei então, pela primeira vez, que embora o barulho da ventania tivesse acabado, ainda havia um som “borrado”, constantemente em meus ouvidos. Quando o notei, tive consciência de que ele havia estado sempre comigo. Era o ruído do mundo.{5}

E então, nem bem eu havia chegado a compreender isto, surgiu a luz oriental. Não mais que algumas batidas do coração e o sol já se erguia, ligeiro. Através das árvores eu o vi, e logo ele

estava acima delas. Para cima, para cima, ele voava e todo o mundo estava logo iluminado. Ele passou, subindo firme e rapidamente até a sua posição mais alta, e de lá caiu, rumo ao ocidente. Eu vi o dia se desenrolar visivelmente acima de minha cabeça. Umhas poucas nuvens leves fugiam para o norte e se dissolviam. O sol se pôs com um mergulho súbito e claro, e lá ficou, diante dos meus olhos, por apenas alguns segundos, a luminescência decadente do anoitecer.

Para o sul e para o oeste, a lua estava afundando rapidamente. A noite caíra. No que não pareceu mais que um minuto a lua despencou pelos últimos graus do céu escuro. Outro minuto depois e o céu oriental brilhou com a aurora próxima. O sol saltou sobre mim com uma brutalidade medonha e voou ainda mais rapidamente em direção ao zênite. Então, de repente, uma coisa nova apareceu-me. Uma nuvem negra de tempestade veio correndo do sul e pareceu cobrir toda a extensão do céu em um mero instante. Enquanto vinha, percebi que o lado que avançava vinha tremulando, como uma mortalha monstruosa no firmamento, contorcendo-se e ondulando com uma sugestividade horrível. Em um instante o ar estava todo cheio de chuva, e uma centena de relâmpagos pareceram repicar no céu, como se um aguaceiro grandioso caísse. No mesmo segundo o ruído do mundo foi afogado pelo rugido do vento, e então meus ouvidos doeram com o impacto atordoante do trovão.

Em meio à tempestade a noite caiu, e então a borrasca passou em menos de um minuto e ficou no ar apenas o constante murmúrio do ruído do mundo em meus ouvidos. Acima, as estrelas estavam deslizando velozmente em direção ao ocidente e algo, talvez a velocidade peculiar que haviam atingido, me fez perceber pela primeira vez de forma nítida que era o mundo que girava. Eu pareci enxergar subitamente que o mundo era uma massa vasta que rodopiava visivelmente entre os astros.

A madrugada e o sol pareceram vir juntos, de tanto que a velocidade da rotação do mundo tinha aumentado. O sol galgou o céu em uma única e longa curva, passando pelo ponto mais alto e escorregando para baixo rumo ao céu ocidental, e então desapareceu. Eu mal consegui perceber o anoitecer, de tão breve que foi. Então eu vi as constelações voando e a lua que fugia para o oeste. No espaço de alguns segundos ela passou deslizando velozmente através do azul escuro do céu e sumiu. E quase em seguida nasceu a manhã.

Então pareceu acontecer uma aceleração ainda mais estranha. O sol deu um salto claro e direto através do céu e sumiu debaixo do horizonte ocidental, e então a noite veio e se foi com igual rapidez.

Quando o dia seguinte se abriu e fechou sobre o mundo, percebi uma queda de neve, brevemente sobre a terra. A noite veio e logo depois outro dia. Durante a breve passagem do sol, vi que a neve tinha derretido e então era noite outra vez.

Assim estavam as coisas, e mesmo depois de todas as coisas incríveis que presenciara, experimentei tudo isso com o mais profundo espanto. Ver o sol nascer e se pôr em um espaço de tempo que podia ser medido em segundos, assistir (pouco depois) a lua saltar pelo céu noturno — um globo pálido e cada vez maior — e flutuar, com uma rapidez incomum, através da vasta abóbada azul, para ver em seguida nascer o sol, pulando do horizonte oriental como se a perseguisse, e logo a noite outra vez, com a efêmera e fantasmagórica passagem das constelações dos astros, era tudo muito difícil de ver e crer. Mas assim acontecia; o dia escorregando de aurora a ocaso e a noite passando logo para o dia, sempre rápido e cada vez mais rápido.

As três passagens anteriores do sol tinham me mostrado a terra coberta de neve, o que me parecera, por alguns segundos, incrivelmente estranho à luz constantemente oscilante da lua que nascia e se punha. Então, por um pequeno instante, o céu ficou oculto por um mar de nuvens cinza-claras, que clareavam

e escureciam alternadamente com a passagem do dia e da noite.

As nuvens ondularam e depois derreteram, e outra vez estive diante de mim a visão do sol saltitante e das noites que vinham e iam como sombras.

Cada vez mais rápido girava o mundo. E cada dia e noite se completava, então, no espaço de alguns segundos apenas, e a velocidade crescia ainda.

Foi pouco depois disso que eu notei que o sol tinha começado a ter indícios de uma cauda de fogo. Isto era, evidentemente, devido à velocidade com que ele parecia atravessar o firmamento. E à medida em que os dias se aceleravam, cada um mais rápido que o anterior, o sol começou a assumir a aparência de um imenso cometa flamejante^{6} que faiscava pelo céu a intervalos periódicos, sempre mais curtos. À noite a lua apresentava com ainda maior fidelidade, um aspecto de cometa: uma forma luminosa pálida e singularmente clara que viajava rápido, arrastando fitas de fogo frio. As estrelas então se mostravam meramente como finos fios de fogo contra o escuro.

Uma vez eu me distraí da janela e procurei por Pimenta. Durante o relâmpago de um dia eu o vi dormir silenciosamente e então me voltei de novo para a minha vigília.

O sol era então vomitado do horizonte oriental como um estupendo foguete, parecendo ocupar com sua presença não mais que um segundo no tempo entre o Leste e o Oeste. Eu não conseguia mais perceber a passagem das nuvens pelo céu, que parecia ter escurecido um pouco. As breves noites pareciam ter perdido a

sua escuridão própria, de forma que os filamentos de fogo das estrelas dardejantes apareciam apenas debilmente. Com o aumento da velocidade o sol pareceu bambolear muito lentamente no céu, do Sul para o Norte e então, novamente, do Norte para o Sul.

Então, em meio a tal estranha confusão mental as horas se passaram. Por todo esse tempo Pimenta tinha dormido. Então, sentindo-me só e melancólico eu o chamei, suavemente, mas ele não atendeu. Outra vez lhe chamei, erguendo um pouco a minha voz, mas ele não se mexeu. Então eu fui até onde ele estava e o toquei com meu pé, para acordá-lo. Com isso, apesar de ter sido um toque muito suave, ele partiu-se em

pedaços. Foi o que aconteceu: ele literal e realmente desmoronou em uma pilha putrescente de ossos e pó.

Por talvez pouco mais que um minuto eu contemplei o monturo disforme do que fora um dia o Pimenta. Eu fiquei ali, sentindo-me confuso. O que teria acontecido? Eu me perguntava sem conseguir entender o significado sombrio daquele pequeno amontoado de cinzas. Então, ao mexer no monturo com o meu pé, ocorreu-me que aquilo só poderia ter acontecido após um grande período de tempo. Anos e anos.

Do lado de fora, a luz esvoaçante e oblíqua cobria o mundo. Dentro estava eu, tentando entender o sentido de tudo aquilo — o que significava a pequena pilha de poeira e ossos secos no tapete. Mas eu não conseguia pensar coerentemente.

Olhei em torno do cômodo e notei, então, pela primeira vez, o quanto ele parecia velho e poeirento. Sujeira e pó em toda parte, acumulada em pequenos montes nos cantos, e espalhada sobre os móveis. O próprio tapete, por sua vez, estava invisível sob uma camada do mesmo onipresente material. Quando eu caminhava, pequenas nuvens dele se erguiam com os meus passos e irritavam minhas narinas com um odor seco e amargo que me fazia pigarrear roucamente.

Então, em um momento em que eu contemplava novamente os restos de Pimenta, ergui-me e dei voz à minha confusão; perguntando em voz alta se os anos estavam mesmo passando, se aquilo que eu tinha pensado ser uma espécie de visão, seria, de fato, a realidade. Fiz uma pausa. Um novo pensamento me atingiu.

Rapidamente, mas com passos que pela primeira vez eu notei cambalearem, atravessei o cômodo até o grande espelho da parede e olhei nele. Ele estava demasiadamente encardido para produzir reflexo, então, com as mãos trêmulas, comeceia esfregar para remover a sujeira. Então eu pude ver-me. O pensamento que me ocorrera se confirmou. Em vez de um homem alto e vigoroso, que mal aparentava cinquenta anos, eu via um velho decrepito e curvado, cujos ombros eram caídos e cuja face levava as rugas de um século. O cabelo — que poucas horas antes tinha sido quase negro como carvão — estava luminosamente alvo. Somente os olhos ainda eram brilhantes. Gradualmente reconheci naquele ancião uma pálida semelhança com quem eu fora em outros tempos.

Desviei os olhos e manquei até a janela. Eu descobrira que estava velho, e este conhecimento parecia se confirmar em meu andar trêmulo. Por um pouco de tempo eu contemplei pensativo a vista borrada da paisagem que se alterava a cada

instante. Mesmo naquele curto instante pareceu passar um ano. Então, em um gesto petulante, deixei a janela. Ao fazê-lo, notei que a minha mão tremia com a paralisia da senilidade, e um soluço curto forçou-se através dos meus lábios.

Caminhei tremendo da janela até a mesa, com minha atenção alternando entre uma e outra, indecisamente. Como o lugar estava arruinado! Por toda parte repousava uma espessa camada de poeira; espessa, sonolenta e escura. O corta-fogo era uma peça enferrujada e quase disforme. As correntes que erguiam os contrapesos de bronze do relógio tinham sido carcomidas pelo azinhavre e estes jaziam no chão, reduzidos a dois cones de verde-azulado.

Olhando em torno eu tive a impressão de que podia ver a própria mobília apodrecer e desfazer-se diante dos meus olhos. Nem isso foi uma fantasia minha, porque subitamente a estante junto à parede lateral desabou com o estalo e o rangido de madeira podre, atirando seu conteúdo ao chão e enchendo o cômodo com mais uma nuvem de átomos de poeira.

Como me sentia cansado! Ao caminhar eu parecia ouvir as minhas juntas secas rangendo e estalando com cada passo. Pensei em minha irmã. Estaria ela morta, tal como o Pimenta?

Tudo tinha acontecido tão rápido e tão de repente. Aquilo tinha que ser, de fato, o começo do fim de todas as coisas! Ocorreu-me a ideia de sair à sua procura; mas eu estava cansado demais. Além do mais, ela tinha se comportado de uma forma muito estranha em relação aos acontecimentos recentes. Recentes! Eu repeti estas palavras e dei uma débil risada, sem nenhuma alegria, ao compreender finalmente que falava de um tempo passado meio século antes. Meio século! Bem poderia ter sido o dobro disso!

Eu me movi lentamente até a janela e contemplei o mundo lá fora, mais uma vez. A melhor descrição que posso fazer da passagem dos dias e noites, esta época, a um tipo de gigantesco e poderoso piscar de luz. Momento a momento a aceleração do tempo continuava, de forma que nas noites de então eu via a lua apenas como uma ondulante trilha de fogo pálido, que variava entre uma mera linha de luz e um rastro nebuloso e então diminuía outra vez, desaparecendo periodicamente.

O piscar dos dias e noites acelerou-se. Os dias tinham se tornado perceptivelmente mais escuros e uma estranha característica de entardecer permanecia na atmosfera. As noites eram tão mais claras que mal se podia ver as estrelas,

exceto aqui e ali uma linha ocasional de luz, tão fina quanto um fio de cabelo, que parecia balançar um pouco, junto com a lua.

Rapidamente, e cada vez mais rápido, o piscar dos dias e noites acelerava-se, até que de repente eu percebi que desaparecera e restara, em vez dele, uma luz comparativamente estável, que era deitada sobre o mundo por um eterno rio de fogo que se contorcia entre o sul e o norte, em estupendas oscilações.

O céu se tornara então muito mais escuro, e havia no seu azul uma escuridão pesada, como se um vasto negrume espiasse a Terra através dele. Porém, ainda havia também nele uma estranha e horrível clareza, um vazío. Periodicamente eu tinha a impressão de um rastro fantasmagórico de fogo que balançava débil e obscuramente em direção à corrente do sol, desaparecendo e ressurgindo. Era a corrente quase invisível da lua.

Olhando para a paisagem, eu percebi novamente um embotamento do “agito” proporcionado pela luz da correnteza solar, que poderosamente balançava no céu, ou resultava das mudanças incrivelmente rápidas da superfície da terra. E em certos momentos me parecia que a neve cobria brevemente o

mundo, desaparecendo da mesma forma abrupta, como se um gigante invisível “agitasse” um lençol branco sobre a terra.

O tempo corria, e a minha exaustão crescia insuportavelmente. Eu saí da janela e caminhei novamente pelo cômodo, com a poeira pesada amortecendo o som de minhas pisadas. Cada passo que eu dava parecia um esforço maior que o anterior. Uma dor intolerável me atingia em cada junta e membro enquanto eu me arrastava, com uma incerteza dolorosa.

Junto à parede oposta eu fiz uma pausa cansada e me perguntei, hesitante, o que fora fazer ali. Olhei para a esquerda e vi a minha velha poltrona. O pensamento de sentar nela me trouxe uma leve sensação de conforto à minha miséria confusa. Mas era tanto o meu cansaço, de velhice e exaustão, que eu mal conseguia forçar a

minha mente a fazer coisa alguma senão ficar de pé e desejar ter andado aqueles poucos metros. Eu oscilava de pé. Até o chão parecia um lugar para descansar, se ao menos a camada de poeira não fosse tão espessa e tão sonolenta e tão negra. Reuni minhas forças, com grande emprego de minha vontade, e fui até a poltrona. Alcancei-a com um grunhido de gratidão. E me sentei.

Tudo em torno de mim pareceu estar se turvando. Era tudo tão estranho e inesperado. Na noite anterior eu fora um homem relativamente forte, embora de meia idade, e naquele momento, poucas horas depois... Olhei para o montinho de poeira que uma vez fora o Pimenta. Horas! E eu dei uma risada fraca e amarga, uma risada estridente e estalada que chocou os meus sentidos diminuídos.

Por um momento eu devo ter cochilado. Então abri os meus olhos com um susto. Em algum lugar pelo cômodo se produzira o ruído de algo caindo. Olhei e vi, vagamente, uma nuvem de pó flutuando sobre uma pilha de destroços. Próximo à porta, algo mais tombou, com barulho. Era um dos armários, mas eu estava cansado e não prestei atenção. Fechei os meus olhos e me sentei num estado de sonolência, ou semi-inconsciência. Uma vez ou duas ou vi sons que pareciam chegar até mim percorrendo neblinas densas. Então devo ter dormido.

CAPÍTULO XVI

O Despertar

Acordei assustado. Por um momento eu me perguntei onde estava. Então a lembrança me retornou...

O cômodo ainda estava iluminado por aquela estranha luz — meio sol e meio lua. Eu me sentia renovado, e a dor do cansaço e da velhice me havia deixado. Aproximei-me da janela bem devagar e olhei para fora. No alto, o rio de chamas ondulava para cima e para baixo, Norte e Sul, em semicírculo de fogo dançante. Como um poderoso trenó puxado pelo tempo ele me parecia — em uma súbita impressão minha — estar derrubando os pinos dos anos.^{7} Porque a passagem do tempo tinha se acelerado de uma tal forma que não restava mais nenhuma sensação da passagem do sol de Leste para Oeste. O único movimento aparente era a oscilação norte-sul da correnteza da luz solar, que tinha se tornado tão rápida que bem poderia ser descrita como um tremido.

Ao olhar para fora me sobreveio a lembrança súbita e inconsequente daquela outra viagem através dos mundos exteriores. Lembrei da visão que tivera, ao me aproximar do

Sistema Solar, dos planetas girando rapidamente em torno do sol, como se o governo do tempo tivesse sido posto em suspensão e se tivesse permitido à Máquina do Universo correr toda uma eternidade em poucos momentos ou horas. A lembrança passou, juntamente com a impressão, apenas parcialmente compreendida, de que me havia sido concedida uma visão de tempos e espaços futuros. Olhei de novo para fora, para o que pareciam os estertores da correnteza da luz solar. A velocidade ainda parecia aumentar enquanto eu olhava. Diversas gerações transcorreram enquanto eu observava.

De repente me dei conta, de uma maneira grotescamente séria, de ainda estar vivo. Pensei no Pimenta e me perguntei por que eu não seguira o seu destino. Ele chegara à sua idade final e falecera, provavelmente de velhice mesmo. E ali estava eu, vivo, centenas de milhares de séculos após os meus devidos anos de vida.

Por um momento eu pensei distraidamente. “Ontem...” eu me interrompi subitamente. Ontem! Não havia ontem. O ontem de que eu falava tinha sido engolido pelo abismo dos anos, muitas eras antes. Eu me senti assustado de pensar.

Então eu desviei da janela e olhei pelo cômodo ao redor. Ele parecia diferente, estranha e completamente diferente. Então eu percebi o que fazia com que parecesse tão estranho. Ele estava vazio: não havia sequer uma peça de mobília no cômodo, nem um móvel solitário sequer. Logo minha surpresa passou, quando me lembrei que esse era o fim inevitável do processo de apodrecimento que eu começara a ver antes de dormir. Milhares de anos! Milhões de anos!

Sobre o chão se espalhava uma camada profunda de poeira, que chegava quase à metade da altura até a moldura da janela. Tinha crescido incomensuravelmente enquanto eu dormira, representava a a poeira de eras sem conta. Sem dúvida os átomos da antiga mobília apodrescida ajudavam a aumentar seu volume, e em algum lugar estariam os do Pimenta, há tanto tempo morto.

Logo me ocorreu que eu não tinha lembrança de caminhar imerso até os joelhos naquela poeira depois de ter acordado. Na verdade, uma quantidade incrível de anos tinha se passado desde que eu me aproximara da janela, mas era evidentemente pouco, comparada aos espaços incontáveis de anos que eu imaginava que tinham corrido enquanto eu dormira. Lembrei-me então de que adormecera sentado em minha velha cadeira.

Ela tinha também desaparecido…? Olhei na direção onde ela estivera. Obviamente não havia nenhuma

cadeira visível. Não soube, porém, se ela tinha desaparecido antes ou depois de eu ter acordado. Se ela tivesse apodrecido sob mim, certamente eu teria sido acordado pelo seu desmoronar. Então me lembrei da poeira densa que cobria o chão e que poderia ter sido suficiente para amortecer a minha queda, de forma que era bem possível que eu tivesse dormido sobre a poeira durante um milhão de anos ou mais.

Enquanto esses pensamentos atravessavam a minha mente, olhei de novo, casualmente, na direção onde a cadeira tinha estado. Então, pela primeira vez, notei que não havia marcas de minhas pegadas na peira, entre ela e a janela. Mas então, eras sem conta tinham se passado desde o meu despertar — dezenas de milhares de anos! Meus olhos se detiveram pensativamente no lugar onde a cadeira estivera. Então, eu passei da abstração à atenção, pois no seu lugar eu percebi uma ondulação alongada, arredondada pela poeira pesada. Mesmo assim não estava muito oculta sua natureza, pois eu podia perceber o que a causava. Percebi ser — e tremi com a descoberta — um corpo humano, morto por milhares de anos, deitado ali, mais ou menos no lugar onde eu estivera dormindo. Ele estava deitado sobre seu lado direito, com as costas

voltadas para mim. Eu conseguia perceber e traçar cada curva e cada ponto, suavizado e impregnado pela poeira negra, tal como estava. De uma maneira vaga eu tentei explicar sua presneça lá. Lentamente eu comecei a ficar espantado, pois me veio o pensamento de que ele estava exatamente onde eu deveria ter caído quando a cadeira desmoronara.

Gradualmente começou a ser formar uma ideia em minha mente, um pensamento que agitou o meu espírito. Parecia-me horrível e insuportável, mas ele cresceu comigo até se tornar uma convicção. O corpo debaixo daquela capa de poeira, aquele manto das eras, não era nada mais nem menos que a minha velha carcaça. Não tentei tirar a prova disso. Eu sabia, e me perguntava como demorara tanto para perceber. Eu tinha me dornado uma coisa incorpórea.

Por um momento me detive tentando ajustar os meus pensamentos a tal novo problema. Por fim — não sei depois de quantos anos — atingi um certo nível de calma, suficiente para me capacitar a prestar novamente atenção ao que ocorria ao meu redor.

Notei então que o monturo alongado tinha desmoronado, nivelado com o resto da poeira. E átomos novos, impalpáveis, tinham se acamado sobre a mistura de poeira de sepultura que

as eras tinham moído. Por um longo tempo eu estivera afastado da janela. Gradualmente me recompus, enquanto o mundo deslizava através dos séculos, rumo ao futuro.

Então comecei a explorar o cômodo. Então vi que o tempo estava começando o seu trabalho de destruição até mesmo no velho e estranho edifício. Ele ter permanecido ao longo dos anos já me parecia prova de que era diferente de qualquer outra casa. Não me lembrava, de forma alguma, da percepção de que estivesse envelhecendo. A razão disso, porém, eu não poderia dizer. Somente depois de ter meditado sobre o caso durante um espaço considerável de tempo que eu compreendi finalmente que o extraordinário tempo que ele durara já teria sido suficiente para pulverizar completamente até as pedras de que estava feito, se elas tivessem sido retiradas de qualquer pedreira terrena. Ele estava, porém, começando a apodrecer. Todo o reboco tinha caído das paredes e todo o madeiramento do cômodo já havia desaparecido muito tempo antes.

Enquanto eu contemplava, um pedaço de vidro, de um dos painéis em forma de diamante, caiu ao chão com um ruído surdo, em meio à poeira que se amontoava no parapeito junto de mim e logo se desfez em um montículo de pó. Quando deixei de contemplá-lo, vi entrando luz entre duas das pedras que

formavam a parede externa. A argamassa estava começando a cair também.

Depois de um tempo eu me voltei novamente para a janela e olhei para fora. Descobri, então, que a velocidade do tempo tinha se tornado enorme. O tremido lateral da corrente de luz solar tinha se tornado tão rápido que fizera com que o semicírculo de chamas dançantes se dissolvesse e desaparecesse em uma camada de fogo

que recobria a metade do céu setentrional, de Leste a Oeste.

Do céu eu me dirigi aos jardins. Eles eram apenas um borrão de verde pálido e sujo. Eu tinha a sensação de que eles estavam mais crescidos que nos velhos dias, uma impressão de que estavam mais próximos da janela, como se o solo tivesse sido erguido. Mesmo assim ainda estava bem abaixo de mim, pois a rocha em cima a boca do abismo, sobre a qual esta casa repousa, se ergue a uma altura muito grande. Foi somente mais tarde que notei uma mudança na coloração constante dos jardins. O verde pálido e empoeirado estava se tornando cada vez mais pálido e pálido, tendendo a branco. Por fim, depois de muito tempo, ficaram cinzentos e assim ficaram por muito tempo. Por fim, o cinzento começou a desbotar, tal como o verde antes, até se tornar um branco mortiço. Esta condição

permaneceu, constante e imutável. E assim eu soube, por fim, que a neve recobria todo o mundo setentrional.

Então, por milhões de anos, o tempo voou rumo à eternidade, rumo ao fim — em relação a que, nos velhos dias da terra, eu só pensara remotamente, de uma forma vagamente especulativa. Mas então ele se aproximava de uma forma que eu nem sequer sonhara.

Eu me lembro que, por volta dessa época, eu começara a ter uma vívida, ainda que mórbida, curiosidade para ver o que aconteceria quando o fim sobreviesse — mas eu parecia estranhamente desprovido de imaginação.

Durante todo esse tempo o processo contínuo de decadência estivera continuando. Os poucos cacos de vidro restantes haviam desaparecido muito antes e de vez em quando um baque amortecido e uma pequena nuvem de poeira que se erguia me contavam da queda de outro fragmento de argamassa ou outra pedra de cantaria.

Eu olhei para cima de novo, para a camada chamejante que tremulava nos céus sobre mim, na direção do distante céu setentrional. Enquanto olhava, sobreveio-me a impressão de

que ela perdera um pouco de seu brilho inicial — de que estava mais fosca e tinha um tom mais escuro. Olhei para baixo mais uma vez, para a nebulosa paisagem branca. Às vezes meu olhar retornava ao pedaço flamejante de luz mortiça que era, e escondia, o sol. Outras vezes eu olhava para trás de mim, para a crescente penumbra do grande e silencioso cômodo, com seu tapete de poeira sonolenta das eras...

Assim eu vigiei através das eras fugidias, perdido em pensamentos e maravilhas que cansavam a alma e admirado, mas possuído por uma nova exaustão.

CAPÍTULO XVII

A Redução da Rotação

Talvez tenha sido só um milhão de anos depois que eu percebi sem sombra de dúvida que a toalha chamejante que iluminava o mundo estava mesmo escurecendo.

Outro imenso intervalo se passou e a enorme chama tinha decaído para uma cor de cobre intenso. Depois escureceu gradualmente de cobre para bronze e então para uma profunda e pesada coloração púrpura que tinha em si a estranha sugestão de sangue.

Embora a luz estivesse sempre decrescendo, não percebia nenhuma diminuição na velocidade aparente do sol. Ele ainda se arremetia velozmente formando aquele atordoante véu.

O mundo, pelo menos o quanto dele eu conseguia enxergar, tinha adquirido um horrível tom sombrio, como se realmente fossem os últimos dias do mundos que se aproximavam.

O sol estava morrendo, disso não poderia restar nenhuma dúvida, mas a terra ainda girava, através do espaço e das eras. Naquele momento, eu me lembro, uma extraordinária sensação de pavor me atingiu. Achei-me então com meus pensamentos vagando em meio a um caos de fragmentárias teorias, modernas e antigas e também as bíblicas, sobre o fim do mundo.

Então, pela primeira vez, veio-me à mente a noção de que o sol, com seu sistema de planetas, estaria, e tinha sempre estado, viajando através do espaço a uma velocidade incrível.

Abruptamente, surgiu a questão: para onde? Por um tempo enorme eu pensei no assunto, mas finalmente, com a compreensão da futilidade de meu embarço, deixei meus pensamentos vagarem para outras coisas. Comecei a me perguntar, por exemplo, quanto tempo a casa duraria de pé. Também me perguntei se eu estaria destinado a permanecer na Terra, incorpóreo, através da era de escuridão que eu sabia aproximar-se. De tais pensamentos eu passei novamente a especular sobre a possível direção da viagem do sol pelo espaço... e então um outro grande intervalo de tempo passou.

Com a passagem gradual do tempo eu comecei a sentir a friagem de um forte inverno. Lembrei-me então que, se o sol estava morrendo, o frio deveria estar mesmo

extraordinariamente intenso. Lenta, lentamente, à medida em que as épocas fluíam rumo à eternidade, a Terra imergia em uma luminosidade cada vez mais pesada e vermelha. A chama fosca no firmamento assumia um tom cada vez mais escuro, sombrio e turvo.

Por fim, percebi que tinha havido uma mudança. A flamejante cortina de fogo que se estendera oscilante pelo céu, chegando até o céu meridional, começou a desvanecer e encolher, tal como as vibrações de uma corda de harpa, até que eu vi mais uma vez o sol atravessar o céu como uma correnteza de luz que se agitava, adoidadamente, para o Norte e para o Sul.

Aos poucos a semelhança com um lençol de fogo desapareceu e eu pude ver, claramente, a batida lenta da rota do sol. Porém, mesmo então, a velocidade de sua passagem era inconcebivelmente alta. E todo o tempo, o brilho do arco de fogo se tornava cada vez mais embotado. Abaixo dele, o mundo jazia na penumbra, uma região indistinta e espectral.

Acima, o rio de chamas oscilava mais lentamente, cada vez mais lentamente, até que, por fim, passou a mover-se norte-sul em ciclos amplos e lentos, que duravam alguns segundos. Um longo tempo passou, e então os movimentos do grande cinturão passaram a durar quase um minuto, até que, depois

de mais outro grande intervalo, deixei de distinguir um movimento visível, e o leito de fogo através do céu corria como um rio manso de chamas foscas cercado por um céu de aparência morta.

Um período de tempo indefinido se passou, e pareceu que o arco de fogo se tornou menos definido. Ele pareceu mais tênue, e eu pensei ver listras negras ocasionalmente. Naquele momento, diante de meus olhos, o movimento contínuo cessou e eu pude perceber escurecimentos momentâneos, mas a intervalos regulares.

Continavam aumentando até que, mais uma vez, a noite caía, como momentos periódicos de trevas sobre a terra exausta.

As noites foram ficando cada vez mais longas e os dias as igualavam em duração, de forma que, por fim, o dia e a noite adquiriram a duração de segundos, e o sol se mostrou mais uma vez, como uma bola vermelho-cobre quase invisível, envolta em uma espécie de neblina luminosa. Correspondendo às linhas escuras que se mostravam, às vezes, em sua luz, apareciam ocasionalmente, de forma bem distinta em sua própria face, grandes faixas escuras.

Anos e anos se tornaram passado, e os dias e noites se alargaram até a duração de minutos. O sol já não tinha mais nenhuma cauda aparente, nascendo e se pondo como um tremendo globo de coloração bronzeada, em parte circulado por faixas vermelho sangue, em outras partes cheio de manchas escuras, como já disse. Tais círculos, tanto os vermelhos quanto os negros, eram de largura variável. Por um momento eu não consegui compreender sua presença. Então me ocorreu que seria bem pouco provável que o sol esfriasse uniformemente em sua superfície, e que todas aquelas marcas seriam devidas, provavelmente, a diferenças de temperatura entre as várias regiões; o vermelho representando as partes ainda relativamente quentes e o negro, aquelas porções já comparativamente frias.

Ocorreu-me ser algo peculiar que o sol esfriasse em faixas tão regulares, até que me lembrei que elas seriam, provavelmente, trechos isolados que assumiam uma aparência de listras devido à grande velocidade de rotação do astro. O sol, por sua vez, estava muito maior do que o que eu conhecera nos velhos dias, e disso eu concluí que ele deveria estar consideravelmente mais próximo. {8}

Durante as noites, a Lua ainda aparecia,{9} mas pequena e remota, e a luz que refletia era tão fraca e fosca que ela parecia ser pouco mais que um fantasma da velha lua, a que eu conhecera.

Gradualmente os dias e noites se alongaram, até que igualaram a duração mais ou menos equivalente à de uma hora dos antigos dias; com o sol nascendo e se pondo como um grande disco de bronze avermelhado, rajado de faixas de negro profundo. Mais ou menos então eu me achei capaz de, novamente, ver os jardins com clareza. Pois o mundo tinha então se tornado muito lento, imóvel e imutável. Porém, não é certo que eu diga “jardins” — pois não havia mais jardins, ou qualquer coisa que eu entendesse ou reconhecesse. No lugar deles eu via apenas uma vasta planície, que se estendia pela distância. Um pouco à minha esquerda havia uma cadeia de colinas baixas. Por toda parte havia a cobertura uniforme da neve, que em alguns lugares formava outeiros e ravinas.

Foi somente então que eu percebi o quanto a nevasca tinha sido grande. Em alguns lugares a neve se aprofundava imensamente, como testemunhava uma grande monte ondulante à minha direita, embora não fosse impossível que esta aparência se devesse em parte à algum soerguimento da superfície do mundo.

Estranhamente, contudo, a cadeia de colinas à minha esquerda — já mencionada — não estava totalmente coberta pela neve universal. Em vez disso, apareciam em vários pontos as suas encostas descarnadas e

escuras. E por toda parte reinava sempre um inacreditável silêncio de morte e desolação. A quietude imóvel e horrível de um mundo moribundo.

Todo esse tempo os dias e noites tinham ficado perceptivelmente mais longos. Cada dia já ocupava, talvez, duas horas entre a aurora e o ocaso. À noite, eu me surpreendi com a descoberta de que havia pouquíssimas estrelas no céu, e estas eram pequenas, embora dotadas de um brilho extraordinário, que eu atribuí à escuridão absoluta, mas transparente e peculiar, daquelas noites.

Na direção do Norte eu discernia uma espécie de nebulosidade indefinida, não muito diferente, em aparência, de uma porção qualquer da Via Láctea. Poderia ser um aglomerado de estrelas extremamente remoto ou — o pensamento me sobreveio de repente — talvez o universo sideral que eu conhecera, então deixado para trás para sempre, uma nuvem apagada de estrelas, perdidas nas profundezas do espaço.

Os dias e noites ainda aumentavam de duração, sempre lentamente. O sol cada vez se erguia mais apagado do que se pusera. E as faixas escuras aumentavam de largura.

Nesse momento aconteceu algo novo. O sol, a terra e o céu subitamente ficaram obscurecidos e pareceram invisíveis por um breve instante. Eu tive a sensação (pois pouco podia enxergar) de que a terra estava passando por uma grande nevasca. Então, em um instante, o véu que ocultara a tudo se dissipou e eu olhei novamente para fora. Uma visão maravilhosa me encontrou. A depressão na qual esta casa e seus jardins se localizam estava cheio até à borda com a neve.{10} Ela chegava até o parapeito da minha janela. Por toda parte ela se estendia, uma grande extensão branca, que recebia e refletia melancolicamente os raios sombrios do moribundo sol acobreado. O mundo se tornara uma planície sem sombras, de horizonte a horizonte.{11}

Olhei então para o sol. Ele brilhava com uma clareza extraordinária, mas mortiça. Eu o via então como alguém que até então só o vira através de um meio parcialmente ofuscante. Ao redor dele o céu se tornara totalmente negro, de um negrume total, profundo, claro e assustador pela sua proximidade, pela sua extensão incomensurável, e por sua

completa hostilidade. Por um tempo muito longo eu olhei para ele, maravilhado, abalado e cheio de medo. Ele estava muito próximo. Se eu fosse uma criança, eu teria expressado minha sensação de angústia dizendo que o céu tinha perdido seu teto.

Depois, então, eu olhei em torno de mim, pelo cômodo. Por toda parte ele estava coberto de uma mortalha fina de branco onipresente. Eu só conseguia enxergar com muita dificuldade, tão sombria era a luz que iluminava o mundo. Aquela brancura parecia agarrar-se às paredes arruinadas e a poeira espessa e macia dos milênios, que recobriria o chão até a altura dos joelhos, não estava mais visível. A nevasca provavelmente soprara pelas janelas e gretas. Porém em lugar algum ela se acumulara, mas se depositara por todo o velho cômodo de uma forma suave e igual. De qualquer forma, não tinha ventado nos últimos milênios. Mas havia neve, como disse.{12}

E a Terra estava silenciosa. E havia um frio como nenhum homem jamais viveu para conhecer.

A Terra era então iluminada, de dia, por uma luz muito lúgubre, além de meu poder de descrição. Era como se eu enxergasse uma grande planície através de um mar tingido em tons de bronze.

Era evidente que o movimento de rotação da Terra estava cessando, regularmente.{13}

Então o fim veio, de uma vez. A noite tinha sido a mais longa de todas, e quando o sol moribundo nasceu, finalmente, à borda do mundo, eu tinha ficado tão cansado da escuridão que o saudei como a um amigo. Ele se ergueu firmemente até mais ou menos uns vinte graus acima do horizonte. Então ele parou subitamente e, depois de um breve e estranho movimento retrógrado, ficou parado, um grande escudo no céu.{14}

Apenas a borda circular aparecia brilhando. Apenas ela e uma estreita faixa de luz próxima ao equador.

Gradualmente até mesmo esta faixa estreita de luz se apagou, deixando do antigo e glorioso sol apenas um vasto disco morto, circulado por uma estreita fímbria de luz vermelho-bronze.

As “Notas do Editor” mencionadas abaixo foram, na verdade, escritas pelo próprio William Hope Hodgson, que apresenta este livro como a publicação de um manuscrito encontrado nas ruínas da Casa.

C A P I T U L O XVIII

A Estrela Verde

O mundo ficou prisioneiro de uma escuridão selvagem — fria e intolerável. Tudo lá fora estava quieto, quieto! Por trás de mim, no cômodo escuro, ecoava ocasionalmente a pancada surda^{15} da queda de matéria — fragmentos da pedra que apodrecia. Então o tempo passou, a noite se apoderou do mundo, embrulhando-o em lençóis de negrume impenetrável.

Não havia mais céu noturno como o conhecemos. Mesmo as poucas estrelas extraviadas tinham desaparecido, definitivamente. Eu poderia estar em um quarto fechado, sem luz alguma, por tudo que podia ver. Contra a impalpável paisagem das trevas apenas ardia em aquele vasto fio circular de fogo dolente. Além dele não havia nenhum raio de luz em toda a vastidão da noite que me cercava, a não ser, no distante Norte, aquela névoa luminescente que ainda brilhava.

Silenciosamente os anos se passaram. Quanto tempo se passou eu nunca saberei. Pareceu-me então, naquela espera, que eternidades vieram e passaram, discretamente, e eu ainda continuei observando. Eu só podia ver o brilho da superfície do

sol, às vezes, porque ele então começara a falhar, acendendo um pouco e depois desaparecendo.

Subitamente, durante um desses períodos de vida, uma chama súbita apareceu na noite — uma claridade rápida que iluminou brevemente a terra morta, permitindo-me um vislumbre de sua plana solidão. A luz pareceu vir do Sol — surgindo de algum lugar próximo ao seu centro, diagonalmente. Por um momento eu contemplei assustado. Então a chama saltitante afundou nas trevas e a escuridão caiu de novo sobre o mundo. Mas não era mais tão escuro, e o sol estava cingido de uma linha fina de luz branca e vívida. Eu a contemplei atentamente. Teria um vulcão aparecido no Sol?^{16} Porém, eu logo abandonei esse pensamento, tão rápido quanto se formara. Eu notei que a luz tinha sido branca demais, e forte demais, para ter tal causa.

Outra ideia me ocorreu: a de que um dos planetas interiores teria caído no Sol — tornando-se incandescente com o impacto. Esta teoria me pareceu bem mais plausível, e explicava mais satisfatoriamente o tamanho e o brilho extraordinários da explosão que havia iluminado o mundo morto de uma forma tão inesperada.

Cheio de interesse e de emoção, contemplei através da escuridão aquela linha estreita de fogo branco que cortava a

noite. Uma coisa ela me dizia, sem dúvida, que o sol ainda estava girando a uma velocidade enorme.{17} Então eu soube que os anos ainda estavam fugindo a uma velocidade incalculável; ainda que, no que diz respeito à Terra, a vida, a luz e o tempo fossem coisas pertencentes a um período perdido em eras há muito passadas.

Depois daquela explosão de chamas, a luz tinha se mostrado apenas como uma faixa de fogo brilhante. Porém, diante de meus olhos, ela foi lentamente empalidecendo em tons encarnados, depois para cores brônzeas tal como ocorrera ao sol. Então ela adquiriu uma tonalidade ainda mais escura, e depois de um tempo começou a flutuar, tendo períodos de brilho e então de apagamento. Assim, depois de um longo tempo, ela desapareceu.

Muito antes disso, porém, a circunferência do sol tinha se apagado em escuridão total. E então, naquele tempo sumamente futuro, o mundo, escuro e intensamente silencioso, seguia em sua tétrica órbita em torno da massa pesada do sol morto.

Meus pensamentos, durante aquele período, mal podem ser descritos. No começo eles tinham sido caóticos e sem coerência. Mas depois, com o passar das eras, minha alma

pareceu embeber-se da própria essência da solidão e do pavor opressivos que afetavam a terra.

Com esta impressão me veio uma maravilhosa clareza de pensamento e eu compreendi, para meu desespero, que o mundo poderia vagar para sempre através daquela noite imensa. Por um momento esta ideia doentia me preencheu, com uma sensação de desolação total, tanta que eu poderia ter chorado como uma criança. Com o tempo, porém, este pensamento se tornou menos forte e uma esperança sem motivo me possuiu.

Pacientemente eu esperava.

De tempos em tempos o ruído de pedaços caindo, por trás de mim, chegava discretamente aos meus ouvidos. Uma vez eu ouvi um barulho alto e me virei, instintivamente, para olhar, esquecendo-me por um momento da impenetrável luz em que cada detalhe estaria submerso. Pouco depois meu olhar buscou o céu, dirigindo-se, inconscientemente, para o norte. Sim, o brilho nebuloso ainda aparecia. De fato eu quase imaginava que ele parecia algo mais definido. Por um longo tempo eu mantive meu olhar fixo nele, sentindo em minha alma solitária que aquela bruma suave era, de algum modo, um laço com o passado. São curiosas as ninharias de que podemos extrair

conforto! Mesmo assim, se eu tivesse sabido... Mas disso vou falar no momento apropriado.

Por um longo tempo eu vigiei sem experimentar nada que fosse parecido a uma vontade de dormir, que me teria ocorrido nos velhos dias da terra. Como eu a teria recebido bem, mesmo que somente para passar o tempo, distraíndo-me dos meus pensamentos e perplexidades!

Diversas vezes o som incômodo de algum grande pedaço de cantaria caindo perturbou as minhas meditações, e uma vez me pareceu ter ouvido sussurros no cômodo atrás de mim. Porém teria sido inútil tentar ver qualquer coisa. Tal negrume como o que havia mal pode ser concebido. Era palpável e horrivelmente brutal aos sentidos, como se algo morto se apertasse contra mim — algo macio e frio como o gelo.

Diante de tudo isso, cresceu em mim um grande e irresistível incômodo com a tensão, que me deixou a ponto de recair em uma sonolência desagradável. Senti que devia lutar contra isso e então, esperando distrair meus pensamentos, eu me virei para a janela e olhei para o rumo norte, em busca da brancura nebulosa que eu ainda acreditava ser a distante e pálida luminescência do universo que havíamos abandonado. Logo ao erguer meus olhos eu fui surpreendido por uma sensação

maravilhosa, pois aquela luz tênue havia se consolidado em uma única e grande estrela, de brilho verde vivo.

Enquanto a encarava, atônito, passou-me pela mente que a terra deveria estar vagando na direção da estrela, não para longe dela, como imaginara. Depois, que não deveria ser o universo que terra deixara, mas possivelmente uma estrela exterior, pertencente a algum dos vastos aglomerados globulares escondidos nas profundezas enormes do espaço. Com uma sensação mesclada de espanto e curiosidade eu a observei, perguntando-me que novidade me seria revelada.

Por um momento pensamentos vagos e especulações me ocuparam, e enquanto isso o meu olhar residiu insaciavelmente naquele único ponto de luz isolado naquela escuridão de poço. A esperança crescia dentro de mim, expulsando a opressão do desespero que parecera sufocar-me. Para onde quer que a Terra estivesse viajando seria, afinal, mais uma vez em direção aos domínios da luz. Luz! É preciso passar uma eternidade envolto na noite silenciosa para entender o horror completo que é estar sem ela.

Lenta, mas decididamente, a estrela cresceu às minhas vistas até que, por fim, brilhava tanto quanto o planeta

Júpiter dos velhos dias da Terra. Com o aumento do tamanho a sua luz ficou ainda mais impressionante, lembrando-me uma imensa esmeralda, cintilando em raios de fogo pelo mundo.

Anos se passaram em silêncio e a estrela verde cresceu até se tornar uma mancha de fogo no céu. Um pouco depois eu vi uma coisa que me encheu de espanto. Foi a fantasmagórica silhueta de um vasto crescente, uma gigantesca lua nova que parecia crescer no meio das trevas onipresentes.

Completamente fascinado eu a encarei. Ela parecia estar muito perto, relativamente, e eu não entendia como a terra pudera chegar tão perto dela sem que eu a visse antes.

A luz emitida pela estrela ficou mais forte e então eu percebi que era possível novamente enxergar a paisagem da terra, embora indistintamente. Por um instante eu observei, tentando discernir algum detalhe na superfície do mundo, mas vi que a luz era insuficiente. Logo desisti da tentativa e olhei novamente na direção da estrela. Mesmo no curto espaço de tempo durante o qual a minha atenção fora desviada ela aumentara consideravelmente e parecia então, ao meu olhar confuso, ter quase um quarte do tamanho de uma lua cheia. A luz que ela emitia era extraordinariamente poderosa, mas a sua cor era tão abominavelmente estranha que o pouco que podia ver do

mundo parecia irreal, mais como se eu contemplasse uma paisagem de sombras do que qualquer outra coisa.

Todo esse tempo o grande crescente estava aumentando seu brilho, e começava já a luzir com um tom verde perceptível. Constantemente a estrela aumentou de tamanho e de brilho, até parecer tão grande quanto a metade de uma lua cheia, e à medida em que ela se tornava maior e mais brilhante, da mesma forma o vasto crescente emitia mais e mais luz, embora fosse de um tom verde ainda mais escuro. Com o fulgor combinado de suas radiações a paisagem que se estendia diante de mim parecia cada vez mais visível. Logo eu me vi capaz de observar todo o mundo, que então aparecia, àquela luz estranha, terrível em sua fria, horrível e plana melancolia.

Foi um pouco depois que a minha atenção foi atraída pelo fato de que a grande estrela de luz verde estava lentamente se movendo do norte para o leste. No começo eu mal pude crer que estava vendo direito, mas logo não houve mais dúvida de que era isso mesmo. Gradualmente ela se pôs, e à medida em que baixava, o vasto crescente de luminosidade verde começou a encolher e encolher até reduzir-se a um mero arco de luz contra o céu lividamente colorido. Depois ele desapareceu, dissolvendo-se no mesmo lugar onde eu o vira emergir lentamente.

Nesse momento a estrela tinha chegado a cerca de uns trinta graus do horizonte. Em tamanho ela poderia ter rivalizado com uma lua cheia, embora mesmo então eu ainda não pudesse discernir seu disco. Tal fato me levou a concluir que ela estava ainda a uma distância extraordinária, e sendo assim, eu soube que seu tamanho deveria ser enorme, além das concepções que o homem pode entender ou imaginar.

Subitamente, enquanto eu a olhava, a parte inferior da estrela desapareceu — cortada por uma linha reta e escura. Um minuto — ou um século — se passou e ela desceu mais, até que desapareceu de minha visão pela metade. Ao longe, na grande planície, eu vi uma sombra monstruosa que a ocultava, e avançava rapidamente. Somente um terço da estrela era então visível. Logo, num átimo, a solução deste fenômeno extraordinário se revelou. A estrela estava sendo ocultada pela enorme massa do sol morto. Ou melhor, o sol — obedecendo à sua atração — estava surgindo em sua direção, com a terra seguindo em seu encalço.^{18} Enquanto esses pensamentos ainda se passavam em minha mente a estrela desapareceu, completamente ocultada pelo volume tremendo do sol. Sobre a terra recaiu outra vez a noite melancólica.

Com a escuridão veio uma sensação intolerável de solidão e medo. Pela primeira vez eu pensei no Abismo e em seus hóspedes. Depois disso surgiu-me à mente outra Coisa ainda mais terrível, a que havia assombrado as

margens do Mar do Sono e que espreitava as sombras daquele velho edifício. Onde estavam? Eu me perguntei e estremei com pensamentos acabrunhados. Por um momento o medo me controlou e eu orei, selvagem e incoerentemente, para que algum raio de luz afastasse o frio negrume que envolvia o mundo.

O quanto eu esperei é impossível dizer — mas certamente foi muito tempo. Então, subitamente, eu notei uma réstia de luz brilhando diante de mim. Gradualmente ela ficou mais distinta. Então um raio de luz verde luziu através da escuridão. No mesmo instante eu vi uma fina linha de chamas vivas, à distância na noite. No que pareceu só um instante ela cresceu até se tornar uma grande mancha de fogo, sob a qual o mundo se estendia banhado em um brilho de luz verde-esmeralda. Ela cresceu constantemente até que toda a estrela verde apareceu novamente à vista. Mas então ela não poderia ser chamada mais de estrela, pois tinha adquirido proporções vastas, sendo incomparavelmente maior do que o sol tinha sido nos velhos tempos.

Enquanto olhava eu notei que podia ver a borda do sol sem vida, brilhando como uma grande lua crescente. Lentamente a sua superfície iluminada se expandiu para mim, até que a metade de seu diâmetro ficou visível, então a estrela começou a se pôr à minha direita. O tempo passou e a terra continuou a se mover, atravessando lentamente a face tremenda do sol morto.{19}

Gradualmente, enquanto a terra avançava, a estrela se inclinou mais para a direita, até finalmente brilhar por trás da casa, enviando uma inundação de raios interrompidos pelas paredes esqueléticas. Olhando para cima eu vi que muito do teto tinha caído, o que me permitiu ver que os andares superiores estavam ainda mais arruinados. O telhado, evidentemente, tinha desaparecido por inteiro e eu podia ver o resplendor verde da luz da estrela chegando até mim, obliquamente.

C A P I T U L O X I X

O Fim do Sistema Solar

Desde o arcobotante, {20} onde estiveram as janelas através das quais eu contemplara aquela primeira aurora fatal, eu podia ver que o sol estava incomensuravelmente maior do que era quando a Estrela iluminara o mundo pela primeira vez. Estava tão grande que o seu limite inferior parecia quase tocar o horizonte distante. Enquanto eu olhava eu imaginava até que ele se aproximava. A radiância verde que iluminava a terra congelada crescia constantemente em brilho.

Desta forma as coisas permaneceriam por um longo tempo. Então, de repente, eu vi que o sol estava mudando de forma, e ficando menor, tal como a lua o fazia nos tempos passados. Em um instante apenas um terço de sua parte iluminada estava voltada para a terra. A Estrela perfurava o céu à esquerda.

Gradualmente, à medida em que o mundo se movia, a Estrela brilhou sobre o frontão da casa, mais uma vez, enquanto o sol se mostrava apenas como um grande arco de fogo verde. No que pareceu apenas um instante o sol sumiu. A Estrela ainda estava completamente visível. Então a terra entrou na sombra

preta do sol, e tudo voltou a ser noite... Uma noite negra, sem estrelas e intolerável.

Tomado por pensamentos tumultuosos, observei através da noite... esperando. Anos, talvez, e então, na casa escura por detrás de mim, o silêncio coagulado do mundo se rompeu. Pareceu-me ouvir um pisar suave de muitos pés e o débil som de sussurros inarticulados cresceu em meus sentidos. Eu olhei em torno através da escuridão e vi uma multidão de olhos. Enquanto eu os olhava eles cresceram e pareceram aproximar-se de mim. Por um instante eu permaneci parado, incapaz de mover-me. Então um horrível ruído suíno{21} ergueu-se na noite e eu, com isso, saltei pela janela, para dentro do mundo congelado. Tenho a confusa lembrança de ter corrido um pouco e, depois disso, de ter apenas esperado... esperado. Várias vezes ouvi berros, mas sempre parecendo à distância. Exceto por tais sons eu não tinha ideia da direção onde se localizava a casa. O tempo avançava. E eu tinha consciência de pouca coisa, a não ser de uma sensação de frio, desespero e medo.

Uma eternidade depois, pelo que me pareceu, surgiu um ligeiro calor, que antecipou a luz que se aproximava. Então — como uma réstia de glória extraterrena — o primeiro raio da Estrela Verde feriu a borda do sol escuro e iluminou o mundo. Ele recaiu sobre uma grande estrutura arruinada, a uns duzentos

metros de distância. Era a casa. Contemplando-a, pude ver algo assustador: sobre suas paredes esgueirava-se uma legião de Coisas profanas, quase recobrando o velho edifício, das torres instáveis às fundações. Eu as pude ver claramente: eram as Coisas Suínas.

O mundo se movia na direção da luz da Estrela e eu eu percebia então que ela parecia abranger quase um quarto do firmamento. A glória de sua luz lívida era tão tremenda que ela parecia encher o céu de labaredas tremulantes. Então eu vi o sol. Ele estava tão próximo que metade de seu diâmetro ficava abaixo do horizonte, e à medida em que o mundo circundava sua face, ele parecia erguer-se contra o céu como uma estupenda cúpula de fogo esmeraldino. De tempo em tempo eu olhava para a casa, mas as Coisas Suínas pareciam alheias à minha proximidade.

Anos pareceram passar-se, lentamente. A terra tinha praticamente chegado ao centro do disco solar. A luz do Sol Verde — como ele já merecia ser chamado — brilhava através dos interstícios que cravejavam as paredes castigadas da velha casa, dando-lhe a aparência de estar envolta em chamas verdes. As Coisas Suínas ainda se esgueiravam pelas paredes.

Subitamente, ergueu-se de lá um troar de vozes suínas, e do centro da casa, já sem teto, subiu uma vasta coluna de chamas encarnadas. Eu vi as pequenas e tortas torres e vigias brilhar no fogo, embora ainda preservassem sua curvatura torta. Os raios do Sol verde atingiam a casa e se misturavam com essa luz lúgubre, dando lugar a uma fornalha fulgurante de fogo verde e vermelho.

Fascinado eu observei, até ser subjugado por uma sensação de perigo iminente que me chamou a atenção. Olhei para cima e logo pude perceber que o sol estava mais perto, tão perto, na verdade, que parecia pairar sobre todo o mundo. Então — não sei como — eu fui puxado para cima até alturas estranhas, flutuando como uma bolha através daquela fulguração horrível.

Abaixo de mim eu vi a terra, com a casa em chamas sendo tomada por uma montanha de chamas cada vez maior. Ao redor dela o chão parecia estar esquentando, e em certos pontos pesadas fumarolas amarelas subiam da terra. Parecia que o mundo estava sendo aceso por aquele mancha pestilenta de fogo. Eu mal podia ver as Coisas Suínas. Elas pareciam praticamente ilesas. Então o chão pareceu abrir-se, subitamente, e a casa, com toda a sua carga de criaturas imundas, desapareceu nas profundezas da terra, produzindo uma nuvem estranha cor de sangue que subiu até as alturas.

Lembrei-me então do infernal Abismo que havia debaixo da casa.

Pouco depois eu olhei à minha volta. O corpo enorme do sol se erguia acima de mim. A distância entre ele e a terra diminuía rapidamente. Subitamente a terra pareceu saltar para a frente. Em um instante ela atravessou o espaço até o sol. Eu não ouvi nenhum som, mas da face do sol foi expelida uma língua de chamas fascinantes. Ela pareceu saltar quase até o diante Sol Verde, brevemente cortando a luz esmeralda, uma verdadeira catarata de fogo ofuscante. Ela chegou ao seu limite e caiu de volta sobre o sol, deixando uma vasta mancha de fogo branco: a sepultura da terra.

O sol estava muito perto de mim, então. Porém eu notei que estava me distanciando dele até que, por fim, passava acima dele, no vazio. O Sol Verde estava tão grande que seu tamanho parecia preencher todo o céu à minha frente. Olhei para baixo e vi que o sol estava passando exatamente abaixo de mim.

Um ano pode ter se passado — ou um século — e eu permaneci sozinho, suspenso. O sol aparecia ao longe — uma massa negra circular contra o esplendor derretido do grande Orbe Verde. Próximo à borda eu vi o surgimento de um brilho lúgubre, marcando o lugar onde a Terra caíra. Com isso eu soube que o

sol, há muito tempo morto, ainda estava girando, embora muito lentamente.

À minha direita, na distância, eu parecia ver, às vezes, um fraco brilho de uma luz branquicenta. Por muito tempo eu estive inseguro se devia considerar isso uma impressão apenas. Então, por um momento, eu olhei com inquietação renovada, até ver que não era nada imaginário, mas algo real. Tornou-se mais brilhante e então deslizou detrás do verde um pálido globo do branco mais suave. Ele se aproximava, e eu vi que estava aparentemente cercado por um bando de nuvens que luziam calmamente. O tempo passou...

Olhei na direção do sol que diminuía. Ele aparecia apenas como uma mancha escura na face do Sol Verde. Enquanto o olhava, vi que se tornava cada vez menor, constantemente, como se corresse na direção do orbe superior a uma velocidade imensa. Atentamente eu o contemplei. O que aconteceria? Eu tinha consciência de extraordinárias emoções, ao compreender que ele atingiria o Sol Verde. Ele se tornou, então, menor do que uma ervilha e eu olhava, com toda a minha alma, para testemunhar o destino final de nosso Sistema — esse sistema que havia levado o mundo através de tantas e incontáveis eras, com sua multidão de alegrias e tristezas, e que então...

Subitamente algo cruzou minha visão, bloqueando a visão de qualquer vestígio do espetáculo a que eu assistia com todo o interesse de minha alma. O que houve com o sol morto eu não sei, mas não tenho razão — à luz do que vi depois — para duvidar que ele caiu no fogo estranho do Grande Sol, e ali pereceu.

Então, subitamente, uma pergunta extraordinária surgiu em minha mente, se não seria aquele estupendo globo de fogo verde o vasto Sol Central{22} — o grande sol em torno do qual o nosso universo e incontáveis outros revolvem. Senti-me confuso. Pensei no provável fim do sol morto, e uma outra sugestão me veio, tolamente: farão as estrelas do Sol Verde a sua sepultura? Esta ideia não me pareceu nada grotesca, mas como algo não somente possível como provável.

CAPÍTULO XX

Os Globos Celestes

Por um momento minha mente foi preenchida por muitos pensamentos, de forma que eu fui incapaz de fazer qualquer coisa a não ser contemplar às cegas o que havia diante de mim. Eu parecia submerso em um mar de dúvidas e espanto e lembranças tristes.

Foi só mais tarde que deixei a minha estupefação. Olhei em torno, ainda confuso. Então tive uma visão tão extraordinária que, por um instante, mal pude crer que não estava mais perdido nas visões tumultuadas de meus pensamentos. Do verde reinante havia surgido um rio ilimitado de globos que cintilavam suavemente — cada um deles envolto em um velo maravilhoso de nuvens puras. Eles se estendiam, tanto acima quanto abaixo de mim, até uma distância desconhecida, e não apenas ocultavam o brilho do Sol Verde como forneciam, em seu lugar, uma luminosidade terna que se difundia em torno de mim, tal como nunca vira, antes ou vi depois.

Logo em seguida notei que havia em torno de tais esferas uma espécie de transparência, quase como se elas fossem formadas

de cristais, dentro dos quais brilhava uma radiação sutil e contida. Elas se moviam através de mim continuamente, flutuando adiante a uma velocidade não muito grande, como se tivessem toda a eternidade diante de si. Por um longo tempo eu contemplei e não pude perceber um fim para elas. Às vezes eu parecia distinguir faces em meio à nebulosidade, mas estranhamente indistintas, como se fossem parcialmente reais e parcialmente formadas da névoa através da qual se mostravam.

Por um longo tempo eu esperei passivamente, com uma sensação de contentamento crescente. Eu não tinha mais aquela impressão de inexprimível solidão, em vez disso eu me sentia como se estivesse menos só do que estivera por vários kalpas{23} de anos. Esta sensação de contentamento aumentou tanto que eu teria ficado satisfeito de flutuar em companhia daqueles glóbulos celestiais para sempre.

Eras se passaram, e eu passei a ver as faces sombrias com frequência crescente, e também com mais definição. Se isso se devia a minha alma ter ficado mais em sintonia com seu ambiente, isso eu não posso dizer — mas provavelmente foi por isso. Mas, sendo assim ou não, naquele momento eu só tive a certeza do fato de que eu estava me tornando constantemente mais consciente de um novo mistério ao meu redor, que me

sugeria que, na verdade, eu havia penetrado as fronteiras de alguma região inimaginável, algum lugar ou forma sutil e intangível de existência.

A enorme torrente de esferas luminosas continuava passando por mim a uma frequência invariável, incontáveis milhões, e ainda continuava, sem mostrar sinais de estar por terminar, ou mesmo diminuir.

Então, quando estava sendo silenciosamente levado pelo éter inefável, senti uma atração súbita e irresistível na direção de um dos globos que passavam. Num instante eu me vi ao lado dele. Então eu deslizei para dentro, sem experimentar a menor resistência, ou qualquer discricção. Por um breve momento eu não pude ver nada, e esperei curiosamente.

De repente eu tomei consciência de um som que rompia a imobilidade inconcebível. Era como o murmúrio de um grande mar calmo, um mar que respirava em seu sono. Gradualmente a névoa que obscurecia a minha visão começou a se dissipar e eu finalmente repousei a minha vista sobre a silenciosa superfície do Mar do Sono.

Por um instante eu contemplei e mal pude crer que estava vendo corretamente. Olhei em torno. Lá estava o grande globo de fogo pálido, nadando, como o vira antes, a uma curta distância acima do horizonte embaçado. À minha esquerda, longe dentro do mar, eu descobri então uma linha débil, como uma cerração fina, que eu acreditei ser a margem, onde eu e meu Amor nos havíamos encontrado durante um daqueles maravilhosos períodos de vagar da alma que me haviam sido concedidos nos velhos dias da terra.

Uma outra memória, uma bem perturbadora, me veio também: da Coisa Disforme que havia assombrado as margens do Mar do Sono.^{24} O guardião daquele lugar silencioso e sem ecos. Estes e outros detalhes eu lembrei, e soube sem dúvida que estava olhando para o mesmo mar. Com a certeza, fui preenchido por uma sensação de total surpresa, alegria e tensa expectativa, imaginando que talvez estivesse por ver o meu Amor outra vez. Atentamente olhei em volta, mas não pude ver sinal dela. Por isso eu me senti momentaneamente sem esperanças. Ferventemente orei e procurei ansiosamente por ela... Como o mar estava inerte!

Abaixo, bem abaixo de mim, eu podia ver as inúmeras trilhas de fogo variável que haviam me chamado a atenção da outra vez. Vagamente eu me perguntei o que as causaria, e também

me lembrei que tinha pensado em perguntar delas à minha Querida, bem como muitos outros assuntos... e tinha sido forçado a deixá-la antes de lhe dizer a metade do que gostaria de ter-lhe dito.

Meus pensamentos me retornaram de um salto. Eu percebi que algo me havia tocado. Virei-me rapidamente. Ó Deus, Tu foste realmente misericordioso! Era Ela! Ela me olhou nos olhos, com um olhar desejoso, e olhei para ela com toda a minha alma. Eu gostaria de tê-la abraçado, mas a pureza gloriosa de sua face me manteve afastado. Então, de dentro da névoa ventosa, ela estendeu seus queridos braços. Seu sussurro chegou até mim, suave como o ruído de uma nuvem que passa. “Querido!” foi o que ela disse. Isto foi tudo, mas eu a ouvi, e por um momento eu a tive em meus braços — como havia rezado para ter — para sempre.

Ela logo falou de muitas coisas, e eu a ouvi. Eu teria voluntariamente feito isso através de todas as eras que ainda passariam. Às vezes eu sussurrava-lhe uma resposta, e as minhas palavras traziam-lhe à face do espírito outra vez um tom indescritivelmente delicado, o florescer do amor. Depois eu falei mais à vontade, e ela ouviu cada palavra e respondeu, deliciosamente, de forma que eu me sentia realmente no Paraíso.

Ela e eu, e nada mais a não ser o vácuo silencioso do espaço para nos ver, e somente as quietas águas do Mar do Sono para ouvir-nos.

Muito antes a multidão flutuante de esferas envoltas em nuvens tinha desaparecido no nada. Assim, nos contemplava apenas a face das profundezas sonolentas, e estávamos sós. A sós, Deus!, e eu bem gostaria de ter estado assim sozinho no além, e nunca me sentiria solitário! Eu a tinha, e mais do que isso, ela tinha-me. É, o meu eu envelhecido pelas eras. E com tal pensamento, e alguns outros, eu espero existir através dos poucos anos que ainda podem estar entre nós.{25}

CAPÍTULO XXI

O Sol Escuro

Quanto tempo as nossas almas permaneceram nos braços da alegria eu não saberia dizer, mas subitamente eu fui despertado de minha felicidade por uma diminuição da pálida e suave claridade que iluminava o Mar do Sono. Olhei para o imenso globo branco, com a premonição de que problemas se aproximavam. Um de seus lados estava curvando para dentro, como se uma sombra negra e convexa estivesse passando sobre ele. Minha memória retornou. Fora assim que a escuridão chegara, antes da última vez em que nos separáramos. Olhei para meu amor, buscando entender. Com uma repentina percepção da desgraça iminente, notei o quanto ela se tornara lânguida e irreal, mesmo em tão breve momento. Sua voz parecia chegar-me de longe. O toque de suas mãos não era mais do que a suave pressão de uma brisa de verão, e se tornava cada vez menos perceptível.

Quase a metade do imenso globo já estava encoberta. Um desespero se apoderou de mim. Ela estaria por deixar-me? Ela teria de partir, tal como tivera de partir antes? Perguntei-lhe, ansiosa, receosamente, e ela se deitou mais em meu abraço, dizendo naquela estranha e distante voz que era imperativo

que me deixasse, antes que o Sol da Escuridão — como ela o chamava — apagasse toda a luz. Diante de tal confirmação de meus temores, fui dominado pelo desespero e só consegui olhar, emudecido, através das calmas planícies do mar silencioso.

Quão rapidamente a escuridão se espalhou sobre a face do Globo Branco! Mesmo assim, na verdade, o tempo deve ter sido muito longo, além da compreensão humana.

Por fim, apenas um crescente de fogo pálido iluminava o Mar do Sono, então sombrio. Durante todo esse tempo ela me abraçara, mas com uma carícia tão suave que eu mal tinha consciência disso. Esperamos lá, juntos, ela e eu, sem nada dizer, tanta a tristeza. Na luz minguante a sua face parecia mesclar-se à penumbra da nebulosidade tardia que nos circundava.

Então, quando uma estreita linha curva de luz mortiça era tudo que ainda iluminava o mar, ela me soltou — empurrando-me para longe de si, ternamente. Sua voz soou em meus ouvidos: “Não posso permanecer mais, querido.” E terminou em um soluço.

Ela pareceu flutuar para longe de mim, e ficou invisível. Sua voz chegava até mim, de dentro das sombras, debilmente, parecendo vir de uma distância muito grande:

“Só um pouco mais...” E desapareceu, remotamente. Num piscar de olhos o Mar do Sono escureceu em uma noite. Longe, à minha esquerda, pareci ver, por um breve instante, um brilho pálido. Ele sumiu, e no mesmo instante dei-me conta de que não estava mais sobre o mar imóvel, mas outra vez suspenso no espaço infinito, com o Sol Verde — então eclipsado por uma esfera vasta e escura — aparecendo diante de mim.

Totalmente confuso, contemplei quase sem enxergar o anel de chamas verdes que saltava das bordas escuras. Mesmo no caos de meus pensamentos eu me maravilhava, estupefato, com as suas formas extraordinárias. Um tumulto de questões me assaltou. Pensei mais nela, que havia recentemente visto, do que na visão que tinha diante de mim. Meu luto e pensamentos sobre o futuro me preenchiam. Estaria condenado a viver separado dela para sempre? Mesmo nos antigos dias da Terra ela só fora minha por um tempo muito curto, e então me deixara, e eu temera que fosse para sempre. Desde então eu só a vira aquelas duas vezes, sobre o Mar do Sono.

Uma sensação de mágoa feroz me preencheu, trazendo questionamentos penosos. Por que eu não pudera partir com o meu Amor? Qual a razão de ficarmos separados? Por que eu tivera de esperar sozinho, enquanto ela dormitara através dos anos, no seio imóvel do Mar do Sono? O Mar do Sono! Meus pensamentos passaram, inconsequentemente, de seu caminho de amargura, a novas e desesperadas perguntas. Onde era ele? Onde estava? Eu parecia ter abandonado há pouco o meu Amor em sua superfície quieta, e ele sumira completamente. Não poderia, porém, estar longe! E o Globo Branco que eu vira oculto nas sombras do Sol da Escuridão! Meu olhar repousou sobre o Sol Verde — eclipsado. O que o eclipsara? Haveria uma vasta estrela morta orbitando-o? Seria o Sol Central — como eu me acostumara a chamá-lo — um sistema duplo? O pensamento me ocorrera, quase sem querer, mas por que não deveria ser assim?

Meus pensamentos retornaram ao Globo Branco. Estranho que ele fosse — eu me detive. Uma ideia me ocorrera subitamente. O Globo Branco e o Sol Verde! Seriam os dois o mesmo? Minha imaginação retrocedeu e eu me lembrei do globo luminoso pelo qual eu fora tão irresistivelmente atraído. Era curioso que eu lhe tivesse esquecido, mesmo momentaneamente. Onde estavam os outros? Pensei de novo no globo em que entrara.

Pensei um pouco e as coisas ficaram mais claras. Compreendi que, ao entrar naquele glóbulo impalpável, eu tinha penetrado

instantaneamente em alguma dimensão diferente e até então invisível. Nela o Sol Verde ainda estava visível, mas como uma estupenda esfera de luz branca pálida — quase como se o seu fantasma se mostrasse lá, não a sua parte material.

Meditei sobre o assunto por um longo tempo. Pensei em como, ao entrar na esfera, eu perdera imediatamente de vista todas as demais. Por um período ainda maior eu continuei a revolver os diferentes detalhes que ainda tinha em mente.

Meus pensamentos eventualmente se voltaram para outras coisas. Detive-me um pouco mais no presente e comecei a olhar em torno de mim, atentamente. Pela primeira vez notei que inumeráveis raios de um tom sutil de violeta cortavam em todas as direções aquela estranha semiescuridão. Eles radiavam da borda incendiária do Sol Verde. Pareciam aumentar a olhos vistos, de forma que logo pareciam incontáveis. A noite foi preenchida deles — que se espalhavam a partir do Sol Verde. Concluí que eu conseguia vê-los porque a glória do Sol estava bloqueada pelo eclipse. Eles se estendiam através do espaço até desaparecerem.

Gradualmente, enquanto eu observava, percebi que minúsculos pontos de luz intensamente brilhante cruzavam os raios. Muitos deles pareciam viajar desde o Sol Verde até a distância. Outros

provinham do vácuo, em direção ao Sol; mas cada um deles sempre se mantinha estritamente dentro do raio em que viajava. Sua velocidade era inconcebivelmente grande, e era somente quando se aproximavam do Sol Verde, ou quando o deixavam, é que eu podia vê-los como pontos de luz definidos. Afastados do sol, eles se tornavam finas linhas de fogo vívido dentro do violeta.

A descoberta de tais raios, e das faíscas que neles se moviam, interessou-me sobremaneira. Para onde iam, em tal incontável profusão? Pensei nos mundos do espaço... e tais faíscas! Mensageiros! Possivelmente, a ideia era fantástica, mas eu não tinha noção do quanto o era. Mensageiros! Mensageiros do Sol Central!

A ideia evoluiu por si, lentamente. Seria o Sol Verde o lar de alguma inteligência vastíssima? O pensamento era desafiador. Visões do Inominável surgiram, vagamente. Teria eu, de fato, chegado à habitação do Eterno? Por um momento eu repeli tal pensamento, emudecido. Era estupendo demais. Mesmo assim...

Imensos e vagos pensamentos tinham nascido dentro de mim. Senti-me súbita e terrivelmente nu. E uma terrível proximidade me abalou.

E o Paraíso...! Seria uma ilusão?

Meus pensamentos surgiam e partiam erraticamente. O Mar do Sono... e ela! Paraíso... Voltei de súbito ao presente. De algum lugar no vácuo, por detrás de mim, vinha um imenso corpo escuro, enorme e silencioso. Era uma estrela morta, que se atirava no cemitério das estrelas. Ela passou entre mim e os dois Sóis Centrais, ocultando-os de minha visão e mergulhando-me em uma noite impenetrável.

Uma eternidade depois eu vi outra vez os raios violáceos. Um tempo enorme depois — talvez eras — um brilho circular apareceu no céu, à frente, e eu vi a borda da estrela que se afastava, negramente contra ele. Assim eu soube que ela estava se aproximando dos dois Sóis Centrais. Então eu vi o anel brilhante do Sol Verde mostrar-se claramente contra a noite. A estrela tinha entrado na sombra do Sol Morto. Depois disso eu somente esperei. Os estranhos anos continuaram silenciosamente, e eu continuei vigiando atentamente.

Aquilo que eu tinha esperado aconteceu por fim — subitamente, horrivelmente. Um jorro vasto de ofuscante luz. Uma explosão de chamas brancas escorrendo pelo vácuo escuro. Por um

tempo indefinido ela ergueu-se — um gigantesco cogumelo de fogo.{26} Parou de crescer. Então, à medida em que o tempo passou, começou a cair de volta, lentamente. Eu vi, então, que se transformou em um enorme ponto luminoso próximo ao entro do disco do Sol Escuro. Poderosas chamas ainda se erguiam dele. Mas, apesar de seu tamanho, o tûmulo daquela estrela não tinha mais que o brilho de Júpiter sobre a face do oceano, comparado à inconcebível massa do Sol Morto.

Devo lembrar aqui, mais uma vez, que não há palavras para jamais mostrar à imaginação o enorme tamanho dos dois Sóis Centrais.

C A P I T U L O XXII

A Nebulosa Escura

Os anos se dissolveram no passado, séculos, eras. A luz da estrela incandescente decaiu para um vermelho furioso.

Foi somente depois que eu vi a nebulosa escura — a princípio apenas uma nuvem impalpável à minha direita, na distância. Ela cresceu regularmente até se tornar uma mancha de negrume na noite. Quanto tempo olhei, é impossível dizer, pois o tempo como o conhecemos já se tornara uma coisa do passado. Ela se aproximou, uma monstruosidade amorfa de escuridão tremenda. Pareceu escorrer através da noite, sonolentemente, uma verdadeira névoa do inferno. Lentamente ela chegou mais perto e se interpôs no vácuo entre mim e os Sóis Centrais. Foi como se uma cortina se fechasse diante de meus olhos. Um estranho tremor de medo me tomou, e também uma renovada sensação de espanto.

O crepúsculo verde que reinara durante tantos milhões de anos dera então lugar a impenetráveis trevas. Imóvel eu olhava em torno de mim. Um século se passou,^{27} e pareceu-me detectar ocasionais cintilações de vermelho suave passando por mim.

Observei mais atentamente e então pareceu-me ver, em meio ao negrume nebuloso, massas circulares de um vermelho turvo. Elas surgiam da escuridão difusa. Pouco depois elas ficaram mais definidas em minha visão. Eu as pude ver, então, com certa medida de precisão — esferas encarnadas similares em tamanho aos globos luminosos que eu tinha visto tanto tempo antes.

Elas passavam flutuando por mim, continuamente. Gradualmente um desconforto peculiar me assaltou. Percebi uma sensação crescente de repugnância e medo dirigida a tais globos, que parecia surgir de algum conhecimento intuitivo, e não de uma causa real ou racional.

Alguns dos globos que passavam eram mais brilhantes do que outros e foi de um destes que uma face mirou-me, subitamente. Uma face humana em seus traços, mas tão torturada de infelicidade que a encarei com perplexidade. Nunca imaginara existir uma tristeza tão grande quanto aquela. Eu tive consciência de uma sensação adicional de dor ao perceber que aqueles olhos, que brilhavam tão fortemente, eram cegos. Um pouco depois de a ter visto ela já passara, desaparecendo nas trevas circundantes. Depois disso eu vi

outras — todas possuídas daquela expressão de tristeza sem esperanças, todas cegas.

Um longo tempo passou e eu percebi que estava mais perto dos globos do que antes. Com isso fiquei mais inquieto, embora tivesse menos medo daqueles estranhos globos do que antes de ter visto seus tristes ocupantes, pois a compaixão tinha temperado a minha aversão.

Depois eu não tive mais dúvidas de que estava sendo atraído para mais perto das esferas vermelhas e logo flutuava entre elas. Então percebi que uma se aproximava. Eu não tinha meios de sair de seu caminho. No que me pareceu um minuto ela estava diante de mim e eu afundei numa neblina profundamente vermelha. Ela clareou e eu contemplei, então, confuso, a imensidade da Planície do Silêncio. Ela aparecia como exatamente eu a vira da primeira vez. Eu me movia rapidamente acima de sua superfície. Mais à frente brilhava o vasto anel sanguíneo{28} que iluminava o lugar. Por toda a extensão ao redor estendia-se a extraordinária desolação da imobilidade, que tanto me impressionara durante minha viagem anterior por por aquelas asperezas.

Então eu vi erguerem-se contra as trevas avermelhadas os picos distantes do imenso anfiteatro de montanhas onde,

incontáveis eras antes, me haviam sido mostrados os primeiros sinais dos terrores que há sob certas coisas, e onde, vasta e silenciosa, vigiada por mil deuses mudos, está a réplica desta casa de mistérios — esta casa que eu vira engolida naquele fogo infernal, quando a terra beijara o sol e desaparecera para sempre.

Embora eu pudesse ver os cimos do anfiteatro de montanhas, ainda tardou um longo tempo, porém, antes que as suas partes inferiores ficassem visíveis. Talvez isso fosse por causa da estranha névoa vermelha que parecia agarrada ao chão da Planície. De qualquer maneira, seja como for, eu as vi enfim.

Após outro breve intervalo de tempo eu chegara tão perto das montanhas que elas pareciam tocar-se acima de mim. Então eu vi a grande ravina aberta diante de mim e flutuei através dela, sem querer.

Depois eu saí na amplidão da enorme arena. Lá, a uma distância que parecia não mais que oito quilômetros, erguia-se a casa; enorme, monstruosa e silenciosa — construída no exato centro daquele estupendo anfiteatro. Ela não tinha mudado nada, pelo que pude ver, em vez disso parecia que tinha sido no dia anterior que eu a vira. Ao redor as montanhas escuras e tristes me encaravam do alto de seus sublimes silêncios.

Ao longe, à direita, muito acima entre os picos inacessíveis, assomava o corpo enorme do grande Deus-Fera. Mais acima eu via a forma horrível da pavorosa deusa, que se erguia através da vermelhidão, milhares de metros acima de mim. À esquerda eu via a monstruosa Coisa Sem Olhos, cinzenta e inescrutável. Mais além, reclinadas sobre seu leito elevado, aparecia a lívida Forma Vampiresca — um borrão de cor sinistra entre as montanhas.

Lentamente eu atravessei a grande arena, flutuando. Ao fazê-lo eu notei as formas difusas de muitos outros Horrores ocultos que populavam aquelas alturas supremas.

Gradualmente aproximei-me da Casa e os meus pensamentos correram de volta através do abismo dos anos. Lembrei do temível Espectro do Lugar. Um breve espaço depois eu vi que estava sendo conduzido diretamente para a enorme massa do edifício silencioso.

Nesse momento eu notei, de uma maneira quase indiferente, uma sensação de crescente inércia, que me impedia de sentir o medo que eu deveria sentir ao me aproximar daquele Prédio assustador. Mas em vez disso eu via calmamente — quase

como alguém que assiste uma calamidade através da fumaça de seu cachimbo.

Logo me aproximara tanto da Casa que podia discernir muitos de seus detalhes. Quanto mais olhava, mais eu confirmava a minha impressão anterior de sua total semelhança com esta estanha casa. Exceto pelo tamanho enorme, eu não via nada que não fosse idêntico.

Subitamente fui tomado, enquanto observava, por uma sensação de grande espanto. Eu tinha chegado à parte oposta, onde a porta que dá para o meu escritório estaria situada. Lá estava, caída sobre o umbral, uma grande peça de pedra da cornija, idêntica a não ser pelo tamanho e pela cor, ao pedaço que eu derrubara em minha luta contra as criaturas do Abismo.

Flutuei para mais perto e meu espanto aumentou, pois notei que a porta estava parcialmente arrebetada nas dobradiças, precisamente da maneira que a porta do meu escritório fora forçada pelo assalto das Coisas Suínas. Tal visão iniciou uma cadeia de pensamentos e comecei a pensar, vagamente, que o ataque a esta casa

poderia ter tido um significado muito mais profundo do que até então eu imaginara. Lembrei como, muito antes, nos velhos dias da Terra, eu tinha meio que suspeitado que, de uma forma inexplicável, esta casa em que eu vivo estaria em conexão — para usar um termo conhecido — com esta outra tremenda estrutura, na distante névoa da incomensurável Planície.

Naquele momento, porém, começou a ser-me revelado que eu tinha apenas vagamente concebido o que significava realmente o que eu suspeitara. Comecei a entender com uma clareza sobre-humana, que o ataque que repelira estava, de uma maneira extraordinária, conectado ao ataque àquele estanho edifício.

Com uma curiosa falta de sequência os meus pensamentos abruptamente abandonaram o assunto e se dirigiram ao material peculiar de que a Casa era construída. Ela possuía — como já mencionei antes — uma cor verde escura. Mas agora que eu estava tão perto dela eu percebia que essa cor flutuava às vezes, embora levemente, brilhando e se apagando, mais ou menos como pó de fósforo quando esfregado contra as mãos no escuro.

Então a minha atenção foi distraída disso ao chegar à grande entrada. Ali, pela primeira vez eu tive medo, pois de uma vez as

grandes portas se abriram e eu flutuei por entre elas, sem querer. Dentro estava tudo muito escuro, impalpável. Em um instante eu cruzara o umbral e as grandes portas se fecharam silenciosamente, fechando-me dentro daquele lugar sem luz.

Por um momento eu pareci flutuar imóvel, suspenso na escuridão. Então eu percebi que estava me movendo outra vez, embora não pudesse dizer para onde. Subitamente, muito abaixo de mim, pareceu-me ouvir o murmúrio ruidoso de muitas risadas Suínas. Elas desapareceram lentamente, e o silêncio subsquente parecia pegajoso de horror.

Então uma porta se abriu à frente, em algum lugar, e uma névoa de luz branca filtrou-se através dela e eu flutuei lentamente para dentro de um cômodo que me parecia estranhamente familiar. Subitamente ouvi o ruído desconcertado de um grito alto, que me ensurdeceu. Eu vi uma quantidade de coisas borradas, oscilando como labaredas diante de meus olhos. Meus sentidos estiveram confusos pelo que pareceu um momento eterno. Então minha capacidade de enxergar retornou. A sensação de perplexidade e tontura tinha passado, e eu podia ver claramente.

CAPÍTULO XXIII

Pimenta

Eu estava sentado novamente em minha cadeira, de volta a este velho escritório. Meu olhar percorreu o cômodo. Por um minuto ele me pareceu ter uma aparência oscilante — irreal e imaterial. Esta impressão logo passou e eu vi que ele não mudara em nada. Olhei para a janela e a veneziana estava erguida.

Pus-me de pé, ainda tremendo. Ao fazê-lo, um ruído baixo na direção da porta atraiu a minha atenção. Olhei em sua direção. Por um breve momento me pareceu que ela estava sendo fechada cuidadosamente. Fixei o olhar e percebi que deveria estar enganado — ela parecia bem fechada.

Em uma sucessão de esforços eu me arrastei até a janela e olhei para fora. O sol estava nascendo ainda, iluminando a macega selvagem dos jardins. Por talvez um minuto eu permaneci ali de pé a olhar. E passava a mão, confusamente, pela minha testa.

Então, no caos de meus sentidos, um pensamento súbito me ocorreu. Virei-me rapidamente e chamei por Pimenta. Não houve resposta, e eu tropecei através do cômodo, em um acesso frenético de medo. Ao fazê-lo, tentei pronunciar o seu nome, mas os meus lábios estavam mudos. Cheguei até a mesa e me inclinei na direção dele, com o coração apertado. Ele estava deitado abaixo da mesa, e eu não poderia ter-lhe visto da janela distintamente. Então, ao me inclinar, retive minha respiração brevemente. Não havia Pimenta, em vez disso eu estava inclinado sobre uma pilha alongada de poeira cinzenta...

Devo ter permanecido naquela posição reclinada por alguns minutos. Eu estava confuso, paralisado. Pimenta tinha mesmo passado à terra das sombras.

CAPÍTULO XXIV

Passos no Jardim

Pimenta está morto! Mesmo agora, às vezes, eu mal consigo acreditar que está. Já se foram muitas semanas desde que eu voltei daquela estranha e terrível jornada através do espaço e do tempo. Há vezes, em meu sono, em que eu sonho sobre isso, e novamente atravesso todo aquele acontecimento temível. Quando acordo, os meus pensamentos continuam nisso. O Sol — aqueles Sóis, seriam eles realmente os grandes Sóis Centrais em torno dos quais o universo todo e os céus desconhecidos revolvem? Quem poderá dizer? E os glóbulos brilhantes flutuando eternamente na luz do Sol Verde! E o Mar do Sono, sobre o qual eles flutuam! Quão inacreditável é tudo isso. Se não fosse pelo Pimenta eu deveria inclinar-me, mesmo depois de todas as coisas extraordinárias que presenciei, a imaginar que tudo não passou de um gigantesco sonho. E depois, a assustadora nebulosa escura (com as suas multidões de esferas vermelhas) movendo-se sempre à sombra do Sol Escuro, percorrendo a sua estupenda órbita, eternamente envolva em trevas. E as faces que olhavam para mim! Deus, será que elas existem mesmo?... E ainda tem aquela pequena pilha de poeira cinzenta no chão de meu escritório. Não vou tocá-la.

Às vezes, quando estou mais calmo, tenho pensado no que aconteceu aos planetas exteriores do Sistema Solar. Ocorreu-me que eles devem ter se desprendido da atração do sol e se perdido no espaço. Isto é, porém, apenas uma hipótese. Há muitas coisas sobre as quais só posso cogitar.

Agora ao escrever, devo registrar que tenho a certeza de que algo horrível está por acontecer. Ontem à noite aconteceu uma coisa que me encheu de um terror ainda maior do que o pavor do Abismo. Vou escrever sobre isso agora e, se mais alguma coisa ocorrer, tentarei tomar nota disso no mesmo instante. Tenho uma sensação de que aconteceram mais coisas nesse último encontro do que em todos os outros. Estou trêmulo e nervoso, mesmo agora ao escrever. De alguma forma a morte me parece não estar muito longe. Não que eu tema a morte — a morte como a entendemos. Mesmo assim está no ar algo que me dá medo — um horror frio e intangível. Eu o senti ontem à noite. Foi assim.

Ontem à noite eu estava sentado aqui no meu escritório, escrevendo. A porta que dá para o jardim estava entreaberta. Às vezes um ruído metálico soava debilmente. Ele vinha da corrente do cão que eu comprei depois que o Pimenta morreu. Eu não o deixo entrar na casa — não depois de Pimenta.

Mesmo assim eu me sinto melhor em ter um cão por perto. São criaturas maravilhosas.

Eu estava muito concentrado em meu trabalho e o tempo passava depressa. Subitamente ouvi um ruído leve do lado de fora, na passagem do jardim... pat, pat, pat, era um som furtivo e singular. Ergui a cabeça em um movimento súbito e olhei pela porta aberta. Outra vez ouvi o ruído... pat, pat, pat. Parecia estar se aproximando. Com uma discreta sensação de nervosismo eu olhava para o jardim, mas a noite ocultava tudo.

Então o cão deu um longo ganido e eu me assutei. Por um minuto ou mais eu observei atentamente, mas não podia ouvir nada. Pouco depois eu peguei a pena, que havia deixado, e recomecei o meu trabalho. A sensação de nervosismo tinha passado, porque eu imaginei que o som ouvido não fora mais que o andar do cão em torno de seu canil, até o fim do comprimento de sua corrente.

Passou-se mais ou menos um quarto de hora, então, subitamente, o cão ganiu outra vez, e com uma nota de tristeza insistente, de tal forma que eu saltei de pé, deixando cair a pena e borrando a página que estava escrevendo.

“Maldito cão!” — eu murmurei, vendo o que tinha acontecido. Então, ao mesmo tempo em que dizia tais palavras, soou novamente aquele estranho pat, pat, pat. Estava horrivelmente perto — quase junto à porta, pelo que notei. Soube, então, que não poderia ter sido o cão, pois a corrente não lhe teria permitido vir tão perto.

O ganido do cão soou outra vez e eu notei, subconscientemente, a nódoa do medo que ele continha.

Fora da janela, no parapeito, eu podia ver Tip, o gato de estimação da minha irmã. Logo que o vi, ele saltou de pé, eriçando a cauda visivelmente. Por um instante ele permaneceu assim, parecendo olhar fixamente para algo na direção da porta. Então, rapidamente, ele começou a recuar através do parapeito até que, tendo chegado à parede, não pode recuar mais. Lá ele ficou, rígido, como se um terror extraordinário o tivesse congelado.

Assustado e curioso, peguei um bastão no canto do cômodo e fui até a porta em silêncio, levando uma das velas comigo. Eu tinha chegado a poucos passos quando, de repente, uma peculiar sensação de medo me afetou — um medo palpitante e real, sem que eu soubesse de que ou de onde. Tão grande era o meu terror que eu não perdi tempo, mas recuei pelo mesmo

caminho, andando de costas e mantendo meu olhar cheio de medo fixo à porta. Gostaria muito de ter ido até lá fechá-la e cerrar a tranca, pois a mandei consertar e reforçar de tal maneira que ela ficou mais forte do que antes. Tal como o Tip, no entanto, eu continuei meu recuo inconsciente até que a parede me parasse. Quando isso ocorreu, comecei a olhar em volta apreensivamente.

Nisso meus olhos pararam, momentaneamente, sobre a prateleira de armas de fogo e eu dei um passo na direção dela, mas parei, com a estranha reflexão de que elas seriam desnecessárias. Lá fora, no jardim, o cão gania estranhamente.

Subitamente ouvi o guincho feroz e prolongado do gato. Com um sobressalto, olhei em sua direção. Algo luminoso e fantasmagórico o envolvia, e crescia em minha visão. Aquilo tomou a forma de uma mão brilhante e transparente, com uma chama esverdeada e bruxuleante luzindo em torno de si. O gato deu um último e horrível ronronado e eu o vi queimar e soltar fumaça. Minha respiração saiu com um esgasgo e eu me apoiei contra a parede. Aquela parte da janela ficou coberta por uma mancha verde e fantástica, que escondia a coisa de mim, embora o brilho do fogo a atravessasse fracamente. Um fedor de queimado penetrou o cômodo.

Pat, pat, pat — alguma coisa passou pelo trilho no jardim e um odor leve de mofo pareceu entrar pela porta aberta e mesclar-se ao cheiro de queimado.

O cão tinha estado silencioso por alguns momentos. Então o ouvi uivar agudamente, como se sentisse dor. Então ele ficou quieto, exceto por um gemido ocasional de medo contido.

Um minuto se passou e então o partão do lado oeste do jardim bateu à distância. Depois disso, nada mais, nem mesmo o lamento do cão.

Eu devo ter estado parado por alguns minutos. Então um fragmento de coragem invadiu meu coração e eu corri receosamente até a porta, encostei-a e passei o ferrolho. Depois disso, por uma hora inteira, fiquei sentado, inerte, olhando rigidamente para o nada.

Lentamente a vida me voltou e eu tomei meu caminho, cambaleando, em direção à cama, no andar de cima.

Isto foi tudo.

CAPÍTULO XXV

A Coisa da Arena

Hoje cedo eu fui ao jardim, mas achei tudo normal. Próximo à porta eu examinei o trilho, buscando pegadas, mas, outra vez, não havia nada que me sugerisse se eu tinha ou não sonhado aquilo tudo ontem à noite.

Foi só quando fui ter com o cão que eu descobri provas tangíveis de que algo havia de fato acontecido. Quando cheguei ao canil, ele ficou escondido, encolhido em um canto, e eu tive que lhe chamar carinhosamente para fazê-lo vir até mim. Quando ele, enfim, consentiu em sair, foi de uma forma estranhamente acovardada e medrosa. Quando lhe acarinhei, minha atenção foi atraída por uma mancha esverdeada no seu flanco esquerdo. Examinando-a, vi que o pelo e a pele haviam sido aparentemente queimados ali, e a carne aparecia, viva e chamuscada. O formato da marca era curioso, lembrando-me a impressão de uma grande garra ou mão.

Eu me ergui pensativo. Meu olhar se dirigiu à janela do escritório. Os raios do sol nascente luziam sobre a mancha esfumada no canto inferior, fazendo-a oscilar entre verde e

vermelho, curiosamente. Ah! Aquela era sem dúvida outra prova, e logo a Coisa horrível que vi ontem à noite me veio à memória. Olhei para o cão, outra vez. Eu sabia qual a causa daquela ferida de aparência tão odiosa em seu lado. Sabia, também, que a minha visão noturna tinha sido de algo real. E um grande desconforto me preencheu. Pimenta! Tip! E também aquele pobre animal! Olhei para o cão outra vez e notei que ele estava lambendo sua ferida.

“Pobre criatura!” — eu murmurei — e me curvei para acariciar sua cabeça. Com isso ele se pôs de pé, esfregando o focinho em minha mão e me lambendo avidamente.

Então eu o deixei, pois tinha outros assuntos para tratar.

Depois do jantar fui vê-lo outra vez. Ele parecia quieto e indisposto para sair do canil. Pela minha irmã soube que tinha se recusado a comer o dia todo. Ela parecia um tanto confusa ao me dizer isso, embora não fizesse idéia de nada que lhe desse motivo para ter receio.

O dia passou, quase sossegado. Depois do chá eu saí outra vez para dar uma olhada no cão. Ele parecia triste e algo inquieto, mas insistia em ficar no canil. Antes de trancar as portas para a

noite eu mudei o canil de lugar, para longe da parede, de forma que eu pudesse vê-lo da janela durante a noite. Pensei até em trazê-lo para dentro de casa para passar a noite, mas o respeito me fez deixá-lo fora. Não posso dizer, aliás, que esta casa seja menos temível do que o jardim. Pimenta estava dentro de casa, e mesmo assim...

Agora são duas da manhã. Desde as oito eu vigiei o canil a partir da pequena janela lateral do escritório. Mas nada aconteceu e agora estou cansado demais para vigiar mais. Vou me deitar...

Durante a noite eu estive insone. Isto é raro em mim, mas consegui dormir um pouco quando já amanhecia.

Acordei cedo e visitei o cão depois do desjejum. Ele estava calmo, mas mal-humorado, e se recusou a sair. Gostaria que houvesse algum veterinário nas redondezas, eu lhe teria pedido para examinar a pobre criatura. Durante o dia inteiro ele não comeu nada mas demonstrou uma evidente necessidade de água — lambendo-a com avidez. Fiquei aliviado ao perceber isso.

A noite chegou e eu estou agora em meu escritório. Eu quero seguir o meu plano de ontem à noite e observar o canil. A porta que dá para o jardim está trancada e bloqueada. Estou decididamente feliz por haver grades nas janelas...

Noite: Meia noite já se foi. O cão estava silencioso até agora. Através da janela lateral, à minha esquerda, eu posso ver vagamente os contornos do canil. Pela primeira vez o cão se mexeu, ouvi o retinir de sua corrente. Olhei para fora rapidamente. Ao olhar, o cão se mexeu de novo, inquieto, e eu vi uma pequena mancha de luz difusa brilhar no interior do canil. Ela se apagou, então o cão se agitou de novo, e outra vez o brilho apareceu. Fiquei surpreso. O cão aquietou-se e eu ainda podia ver a coisa luminosa claramente. Ela aparecia bem definida. Havia algo familiar em seu formato. Por um momento eu duvidei, mas então eu percebi que ela não era diferente de uma mão com quatro dedos e um polegar. Como uma mão! E eu me lembrei do contorno daquela ferida apavorante no corpo do cão. Deve ser o que estou vendo. Ela é luminosa durante a noite — Por que? Os minutos se passaram e a minha mente se encheu dessa descoberta nova...

Subitamente ouço um som nos jardins. Como isso me dá medo! Aproxima-se. Pat, pat, pat. Uma sensação penetrante percorre a minha espinha, e parecesse subir até os meus cabelos. O cão

se move no canil, e geme, medroso. Ele deve ter virado de lado, pois não posso mais ver o contorno de sua ferida luminosa.

Lá fora o jardim está silencioso outra vez, e eu ouço com medo. Um minuto se passa e depois outro, então ouço de novo o som de pisoteio. Ele está bem próximo, e parece vir descendo pelo trilho de cascalho. O ruído é curiosamente medido e deliberado. Ele para junto à porta e eu me ponho de pé e fico imóvel. Da porta me vem um som muito leve — a aldrava é lentamente erguida. Um ruído musical fica em meus ouvidos e sinto uma pressão em torno da cabeça...

A aldrava cai, com um estalo forte, sobre seu suporte. O barulho me assusta de novo, provocando horrivelmente os meus nervos tensos. Depois disso eu fico por um bom tempo em meio a uma quietude crescente. De repente os meus joelhos começam a tremer e logo tenho que me sentar.

Um período indefinido de tempo passa e gradualmente eu começo a perder o sentimento de terror que me possui. Mas ainda fico sentado. Pareço ter perdido a capacidade de me mover. Estou estranhamente cansado, e tentado a cochilar. Meus olhos se fecham e abrem e então eu me vejo adormecendo e acordando uma vez e outra.

Só um bom tempo depois que eu percebo que uma das velas está chegando ao fim. Quando acordo de novo ela já se apagou, deixando o cômodo na penumbra, à luz da única chama restante. A escuridão parcial me perturba pouco. Eu perdi aquela horrível sensação de terror e meu único desejo parece ser o de dormir, dormir...

Então, mesmo sem ouvir ruído algum, fico acordado, bem acordado. Tenho a aguda noção da proximidade de um mistério, de uma Presença poderosa. Até o ar está impregnado de terror. Permaneço sentado, encolhido, e apenas ouço, atentamente. Mas não se ouve ainda nenhum som. A própria natureza parece morta. Então a imobilidade opressiva é quebrada pelo uivo sobrenatural do vento, que sopra em torno da casa e desaparece na distância.

Deixo meu olhar percorrer o cômodo mal iluminado. Próximo ao grande relógio no canto oposto está uma sombra alta e escura. Por um curto instante eu a encaro assustado. Então vejo que não é nada e fico momentaneamente aliviado.

Nos minutos a seguir, a idéia me passa através do cérebro: por que não deixar esta casa, esta casa de mistério e de terror?

Então, como em resposta, percorre-me a mente a visão do maravilhoso Mar do Sono ... o Mar do Sono onde ela e eu pudemos nos encontrar depois de anos de separação. Percebo então que preciso ficar aqui, seja o que for que me aconteça.

Através da janela lateral eu noto o sombrio negrume da noite. Minha visão percorre os arredores do cômodo, parando um pouco na sombra de cada objeto. Subitamente eu me viro e olho pela janela à minha direita, e ao fazê-lo respiro rápido e me inclino para a frente, com um olhar cheio de medo por algo que está fora da janela, mas muito perto da grade. Eu vejo uma vasta e vaga face suína, acima da qual flutua uma chama coruscante de cor esverdeada. É a Coisa da arena. A boca trêmula parece gotejar continuamente uma baba fosforescente. Os olhos estão mirando diretamente para dentro, com uma expressão inescrutável. Assim eu fico, rígido, congelado.

A Coisa começou a mover-se. Ela se volta lentamente em minha direção. Sua face gira para encontrar-me. Ela me vê. Dois olhos imensos, inumanos, eles me olham através da penumbra. Estou frio de medo, mas mesmo assim permaneço consciente e noto, de uma forma quase casual, que as estrelas à distância são eclipsadas pela massa daquele rosto gigantesco.

Um novo horror sobrevem. Levanto-me da cadeira, sem a menor vontade. Estou de pé, e algo me impele em direção à porta que dá para o jardim. Quero parar, mas não posso. Um poder inarredável se opõe à minha vontade, e sigo em frente, devagar, sem querer, tentando resistir. Meu olhar percorre o quarto, importante, e para na janela. A grande face suína desapareceu e eu posso ouvir, de novo, aquele pisoteio furtivo, pat, pat, pat. Ele para do lado de fora da porta, da porta que estou sendo compelido a...

Um curto silêncio se sucede, um silêncio intenso, e então há um som. Som da aldrava sendo erguida devagarinho. Com isso eu sou tomado de desespero. Eu não quero dar mais nenhum passo. Faço um esforço imenso para voltar, mas é como se tentasse atravessar uma parede invisível. Começo a grunhir alto, na agonia de meu medo, e o som da minha voz é assustador. Outra vez ouço o barulho, e tremo, pastosamente. Eu tento, sim, brigo e luto, para tentar voltar atrás, mas é inútil...

Estou junto à porta e vejo a minha mão, de uma maneira quase mecânica, mover-se para destrancar a trava de cima. Ela o faz inteiramente sem qualquer intenção minha. Tão logo toco a trava, a porta é violentamente sacudida e eu recebo um sopro doentio de ar mofado, que parece penetrar pelos interstícios das pranchas de madeira, vindo da soleira. Giro a tranca para

trás, devagar, lutando estupidamente enquanto isso. Ela sai de seu encaixe com um estalido e eu começo a tremer de angústia. Há mais duas, uma ao pé da porta e outra, uma bem grande, localizada no meio.

Por talvez um minuto eu fico de pé, com os meus braços pendendo moles ao longo do corpo. A influência que me ordenava mexer nas trancas da porta parece ter desaparecido. Então eu ouço o súbito ranger de ferro aos meus pés. Olho para baixo e noto, com um horror inexprimível, que o meu pé está empurrando a tranca inferior. Uma sensação de total impotência me assalta... A tranca sai de seu encaixe com um rangido baixo e eu me firmo em meus pés, agarrando-me à grande tranca central para não cair. Um minuto se passa, depois outro... Meu Deus, ajude-me! Estou sendo forçado a remover a última das trancas. Não vou! Melhor morrer que abrir ao Terror que está do outro lado da porta. Não haverá escapatória? Deus me ajude, eu já puxei a tranca pela metade para fora do encaixe! Meus lábios emitem um grito rouco de terror, a tranca já percorreu três quartos do encaixe e a minha mão inconsciente ainda trabalha pela minha danação. Restando apenas uma fração de aço entre a minha alma e Aquilo. Duas vezes eu grito na suprema agonia de meu medo e então, com um esforço louco, arranco minhas mãos da tranca. Meus olhos parecem não ver. Uma grande escuridão me

envolve. A natureza veio ao meu socorro. Sinto meus joelhos falhando. Há um ruído alto de alguma coisa

caindo, caindo, sou eu...

Devo ter ficado desmaiado lá por pelo menos um par de horas. Quando me recupero, percebo que a outra vela já se queimou também, e que o cômodo está em quase total escuridão. Não posso pôr-me de pé, porque estou enregelado e tomado por terríveis câimbras. Mas o meu cérebro está limpo, não há mais nele o peso daquela influência maligna.

Cautelosamente eu me ponho de joelhos e procuro a tranca central. Logo a encontro e a ponho de volta em segurança, depois a que fica embaixo também. Já então sou capaz de me erguer e assim consigo trancar também a de cima. Depois disso eu me ponho sobre meus joelhos outra vez e rastejo por entre os móveis na direção da escadaria. Ao fazer isso, furto-me à observação da janela.

Chego à porta oposta e, ao deixar o escritório, dou uma olhadela nervosa por cima de meus ombros, em direção à janela. Lá fora, na noite, parece-me ver de soslaio alguma coisa

impalpável, mas pode ser somente uma impressão. Então eu chego ao corredor, e à escadaria.

Chegando ao meu quarto de dormir, trepo na minha cama, todo vestido como ainda estou, e puxo os cobertores. Então, depois de um longo tempo, começo a recuperar a minha autoconfiança. É impossível dormir, mas me sinto bem pelo calor das cobertas. Então começo a tentar pensar sobre as coisas da noite passada, mas, embora não consiga dormir, vejo que é impossível, não dá para obter pensamentos conectados. Minha mente parece estranhamente vazia.

Com a proximidade da manhã eu começo a me virar na cama, agitado. Não consigo descansar e logo saio do leito e piso no chão. O amanhecer de inverno começa a entrar pelas janelas e a mostrar o precário conforto deste velho quarto.

Estranhamente, após tantos anos, nunca me ocorrera o quanto esse lugar é lúgubre. E assim o tempo passa, e amanhece.

De algum lugar lá embaixo sobe-me um som. Vou até a porta do quarto e ouço. É Mary, mexendo na grande e velha cozinha, preparando o desjejum. Sinto-me pouco interessado. Não tenho fome. Meus pensamentos, porém, continuam fixos nela. Quão pouco os acontecimentos estranhos desta casa parecem afetá-la. Exceto pelo incidente com as criaturas do Abismo, ela

parece sempre inconsciente de qualquer coisa incomum acontecendo. Ela é velha, como eu, mas nós temos muito pouco a ver um com o outro. Será porque temos tão pouco em comum, ou porque, sendo velhos, nos preocupamos menos com companhia do que com silêncio?

Estes e outros temas me passam pela cabeça enquanto medito, e ajudam-me a distrair a atenção, por um momento, dos pensamentos opressivos sobre a noite.

Depoi de um tempo eu vou até a janela e abro, olho para fora. O sol está acima do horizonte e o ar, embora frio, está suave e limpo. Gradualmente o meu cérebro se desanuvia e uma sensação de segurança provisória me atinge. Algo mais alegre, desço as escadas e saio ao quintal para ver o cão.

Ao me aproximar do canil, encontro o mesmo fedor de mofo que me assaltara junto à porta na noite anterior. Superando um medo momentâneo, chamo pelo cão, mas ele não atende e então, depois de chamar outra vez, jogo um pedregulho dentro do canil. Com isso ele se mexe, debilmente, e eu grito o seu nome de novo, mas não me aproximo. Então minha irmã sai e se junta ao meu esforço para atraí-lo para fora do canil.

Em um instante o pobre bicho se ergue e manquitola titubeantemente. À luz do dia ele fica de pé oscilando de um lado para o outro e piscando os olhos estupidamente. Noto ao olhar que a horrível ferida está maior, muito

maior, e parece ter uma aparência esbranquiçada, de micose. Minha irmã faz menção de acariciá-lo, mas eu a impeço, explicando que acho melhor não tocá-lo nem ficar perto dele por uns dias, já que é difícil saber o que pode haver de errado com ele, e é bom ter cuidado.

Um minuto depois ela nos deixa e retorna em seguida com uma bacia de restos de comida. Ela os deposita no chão, perto do cão, e eu empurro para seu alcance com a ajuda de um galho de arbusto. Porém, mesmo a carne sendo tentadora, ele não a percebe, mas retorna ao seu canil. Ainda tem água em sua vasilha e então, depois de conversar por um momento, minha irmã e eu voltamos para casa. Posso ver que minha irmã está muito curiosa sobre qual pode ser o problema com o animal, mas seria loucura sequer lhe dar pistas sobre a verdade.

O dia passa sem mais novidades, e a noite logo vem. Estou determinado a repetir o meu experimento da última noite. Não posso dizer que isto seja sábio, mas já tomei a decisão. No entanto, desta vez tomei precauções, pois prendi com pregos

grossos cada uma das três trancas da porta que se abre para o jardim. Isto vai prevenir pelo menos que aconteça outra vez o mesmo perigo da última noite.

De dez da noite às duas e meia eu vigio, mas nada acontece. Então, finalmente, vou tropeçando até a cama, onde logo adormeço.

CAPÍTULO XXVI

O Ponto Luminoso

Eu acordei de repente. Ainda está escuro. Viro-me uma vez ou duas em minha tentativa de ainda dormir, mas não consigo. Minha cabeça dói levemente e eu me sinto alternadamente frio e quente. Logo desisto da tentativa e estendo a mão para pegar fósforos. Acenderei uma vela e lerei um pouco, talvez então eu consiga dormir. Por uns momentos tateio, então a minha mão alcança a caixa; mas ao abri-la assusto-me ao ver um ponto de luz fosforescente brilhando na escuridão. Estendo minha outra mão e o toco. Ele está no meu punho. Com uma vaga sensação de alarme eu risco um palito rapidamente e olho, mas nada vejo, a não ser um minúsculo arranhão.

“Impressão!”, eu murmuro, com um suspiro de quase alívio. Então o fósforo queima meu dedo e eu o deixo cair. Enquanto tateio em busca de outro a coisa brilha outra vez. Percebo, então, que não é uma mera impressão.

Desta vez eu acendo a vela e examino o local mais de perto. Há uma ligeira descoloração esverdeada em torno do arranhão. Fico confuso e preocupado. Então me vem um pensamento. Na manhã seguinte ao aparecimento da Coisa, o cão lambera a

minha mão. Foi esta mão, que tem o arranhão, embora não tenha tomado consciência desta profanação até agora. Um medo horrível está em mim. Ele se arrasta até meu cérebro: a ferida do cão brilha à noite. Com uma sensação de estupor eu me sento de lado na cama e tento pensar, mas não posso. Minha mente parece entorpecida pelo horror total desta nova descoberta.

O tempo passa, sem que eu perceba. Uma vez me ergo e tento me convencer de que estou enganado, mas é inútil. Em meu coração não resta a menor dúvida.

Hora após hora eu permaneço sentado e em silêncio, e tremo impotente... O dia chegou, passou, e é noite outra vez.

Pela manhã eu matei o cachorro e o enterrei ao longe entre os arbustos. Minha irmã está assustada e cheia de medo, mas eu estou desesperado. Além do mais, é melhor assim. Aquela intumescência imunda havia quase coberto seu lado esquerdo. Quanto a mim... o lugar no meu punho cresceu visivelmente. Várias vezes eu me peguei murmurando orações... pequenos trechos aprendidos quando eu era criança. Deus, Todo-Poderoso Deus, ajudai-me! Acho que enlouquecerei!

Há seis dias que nada como. É noite. Estou sentado outra vez em minha poltrona. Ah, Deus! Será que alguém já sentiu o horror que encontrei em minha vida? Estou envolvido pelo terror. Sinto continuamente o ardor desta infestação maldita. Ela já cobriu todo o meu lado direito, braço e tronco, e já começa a chegar ao meu pescoço. Amanhã terá chegado à minha face e eu serei uma massa terrível de vida corrupta. Não há escapatória. Porém, um pensamento me ocorreu ao ver a prateleira de armas do outro lado do cômodo. Tenho olhado de novo, com o mais estranho dos sentimentos. A ideia fica mais forte em mim. Deus, Tu sabes, Tu deves saber, que a morte é melhor, é, melhor mil vezes do que isto! Isto! Jesus me perdoe, mas eu não posso, não posso, não posso viver! Não devo ousar viver! Estou além de toda ajuda! Nada mais resta a fazer. Pelo menos me pouparei do horror final...

Acho que cochilei. Estou muito fraco e muito melancólico, tão melancólico e cansado... cansado. O crepitar desta folha de papel irrita o meu cérebro. Minha audição parece sobrenaturalmente aguda. Vou me sentar um pouco para refletir...

“Silêncio! Ouço algo, lá embaixo... nos porões. É um rangido alto. Meu Deus, estão abrindo o grande alçapão de carvalho. O que estará fazendo isso? O arrastar da pena me ensurdece...

mas tenho de ouvir... Ouço passos na escada, estranhos passos de patas, que se aproximam... sobem... Jesus, tenha misericórdia de mim, um velho. Algo está apalpando a maçaneta da porta. Oh, Deus! Ajude-me agora! Jesus... A porta está se abrindo... devagar. Algu...”

E isto é tudo.{29}

Capítulo XXVII – Conclusão

Pus de lado o manuscrito e olhei para o Tonnison: ele estava sentado, contemplando a escuridão. Esperei um minuto e então falei.

— Então?

Ele olhou para mim lentamente. Seus olhos pareciam voltar de uma imensa distância.

— Ele estava louco? — perguntei, indicando o manuscrito com o queixo.

Tonnison me encarou, distraído, por um momento e então sua concentração retornou ele compreendeu subitamente o meu questionamento.

— Não — ele disse.

Abri os lábios para oferecer uma opinião contraditória, pois o meu senso de sanidade nas coisas não me permitiria aceitar o relato literalmente, então cerrei-os de novo, sem nada ter dito. De alguma maneira, a certeza na voz de Tonnison afetara minhas dúvidas. Senti, subitamente, que tinha menos certezas, embora ainda não estivesse convencido.

Depois de uns momentos de silêncio Tonnison se levantou, rígido, e começou a despir-se. Ele parecia pouco inclinado a conversa, então eu não disse nada, e segui seu exemplo. Eu estava cansado, embora ainda estivesse com a cabeça cheia da história que havia acabado de ler.

De alguma maneira, quando eu me enfiei nos cobertores, voltou-me à mente a lembrança dos velhos jardins, tal como os havíamos visto. Lembrei do estranho receio que o lugar tinha causado aos nossos corações e logo percebi, com toda convicção, que Tonnison estava certo.

Acordamos muito tarde, quase ao meio dia, pois a maior parte da noite havíamos passado lendo o manuscrito.

Tonnison estava mal humorado e eu me sentia meio desconexo. Foi um dia meio lúgubre, com um toque de friagem no ar. Nem pensamos em sair para pescar. Comemos e depois ficamos fumando em silêncio.

Então Tonnison me pediu o manuscrito. Eu o entreguei e ele passou a maior parte da tarde lendo-o sozinho. Enquanto ele se ocupava disso um pensamento me veio:

— O que você me diz de dar uma outra olhada no... — e indiquei o rio acima com o queixo.

Tonnison ergueu os olhos.

— Nada! — ele disse, abruptamente, e eu fiquei mais aliviado do que ofendido por sua resposta. Depois disso eu o deixei sozinho.

Pouco antes da hora do chá ele me procurou:

— Desculpe, velho amigo, se eu fui um pouco grosso com você agora há pouco — “agora há pouco”, ele disse, mas tínhamos ficado sem nos falarmos por mais de três horas — mas eu não volto lá de novo — e ele indicou onde com a cabeça — por nada que você possa me oferecer. Argh!

E ele parou de falar na história de terror, esperança e desespero daquele homem.

Na manhã seguinte acordamos cedo e fomos nadar como de costume. Tínhamos em parte esquecido a depressão do dia anterior e então pegamos nossas varas depois do desjejum e passamos o dia em nosso esporte favorito.

Depois desse dia nós aproveitamos nossas férias ao máximo, embora ansiosos pelo momento em que o cocheiro viria nos buscar, pois estávamos ambos tremendamente ansiosos para perguntar-lhe, e através dele perguntar às pessoas do vilarejo, se alguém poderia nos dar alguma informação sobre o estranho jardim que jazia esquecido no coração daquele pedaço quase desconhecido do país.

Por fim chegou o dia em que esperávamos que o cocheiro viria buscar-nos. Ele veio cedo, quando ainda estávamos deitados, e

a primeira coisa que vimos foi ele abrindo a tenda e nos perguntando se tivéramos boa pesca. Respondemos que sim e então, os dois juntos quase em uníssono, fizemos a pergunta que estava mais premente em nossas mentes: se ele sabia algo do velho jardim, do grande buraco e do lago, situados a alguns quilômetros de distância, rio abaixo, ou se ele alguma vez soubera de uma grande casa ali por perto.

Não, ele não sabia e não tinha conhecimento de nada parecido, mas ele ouvira um rumor, muito tempo antes, sobre uma grande e velha casa isolada nos campos selvagens, mas — se ele se lembrava bem — era um lugar deixado para as fadas ou — se não fosse assim — ele tinha pelo menos a certeza de que havia algo estranho a respeito dele e, de qualquer maneira, ele não ouvia mais nada sobre isso há muito tempo — pelo menos não desde seus dias de pirralho. Não, ele não se lembrava de nada em particular sobre o lugar e, de fato, ele não se lembrava de nada, nada mesmo, antes que nós lhe perguntássemos.

— Veja então — disse Tonnison, ao ver que isso era tudo que ele podia nos dizer — se pode dar uma passada no povoado, enquanto nos vestimos, e descobrir alguma coisa.

Com uma saudação enigmática o homem saiu em sua busca, enquanto nos apressávamos em vestir nossas roupas, depois do que começamos a preparar o desjejum.

Estávamos ainda começando a comer quando ele retornou.

— Tão tudo na cama os preguiçoso, s'ôr — ele disse, com uma repetição da saudação e um olho guloso sobre

as coisas que tínhamos disposto sobre o cesto de provisões que usávamos como mesa.

— Ah, bem, sente-se então — respondeu o meu amigo — e coma alguma coisa aqui conosco — o que o homem fez sem mais demora.

Depois do desjejum, Tonnison mandou-lhe de novo na mesma busca, enquanto descansávamos e fumávamos. Ele ficou fora por três quartos de uma hora e quando voltou era evidente que ele tinha descoberto alguma coisa. Ele parecia ter conversado com um velho do povoado que, provavelmente, sabia mais sobre a estranha casa do que qualquer pessoa viva — embora ainda fosse pouco.

A substância desse conhecimento era que na juventude do velhote — e só Deus sabe há quanto tempo foi isso

— havia uma grande casa no centro dos jardins, onde hoje só resta aquele fragmento de ruína. Tal casa estivera vazia por muito tempo, desde muito antes do nascimento do velhote. Era um lugar evitado pela gente do povoado, tal como fora evitado por seus pais antes deles. Muitas eram as coisas ditas sobre ele, e todas eram más. Ninguém jamais se aproximara de lá, nem de dia e nem de noite. Para a gente do povoado, a casa era sinônima de tudo que fosse ímpio e horrível.

E então, um dia, veio um homem, um estrangeiro, que passou a cavalo pelo povoado e se dirigiu ao rio, na direção da Casa, tal como a gente de lá a chamava. Algumas horas depois ele cavalgou de volta, seguindo a trilha pela qual viera, na direção de Ardrahan. Então, por três meses ou mais, nada se ouviu falar. Ao fim desse tempo ele reapareceu, mas estava acompanhado de uma senhora idosa e de um grande número de burros, carregados de vários artigos. Eles passaram pelo povoado sem parar, e foram direto para a margem do rio, na direção da Casa.

Desde então ninguém viu ou ouviu falar dos dois, a não ser o homem que tinham contratado para trazer-lhes suprimentos

mensais de Ardrahan, e mesmo este ninguém jamais tentou fazer falar, apenas sabiam que ele era bem pago pelo seu incômodo.

Os anos se passaram sem grandes novidades no pequeno povoado, com o homem fazendo suas viagens mensais, regularmente.

Um dia ele apareceu como de costume em seu trajeto. Ele tinha passado pelo povoado sem fazer mais que um gesto rude aos habitantes e se dirigido à casa. Normalmente ele só teria voltado à noite. Mas daquela vez ele reapareceu no povoado poucas horas depois, extraordinariamente excitado e com uma informação bombástica de que a Casa tinha desaparecido totalmente e que um abismo estupendo então se abria no lugar onde ela tinha estado.

Tais novidades, ao que parece, excitaram tanto a curiosidade dos habitantes do povoado que eles superaram os seus medos e marcharam em massa para lá. Ali encontraram tudo como fora descrito pelo comerciante.

Isto foi tudo que pudemos saber. Sobre o autor do manuscrito, quem era e de onde veio, talvez nunca saibamos.

Sua identidade, tal como parece ter sido o seu desejo, está sepultada para sempre.

Naquele mesmo dia nós deixamos o solitário povoado de Kraighen. Até hoje não voltamos lá.

Às vezes, em meus sonhos, vejo aquele enorme buraco, cercado como está por arbustos e árvores selvagens. E o ruído da água se ergue e se mescla, em meu sonho, com outros ruídos, mais baixos, enquanto por sobre tudo se estende um manto eterno de gotículas.

Luto

Uma fome feroz reina em meu peito, {30} Eu não sonhara que todo esse mundo, Esmagado nas mãos de Deus, ainda traria Tão amarga essência de inquietude, Tanta dor quanto a Tristeza arrancou

De seu terrível coração, destrancado!

Cada soluço que respiro mal é um choro, O pulsar de meu peito
repica de agonia E minha mente inteira pensa apenas Que
nunca mais nesta vida poderei eu (A não ser na dor da
lembrança)

Tocar tuas mãos, que agora são nada!

Por todo o vácuo da noite eu procuro, Estupidamente gritando
por ti;

Mas tu não estás, e o trono vasto das trevas Torna-se a
estupenda igreja

Com sinos de estrelas que repicam em mim Que sou, de todo o
universo, o mais só.

Esfomeado, me arrasto para as margens, Talvez algum
conforto me aguarde

No coração eterno do antigo Oceano; Mas eis que da
profundeza solene Distantes vozes saídas do mistério

Parecem perguntar-me por que nos separamos!

Aonde quer que eu vá estarei sempre só, Eu que tive através de
ti todo o mundo. Meu peito é uma imensa chaga viva

Para onde o vazio da vida é jogado,

Porque quem eu tive agora foi-se para Onde tudo é nada, e nunca retorna!

Algumas Palavras Sobre a Obra de William Hope Hodgson

Vocês que acompanham este blog devem ter notado que iniciei um projeto de tradução do romance “The House on the Borderland”, a que intitulei “A Casa no Fim do Mundo” (o título significaria, literalmente, “A Casa Sobre a Fronteira”, mas isto faria pouco sentido para o leitor, razão porque preferi mudar). Como a obra é desconhecida no Brasil (apesar de ter sido escrita no início do século XX e até já estar, inclusive, em domínio público), alguns podem estar perguntando o que motivou a minha decisão de traduzi-la — e qual a relevância literária de um tal trabalho. Este artigo pretende responder, ao menos em parte, este tipo de questionamento.

Antes de mais nada devo dizer que não devemos nos limitar unicamente a fazer aquilo que é grande e que é relevante. Não devemos ler somente o que é clássico, nem devemos ouvir apenas a música que faz mais sucesso atualmente. É na diversidade que se acha o prazer da vida, como diz um sábio ditado: o que seria do azul se todos gostassem do amarelo. Minha decisão de traduzir a obra de William Hope Hodgson; ainda inédita em português, pelo que me consta; motiva-se

principalmente pelo desejo de trazer o autor ao conhecimento de um público maior. Seria tolice minha afirmar que Hodgson é um clássico esquecido ou um gênio incompreendido da literatura: não tenho gabarito para tais afirmações. O que afirmo é que se trata de um autor que vale a pena ler, mas que quase ninguém no Brasil já leu, pelo simples fato de não ter acesso à sua obra em nossa língua. Traduzindo-a, permitirei que mais pessoas a conheçam e possam achar motivos próprios para gostar dela.

Um segundo motivo importante é a relevância deste autor para um gênero literário que está em voga atualmente: a literatura “fantástica” (aqui um rótulo abrangente para incluir ficção científica, fantasia, terror, mitologia, ficção histórica e outros temas que se cruzam facilmente na obra de seus maiores expoentes).

Hodgson foi um pioneiro do gênero que hoje é chamado de “new weird”, que consiste em justamente empregar com liberdade os temas acima mencionados, e outros inclusive. Há cem anos, este inglês (aparentado com irlandeses) mesclava reencarnação, piratas do Caribe, cosmologia, histórias de marinheiro, romances platônicos, literatura gótica, lendas célticas, arquétipos mitológicos, teorias de psicologia e outras coisas, resultando em um universo caótico e rico.

Hodgson foi autor de uma obra extensa, caracterizada pela virilidade e autoconfiança de seus personagens, que no entanto não são sempre meros homens de ação. De sua obra, dois romances saltam à vista, pela grande qualidade de sua concepção e por estarem intimamente relacionados pelo tema: “A Terra Noturna” (The Night Land) e “A Casa no Fim do Mundo” (The House on the Borderland). Embora, à primeira vista, ambos sejam muito diferente (quanto à linguagem e à construção dos personagens, principalmente), os dois se complementares no aspecto da cosmogonia envolvida: uma cosmogonia pessimista que reflete muito o estado de espírito dos homens da Belle Époque.

“A Casa no Fim do Mundo” narra a história de um nobre irlandês, o nome nunca é dito, que se isola em uma antiga e estranha mansão, no extremo oeste do país, o chamado Gaeltacht — a região onde todo mundo falava (pelo menos na época em que a história se passa) apenas a língua irlandesa céltica. A casa, ele comprara por um preço irrisório, devido à fama de mal-assombrada, que lhe havia deixado sem morador por quase um século.

Nesta casa encontramos o narrador, cuja história nos chega através do “manuscrito” achado pelos senhores Tonnison e Berreggnog (uma estranha dupla de ingleses que, sabe-se lá

por que motivo, resolveu acampar bem no meio do nada, em uma região da Irlanda cujo povo nem sabia inglês). Ele está diante de um mistério: a aparição de misteriosas criaturas de aparência suína, que passaram a atacá-lo desde que teve um transe que

durara um dia inteiro, durante o qual obteve um vislumbre do universo. Acompanhamos este irlandês sem nome, que ali vive sozinho com uma irmã mais velha, chamada somente de “Mary”, enquanto enfrenta os tais caras de porco. Depois o seguimos em suas explorações do terreno, juntamente com ele fazemos interessantes descobertas sobre sua casa até, por fim, mergulharmos com ele em um gigantesco pesadelo cósmico que vai além de tudo quanto podemos imaginar e cujas consequências fogem não apenas às leis básicas da ciência, como vão até contra os princípios mais comuns da lógica narrativa. Tão poderosa e estranha é a narrativa da segunda parte do romance, cujo tom quase psicodélico deixa o leitor quase todo o tempo “sem chão”, que não são poucos os leitores que a rejeitam, não são poucos os que dizem que o romance “teria sido melhor” caso tivesse somente a primeira parte.

Gosto é gosto, uma afirmação tautológica até inútil, mas é verdade que sem a segunda parte “A Casa no Fim do Mundo”

mereceria menos atenção, seria apenas uma história de horror bem material, sobre um esquisitão recluso enfrentando porcos espertos (ou algo assim). Certamente menos interessante do que o redemoinho de ideias a que a segunda parte tenta nos levar. Mas é justamente nesse redemoinho que está a parte que mais interessa a respeito de Hodgson: ali está sua singular concepção de um universo fantástico que mescla cosmologia clássica (pré-relativística) com elementos da mitologia grega, teorias de reencarnação, engenharia militar, ideais esportivos (fisculturismo) e ideologia nacionalista. Uma senhora barafunda, que resulta em um universo fantástico original, muito diferente do padrão tolkieniano de elfos, dragões, feiticeiros e frágeis civilizações perdidas ambientadas numa idade média imaginária. Apenas para atiçar a curiosidade dos leitores, a inspiração de Hodgson não é um passado decadente, mas um futuro inevitável.

Hodgson não é um autor habilidoso com as palavras. Sua narrativa nunca soa redonda, devido à frequência irritante com que repete expressões e palavras, devido à pouca variedade da sintaxe e asperezas diversas. Os seus defeitos ainda foram exacerbados por sua tentativa de ir além dos limites de sua cultura, imitando canhestramente a linguagem de autores barrocos e neoclássicos sem ter vocabulário ou conhecimento filológico para isso. Tais defeitos são bem menos pronunciados em “A Casa no Fim do Mundo”, que está vazada numa

linguagem mais chã e quase estudantil, mas prejudicam de modo terrível o seu melhor e mais relevante romance, “Terra Noturna”, a ponto de muitos críticos recomendarem que capítulos inteiros sejam saltados durante a leitura, ou que seja lido em versões resumidas. No entanto, uma tradução cuidadosa, enxugando um pouco dos defeitos da prosa de um autor que pouco interagiu com a crítica ou com outros autores, revela a força imaginativa de um homem à frente de seu tempo em uma variedade de aspectos, que, porém, ainda assim, de outras maneiras, era preso a convenções e ideais do passado, como a castidade pré-nupcial, o romance cortês, os valores cavalheirescos e a força de uma religiosidade heterodoxa (Hodgson era espiritualista) que parecia, naquela era de fascínio pela ciência, uma sombra do medievo a repousar sobre seu caráter.

E tal tradução nos permitirá apreciar, em Hodgson, um gênero literário que estava ainda em sua infância, uma época em que ainda não havia se fixado na repetitividade que o caracterizou depois.

{1} Uma interpolação que aparentemente não tem sentido. Não consigo achar no manuscrito nenhuma referência prévia a esse tema. Ela se torna mais clara, porém, à luz dos fatos narrados a seguir — Nota do editor.

{2} Como o Capítulo XIV é bem menor do todos os outros e estes fragmentos não são muito significativos, optei por postar os dois no mesmo dia, para não alongar desnecessariamente, para os que estão acompanhando, o tempo necessário para a leitura do romance. Até a próxima semana.

{3} Aqui a escrita se torna indecifrável, devida à condição danificada desta parte do manuscrito. Abaixo transcrevo os fragmentos que estão legíveis.— Nota do Editor.

{4} Nem mesmo a mais severa análise me permitiu decifrar nada mais desta parte danificada do manuscrito. Ele começa a ficar novamente legível no início do capítulo intitulado “O Ruído na Noite” — Nota do Editor.

{5} O autor provavelmente se refere, de uma forma indireta, à crença tradicional, não totalmente esquecida no início do século xx segundo a qual os movimentos dos planetas produziam ruídos constantes e característicos que, combinados, resultavam naquilo que então se chamava “música das esferas”.

{6} O Recluso usa esta expressão de uma forma meramente ilustrativa, evidentemente recorrendo à concepção popular do que seria um cometa — Nota do Editor.

{7} No original o autor emprega uma metáfora extraída do críquete, que seria incompreensível ao leitor brasileiro. Por esta razão, preferi substituí-la por outra, relacionada ao boliche, um esporte mais próximo do imaginário nacional

— Nota do Tradutor.

{8} Devido à época em que esta obra foi originalmente publicada, o autor não teria como saber a real velocidade de rotação do sol (mencionada acima) ou os processos envolvidos na decadência e morte de uma estrela. Neste aspecto, em particular, um autor moderno teria dito que o sol havia realmente crescido, e não que a Terra se aproximara dele — Nota do Tradutor.

{9} Não é será feita nenhuma menção posterior à Lua. A partir do que aqui é dito, fica evidente que o nosso satélite teria se distanciado bastante da Terra. Possivelmente, em uma era mais tardia, ele poderia ter até mesmo se desprendido de sua atração. Não posso senão lamentar que nenhum esclarecimento seja feito quanto a esse ponto. — Nota do Editor.

{10} Possivelmente o ar congelado — Nota do Editor.

{11} Na hipótese de ocorrer um resfriamento da terra suficiente para fazer a atmosfera cair em forma de neve, isto não seria, de fato, suficiente para cobrir todo o planeta (como Hodgson corretamente descreve), pois a massa total da atmosfera é cerca de trezentas vezes menor que a massa total dos oceanos — Nota do Tradutor.

{12} Ver as notas prévias. Isto explicaria a neve (?) pelo cômodo — Nota do Editor.

{13} Conforme o autor já mencionou anteriormente, à medida em que o sol perdia luminosidade a Terra se aproximava dele e girava mais devagar. Este processo, curiosamente, está de acordo com os princípios da gravitação, mais uma vez evidenciando que Hodgson pesquisou antes de escrever, pois a uma proximidade muito grande do Sol, a gravidade deste faria com que a duração dos dias e anos passasse a coincidir, um fenômeno conhecido como “acoplamento de maré”. Inclusive o afastamento da Lua é algo predito pela astronomia — Nota do Tradutor.

{14} Fico confuso que nem aqui e nem mais tarde o Recluso faça qualquer menção da continuidade do movimento Norte-Sul (movimento aparente, é claro) que o sol deveria executar de solstício a solstício — Nota do Editor. A falta desta menção é compreensível se supusermos que a aproximação em relação ao sol também teve o efeito de mudar o eixo de rotação da Terra, tornando-o em ângulo reto com o plano da eclíptica — Nota do Tradutor.

{15} Neste ponto a capacidade de propagação sonora da atmosfera já deveria estar incrivelmente atenuada ou, mais provavelmente, ser inexistente. Tendo isto em vista, não podemos supor que estes ruídos, ou quaisquer outros, teriam sido perceptíveis por ouvidos vivos, audíveis de uma forma que nós, que vivemos em corpos materiais, pudéssemos entender ou sentir — Nota do Editor.

{16} Esta dúvida do autor, bem como outras descrições feitas por ele, sugerem que o Sol por ele concebido seria, ou teria se tornado, um corpo celeste sólido. Este paradigma era aceitável na época, considerando as teorias de Lord Kelvin sobre a origem das estrelas e o mecanismo de seu funcionamento — sobre as quais não cabe falar nestas breves notas. Não devemos, portanto, imaginar que “A Casa no Fim do Mundo” ou “A Terra Noturna” sejam obras de pura fantasia.

{17} Só posso supor que o tempo da jornada anual da Terra tinha deixado de ter sua relação presente com o período da rotação do Sol — Nota do Editor. Na verdade, ao contrário do que se supunha na época de Hodgson, a duração do ano terrestre não tem nenhuma relação com o período de rotação do sol, que é de vinte e cinco dias — Nota do Tradutor.

{18} Uma leitura atenta do manuscrito sugere que ou o sol estava percorrendo uma órbita de grande excentricidade ou então estava se aproximando da estrela verde em uma órbita decadente. E nesse momento eu imagino que ele finalmente fora arrancado de seu curso oblíquo pela atração gravitacional da imensa estrela — Nota do Editor.

{19} Deve-se notar aqui que a terra estava “atravessando lentamente a face tremenda do sol morto”. Nenhuma explicação é dada para isso, e devemos concluir que a velocidade do tempo tinha diminuído ou então que a terra

estava realmente avançando em sua órbita a uma razão muito lenta, comparada pelos padrões atuais.

Um estudo cuidadoso do manuscrito, no entanto, me leva a concluir que a velocidade do tempo é que tinha estado diminuindo por um período de tempo considerável — Nota do Editor. O tipo de relação de movimento que ocorre entre a Terra, o sol morto e a estrela verde não é mera fantasia do autor, que os baseou nos movimentos do planeta Vênus, que ocupa em relação à Terra e ao Sol, uma situação análoga à que o sol morto ocupa neste contexto. Vênus nunca apresenta para a Terra uma face “cheia” porque está entre nós e o sol, da mesma forma que o sol tampouco se mostra “cheio” em relação ao narrador. Este é um dos indícios de que Hodgson não recorreu à fantasia ilimitada para construir a sua obra, mas ao que ele julgava ser a ciência de seu tempo (nesse caso temos a astronomia). Os aspectos desta obra que parecem meramente fantásticos são, na verdade, devidos às novas descobertas científicas, que tornaram obsoletas as concepções nas quais Hodgson se baseou. Entre elas, por exemplo, as teorias de Lord Kelvin sobre a evolução estelar, que resultariam em um sol muito menor — e sólido — ao final de umas poucas dezenas de milhões de anos. Hoje se sabe que o sol ainda terá algumas centenas de milhões (talvez até alguns bilhões) de anos pela frente e que uma forma sólida, parecida com um planeta, não será um de seus futuros possíveis — Nota do Tradutor.

{20} Em construções de estilo gótico (como parece ser o caso da estranha casa em que se passa esta história), o arcobotante é uma estrutura exterior que serve de apoio ou contraforte para paredes massivas ou abóbadas. Trata-se de uma espécie de arco de círculo que repousa no chão. Evidentemente os arcobotantes não possuem janelas, mas as paredes pesadas que eles escoram certamente que sim, então o autor provavelmente se refere ao fato de estar vendo através dos arcobotantes depois que as janelas (e talvez as próprias paredes) deixaram de existir por causa do progressivo desmoronamento do edifício — Nota do Tradutor.

{21} A respeito da propagação de sons, ver nota no capítulo XVIII — Nota do Editor.

{22} À luz do conjunto da obra de Hodgson, este conceito que aqui aparece pode ser uma menção à ideia de Deus. Não como um ser dotado de personalidade, claro — Nota do Tradutor.

{23} No Hinduísmo e no Budismo, o termo kalpa é usado para denominar uma era. No Hinduísmo, “kalpa” é o “dia de Brahma” e dura 4,32 bilhões de anos. No Budismo são definidos quatro tipos de “kalpas”, com duração variável, e a extensão total do mais longo deles vai além da duração concebível do próprio universo, atingindo 1,28 trilhões de anos. Considerando que o “kalpa” menor duraria cerca de cem anos apenas, fica difícil imaginar que espaço de tempo estava sendo referido

pelo narrador neste ponto. Aparentemente estes termos eram razoavelmente conhecidos pelo público leitor de Hodgson; ou ele esperava que fossem, pois empregou a palavra sem deixar nenhuma nota de rodapé explicando seu significado — Nota do Tradutor.

{24} Hodgson optou por truncar a narração do Capítulo XIV, de forma que boa parte dos acontecimentos a que o narrador se refere como tendo acontecido no Mar do Sono são ainda desconhecidos para o leitor — Nota do Tradutor.

{25} Este capítulo encerra a chave de uma parte muito significativa do universo ficcional de William Hope Hodgson. Como vemos, ele propunha uma ficção que incorporava a ciência (ainda que a ciência que ele usou esteja hoje obsoleta) e certos conceitos religiosos. Aqui temos uma proposição de que a alma do ser humano é realmente uma entidade separada do corpo físico, imortal e que preserva a inteligência e a memória do indivíduo. Junte-se a isso a frequência com que o personagem ora, e as repetidas evocações do nome de Deus, e percebemos que o autor era profundamente religioso, e possivelmente via em sua obra uma tentativa legítima de reimaginar a mitologia escatológica das religiões num contexto científico. O sucesso de tal empreitada, cabe ao leitor e à crítica definir — Nota do Tradutor.

{26} É curioso que Hodgson, escrevendo em 1907, em uma época na qual grandes explosões ainda eram uma rara novidade, que praticamente ninguém tinha visto, tenha tido a capacidade de antever que uma explosão de grandes, cósmicas proporções, teria o formato de um cogumelo — Nota do Tradutor.

{27} A sensação de tempo aqui referida pelo narrador parece ser completamente aleatória, se considerarmos tudo que anteriormente foi dito, e não reflete de forma alguma o tempo real.

{28} Sem dúvida, a massa do Sol Central morto, envolta em chamas, vista de uma outra dimensão — Nota do Editor.

{29} A partir desta palavra interrompida é possível acompanhar, no manuscrito, uma fina linha de tinta, sugerindo que a pena saiu pela borda da página, talvez devido ao medo e à surpresa — Nota do Editor.

{30} Estas estrofes se achavam, a lápis, em um trapo de gorro de palhaço grudado na folha de rosto do manuscrito. Elas têm toda a aparência de terem sido escritas em uma data anterior à deste — Nota do Editor.

InfoLivros.org

